

verve

39
—
2021

Revista do NU-SOL — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP



verve

verve

Revista Semestral do Nu-Sol — Núcleo de Sociabilidade Libertária
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP

39

2021

VERVE: Revista Semestral do NU-SOL - Núcleo de Sociabilidade Libertária/
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP.
Nº39 (Maio 2021). São Paulo: o Programa, 2021 - semestral

1. Ciências Humanas - Periódicos. 2. Anarquismo. 3. Abolicionismo Penal.

I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais.

ISSN 1676-9090

VERVE é uma publicação do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP (coordenadores: Maura P. B. Veras e Miguel W. Chaia); indexada no Portal de Revistas Eletrônicas da PUC-SP, no Portal de Periódicos Capes, no LATINDEX e catalogada na Library of Congress, dos Estados Unidos.

Editoria

Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária.

Nu-Sol

Acácio Augusto, Andre Degenszajn, Beatriz Scigliano Carneiro, Edson Passetti (coordenador), Eliane Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Gustavo Vieira, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Márcia Cristina Lazzari, Maria Cecília Oliveira, Rogério Zeferino Nascimento, Salete Oliveira, Vitor Osório.

Conselho Editorial

Alfredo Veiga-Neto (UFRGS), Cecilia Coimbra (UFF e Grupo Tortura Nunca Mais/RJ), Christian Ferrer (Universidade de Buenos Aires), Christina Lopreato (UFU), Clovis N. Kassick (UFSC), Doris Accioly (USP), Guilherme Castelo Branco (UFRJ), Heliana de Barros Conde Rodrigues (UERJ), Margareth Rago (Unicamp), José Maria Carvalho Ferreira (Universidade Técnica de Lisboa), Pietro Ferrua (CIRA – Centre Internationale de Recherches sur l’Anarchisme), Rogério Zeferino Nascimento (UFPB), Silvana Tótora (PUC-SP).

Conselho Consultivo

Dorothea V. Passetti (PUC-SP), João da Mata (SOMA), José Carlos Morel (Centro de Cultura Social – CSS/SP), José Eduardo Azevedo (Unip), Maria Lúcia Karam, Nelson Méndez (Universidade de Caracas), Silvio Gallo (Unicamp), Stéfanis Caiaffo (Unifesp), Vera Malaguti Batista (Instituto Carioca de Criminologia).

ISSN 1676-9090

verve

revista de atitudes. transita por limiares e instantes arruinadores de hierarquias. nela, não há dono, chefe, senhor, contador ou programador. verve é parte de uma associação livre formada por pessoas diferentes na igualdade. amigos. vive por si, para uns. instala-se numa universidade que alimenta o fogo da liberdade. verve é uma labareda que lambe corpos, gestos, movimentos e fluxos, como ardentia. ela agita liberações. atíça-me!

verve é uma revista semestral do nu-sol que estuda, pesquisa, publica, edita, grava e faz anarquias e abolicionismo penal.

Intervalos,

Poemas de Louise Michel de 1870 a 1890.

Tradução do francês por Edgard de Assis Carvalho,
coordenador do Complexus e vice-presidente do IEC.

sumário

- dossiê a comuna de paris
11 *dossier the paris commune*
Claire Auzias, Diego Lucato Bello & Voltairine de Cleyre
- 20 em 21
56 *20 in 21*
[página única 1]
Nu-Sol
- anarquismo e sindicalismo — nota
61 *anarchism and syndicalism — note*
Rogério Nascimento
- anarquismo e sindicalismo — 2ª parte
65 *anarchism and syndicalism — 2nd part*
Florentino de Carvalho
- sobre o militantismo e antimilitarismo anarquista
(ou guerra à guerra)
100 *on anarchist militantism and antimilitarism (or war on war)*
[página única 2]
Nu-Sol
- ... e o mundo acabou, mais uma vez
111 *... and the world has ended, one more time*
Edson Passetti
- os limites do controle
143 *the limits of control*
William S. Burroughs
- lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste
155 *lawrence ferlinghetti: a tongue that resist*
Gustavo Simões

- nelson méndez
169 *nelson méndez*
José Maria Carvalho Ferreira, El Libertario & Pascual

resenhas

- abundância na escassez: o prazer do sabor anarquista
184 *abundance in scarcity: the pleasure of anarchist flavor*
Eliane Carvalho
- captura decolonial
192 *decolonial capture*
Vitor Osório

verve 39 avança com mulheres e homens corajosos. comemoramos os 150 anos da comuna de paris. no ritmo intenso dos poemas de louise michel, traduzidos por edgar de assis carvalho; nos ensaios de claire auzias, diego lucato bello, voltairine de cleyre; as memórias da singular revolta irrompida em 1871 seguem reverberando no agora. acompanhando os efeitos communards, entre eles a expansão dos anarquismos, a revista apresenta o artigo de florentino de carvalho sobre os efeitos do sindicalismo nos combates ácratas das primeiras décadas do século XX. diante da criação e proliferação atual da ideia de fim do mundo, nossa **39** traz edson passetti e a incessante invenção, no presente, de maneiras de existir militantistas. a seguir, lembramos o pensamento radical de william burroughs, em texto inédito acerca dos limites do controle e a generosa rebeldia do poeta e editor (amigo de burroughs) lawrence ferlinghetti, por gustavo simões. josé maria carvalho ferreira e integrantes de el libertário como pascual, recordam a vitalidade de nelson méndez, anarquista venezuelano morto em decorrência da Covid-19. eliane carvalho abre as resenhas deliciosamente, relacionando dois prazeres, comida e anarquia, comentando precisamente o último livro de nelson. e por fim, vitor osório, problematiza a atualidade dos embates libertários e das lutas políticas contemporâneas ao sul do nosso vasto continente. **verve 39** avança, vaga precisa, onda irresistível. feito o poema de louise michel ela ruge.

ruge e urge como o mar.

BARDIT (canto de guerra)

Harpas do vento,
Vibrem intensamente na tormenta,
A voz estrondosa do oceano
Ruge como uma gigante fanfarra;
O combate é terrível e árduo.
Harpas do vento,
Vibrem intensamente na tormenta.

Façam circular o copo com hidromel.
Lá adiante, vocês escutam o estrondoso barulho do
mar?
Escutam vocês essa trompa que toca?
De longe, o vento noroeste faz o apelo.
Vamos pegar o espadim e o machado de pedra;
Os lobos já uivam na charneca
E o negro céu se enche de voos de pássaros.
Amanhã nossos corpos enrijecidos estarão sob a terra,
Nossos claros cabelos estarão no ninho dos corvos.

Harpas do vento, vibrem intensamente na tormenta.
Que a potente voz do oceano
Homenageie aqueles que algum dia morrerão.
O combate é terrível e árduo.
Harpas do vento, vibrem intensamente na tormenta.

150 anos da comuna 1871-2021

claire auzias

Como todos vocês sabem, a história da Comuna de Paris foi monopolizada e sequestrada durante cem anos pelos partidos comunistas internacionais, que viam esse acontecimento o ato fundador daquilo que veio a se tornar o comunismo bolchevique. Todos os atores e todos os atos da Comuna tornavam-se *ipso facto* comunistas, PORQUE *COMMUNARDS*. Karl Marx foi o grande responsável por essa apropriação, com seu texto: “A guerra civil na França”.

Assim, o acontecimento principal de hoje é poder celebrar a Comuna sem essa hipoteca, graças à ruína internacional dos partidos comunistas.

Para começar, nós o chamaremos O MOVIMENTO COMUNALISTA, como faziam os combatentes da Comuna, que assim designavam a si próprios. Pois a Comuna de Paris é um acontecimento nacional, e não local. Ele não se restringe à cidade de Paris, pois inúmeras comunas nas cidades industriais apoiaram a Comuna

Claire Auzias é uma historiadora, hoje aposentada, de história social contemporânea e socióloga que dedicou muitos anos especialmente aos Roms e aos Ciganos da Europa. Anarquista individualista e autora de vários livros em língua francesa atuou, particularmente, junto ao Socius, do ISEG de Lisboa, entre 2009-2012. Vive atualmente em Paris. Contato: claireauzias@gmail.com

de Paris e partilharam suas metas e seus meios de ação. Dessa maneira, houve Comunas em Lyon, Marseille, Limoges, Saint-Étienne, Narbonne, Périgueux, Isère, Toulouse e Bordeaux. E, sem dúvida, em outros lugares que ainda não foram estudados. Os comunalistas de Paris apelaram à solidariedade de seus semelhantes em outras cidades do país e estas responderam favoravelmente. Portanto, é uma interpretação falsa, dada *a posteriori* pelos *anticommunards*, afirmar que o país estava cortado em dois, com a Comuna em Paris de uma parte, isolada, e o resto do país *anticommunard*, de outra. Realmente, o país estava cortado em dois, mas não no sentido geográfico. De um lado, havia os monarquistas e os republicanos conservadores, encabeçados por Thiers, em um partido chamado “os rurais” porque havia proprietários de terra, monarquistas, em seu interior. E de outra parte, havia os comunalistas, por todo o país, que apoiavam a insurreição parisiense e o comitê federal do *Hôtel de Ville*.

Sem superestimar o papel desempenhado pela Primeira Internacional na Comuna de Paris, é importante saber que vários de seus membros a partir de 1864, engajaram-se completamente na Comuna de Paris, desde o início até seu massacre. Assim, podemos lembrar de Eugène Varlin, Benoit Malon, Gustave Lefrançais e Élisée Reclus, no que se refere a Paris, Bastelica em Marselha e Albert Richard e Louis Palix em Lyon. E muitos outros. Entre as mulheres, sabemos que Nathalie Lemel foi internacionalista, assim como André Léo. Todos esses militantes eram membros da tendência antiautoritária da Primeira Internacional e bakuninistas, e em seguida se tornaram membros do que foi nomeado “a minoridade” no comitê federal da Comuna. Mas existiu ao menos uma internacionalista marxista:

Elisabeth Dimitriev, aristocrata russa a quem Marx conferiu mandato em seu nome na Comuna.

Desse modo, embora seja incorreto falar de anarquistas na Comuna de Paris — visto que o movimento anarquista foi fundado em consequência da Comuna em Saint-Imier em 1872, portanto um ano mais tarde — é importante lembrar dos numerosos militantes bakuninistas e antiautoritários que animaram a Comuna, apesar de não serem majoritários. O preponderante das tropas dos militantes da Comuna eram blanquistas, ou seja, ultra-autoritários, e até mesmo ditatoriais, como ressaltam os minoritários. Raros eram os marxistas, pois essa ideologia ainda não tinha penetrado os revolucionários franceses, que eram massivamente impregnados de Proudhon.

A Comuna de Paris não é um acontecimento espontâneo, que teria eclodido por encanto em 18 de março, em Montmartre, e morrido em 28 de maio, no sangue. Pois para cada um dos 72 dias contados para as deliberações dos conselhos da Comuna por distrito e no *Hôtel de Ville*, houve anos de preparação e anos de consequências da Comuna de Paris.

Embora ainda não haja atualmente uma síntese confiável e histórica sobre o conjunto da Comuna na França, — devido à cegueira dos ideólogos autoritários que se apoderaram ulteriormente desse episódio da emancipação revolucionária —, eu gostaria de lembrar o seguinte: durante o reinado de Napoleão III, dito “O Segundo Império”, os revolucionários de 1848, vencidos, reuniram-se em clubes republicanos clandestinos, nos quais arquitetaram seu pensamento. Os dois *mâitres à penser* indiscutíveis dessa época foram Proudhon e Victor Hugo. A partir de

1864, uma lei autorizou novamente as reuniões públicas e as associações. Assim, esses clubes se tornaram públicos e continuaram suas conferências e reuniões educativas. Inúmeras atividades revolucionárias prepararam a eclosão da Comuna. Por exemplo, Eugène Varlin e Nathalie Lemel fundaram “As marmitas operárias”, uma sopa popular para ajudar os grevistas necessitados, por volta de 1865. Mas, que eu saiba, esse período do Segundo Império, do ponto de vista das oposições revolucionárias republicanas, não foi estudado, e permanece bastante desconhecido em nossos dias. Darei apenas o exemplo célebre de Louise Michel, que se tornou anarquista após a Comuna de Paris e era uma admiradora de Victor Hugo sob o Segundo Império, depois uma blanquista (adepta de Auguste Blanqui) convicta durante a Comuna. Ela frequentou os clubes republicanos durante vinte anos antes da Comuna de Paris, onde conheceu todos os republicanos parisienses que irão se tornar ativistas e, a seguir, célebres. O ano de 1870 é fundamental para as bases da Comuna e a maturação das ideias e das práticas que finalmente criaram a Comuna. Desde agosto de 1870, Eugène Varlin já escrevia a seus correspondentes: “mais valeria fazer a revolução em vez de socorrer a pátria em perigo” (na guerra contra a Prússia declarada em 19 de julho de 1870). Esse período, entre 4 de setembro de 1870, quando a república foi proclamada em Paris, e 18 de março, em que a Comuna foi proclamada em Paris, é um diálogo ininterrupto entre todos os republicanos, dos mais monarquistas aos mais insurrecionais, para tentar estabelecer uma modalidade política aceita por todos. As negociações e tratados entre as diversas opiniões políticas, das mais moderadas às mais extremistas, são claramente relatadas no livro de Gustave Lefrançais: *Le Mouvement communaliste à*

Paris en 1871. A proclamação da Comuna em 18 de março é resultado do fracasso de um acordo entre todos os republicanos e, em resumo, entre os monarquistas e os *communards*.

Como acontece em todas as insurreições, a prática é formadora. E, a cada dia, os *communards* descobrem e inventam o que fazer para resolver um problema após outro: a alimentação dos parisienses, a educação, o soldo das guardas nacionais, a preservação dos museus e bibliotecas, a defesa face aos prussianos e monarquistas, a habitação, etc., etc. Para abordar o estado de espírito e a vida cotidiana sob a Comuna, nada melhor que ler os escritos dos próprios *communards*. Há tantos que decidi ler um novo a cada ano, em memória da Comuna. É obrigatório citar Louise Michel, o ícone da Comuna e de todo o século XIX, totalmente admirável e símbolo inigualável. Suas *Mémoires et Souvenirs de la Commune* são uma excelente introdução. Muitos leem Prosper Lissagaray, que também não é negligenciável. Para o entusiasmo do dia a dia e a paixão dos *communards*, cito Maxime Vuillaume, *Mes cahiers rouge* e a correspondência de Gustave Courbet, também inigualável. Todos os *communards* são pessoas excepcionais, mas é claro que escolhi aqueles que mais me emocionaram. Para situar vocês, proponho este trecho de uma carta de Gustave Courbet a seus pais, de 30 de abril de 1871.

“Meus queridos pais,

Aqui estou eu, mergulhado pelo povo de Paris até o pescoço em questões políticas. Presidente da federação dos artistas, membro da Comuna, delegado na Prefeitura, delegado na Educação Pública: quatro funções das mais importantes de

Paris. Acordo, tomo o café da manhã, tomo assento e presido 12 horas por dia. Minha cabeça está começando a ficar como uma batata cozida. Apesar de todo esse tormento mental para compreender questões sociais com as quais não estava de forma alguma habituado, sinto-me encantado. Paris é um verdadeiro Paraíso! Nada de polícia, de imbecilidades, de qualquer tipo de cobrança, de brigas. Paris funciona por si só, como um relógio. Deveria ser sempre assim. Em uma palavra, é um verdadeiro encantamento. Todos os órgãos do estado se federalizaram e integraram. Fui eu que forneci o modelo com artistas de todo tipo. Os padres também são remunerados pelo trabalho feito, como os outros, os operários, etc... Os notários e os oficiais da justiça pertencem à Comuna e são pagos por ela, como os receptores de registros. Quanto aos padres, caso eles queiram exercer em Paris (embora a gente não faça nenhuma questão disso) vão poder alugar as igrejas. Em nossos momentos de lazer, combatemos os desgraçados de Versalhes, cada um à sua vez. (...) Paris renunciou a ser a capital da França. A França não mais queria que Paris lhe enviasse seus prefeitos. A França deve estar contente, seu desejo foi satisfeito.”¹

No que se refere à historiografia propriamente dita do ponto de vista profissional dos historiadores, um único nome é recomendável, o do britânico Robert Tombs com sua obra principal: *La Guerre contre Paris, 1871*, Éditions Aubier-Montaigne. No que tange à Comuna de Limoges, por exemplo, o livro de John Merriman: *Limoges, la ville rouge*, Éditions Belin, é excelente para um olhar para fora de Paris, por um verdadeiro historiador.

Como sabemos, a repressão foi sangrenta. A cifra atualmente aceita é de 30.000 mortos assassinados em Paris pelos versalheses. Os sobreviventes foram para o exílio, em Genebra, Londres e Bruxelas, alguns para a

Espanha, ou ainda foram aprisionados em presídios como o de Nova Caledônia, e isso, por dez anos. Sua anistia aconteceu em 1880.

Um ano após a Comuna de Paris, o movimento anarquista foi fundado, por militantes vindos de todos os países, entre os quais *communards* franceses. Em 1874, Gustave Lefrançais, refugiado em Genebra e secretário de Élisée Reclus, escreveu um artigo: “*L'idée libertaire dans la commune de 1871*”, texto no qual ele examina a contribuição específica dos futuros anarquistas nas jornadas revolucionárias. Quanto às mulheres na Comuna de 1871, é preciso dizer novamente que elas são visíveis e presentes não somente na Comuna, mas em todos os movimentos revolucionários desde a Revolução Francesa, tanto operárias, artesãs, vendedoras de legumes, quanto burguesas instruídas e modestas professoras. Elas participavam dos clubes republicanos, das assembleias e dos combates, em grande número. A única coisa recusada a elas foi o voto, pois o voto das mulheres só foi estabelecido na França em 1945. Mas embora as mulheres da Comuna não votassem, elas participaram de todos os debates e das decisões não votadas. Elas transportaram feridos nos combates e foram atiradoras nas barricadas. Mas é preciso desmentir duas lendas: nunca houve uma barricada de mulheres na Place Blanche, isso é uma lenda, e elas nunca incendiaram Paris, como afirmaram os versalheses sob o rótulo infamante de “incendiárias”. O papel das mulheres na Comuna de Paris não foi corretamente estudado até hoje, mas poderia muito bem sê-lo no futuro, graças, entre outros, aos arquivos da Prisão *des Chantiers*, em Versalhes, onde mais de mil mulheres ficaram presas à espera de julgamento, desde o fim do mês de maio de 1871. A numerosa parti-

cipação das mulheres, as do povo e as ilustradas, nos movimentos revolucionários e nos cenáculos do pensamento, é uma constante nos hábitos revolucionários na França. Em contrapartida, são encontrados poucos traços de um feminismo propriamente dito durante a Comuna, apesar da participação de feministas reconhecidas, como André Léo² ou Paule Mink. Além disso, poderíamos considerar que várias condições de vida das mulheres em particular foram examinadas na Comuna, como por exemplo, seu direito de voto, suas condições de trabalho e os cuidados da primeira infância.

O olhar federalista dirigido atualmente ao movimento comunalista, “des-hierarquizando” os pontos de vista, à semelhança da minoria dos *communards*, lembra a obra premonitória de Mikhail Bakunin a seus camaradas: *Carta a um francês*, na véspera da Comuna, da qual ele participou ativamente em pessoa em Lyon, em setembro de 1870, proclamando a Comuna, vários meses antes de Paris.

Assim se apresenta, em algumas palavras, a comemoração atual do 150º aniversário da Comuna 1871-2021, patrimônio universal de todos os revoltados e buscadores de ouro.

Paris, 22 fevereiro de 2021.

Tradução do francês por Martha Gambini

Notas

¹ Gustave Courbet. *Correspondance de Courbet. Paris*, Éditions Flammarion, 1996, p. 366.

² Pseudônimo de Victoire Léodile Béra (1824-1900), escritora e feminista francesa.(N.E.)

Resumo

Nos 150 anos da Comuna de Paris, Claire Auzias destaca a perspectiva de um nascente anarquismo dentre as diversas forças envolvidas nesse acontecimento, aspecto que foi negligenciado por posteriores interpretações de cunho principalmente comunista. As experiências libertárias que nasceram na Comuna, no entanto, não se encerram naquele momento, permanecem vivas.

Palavras-chave: Comuna de Paris, comemoração, anarquismo.

Abstract

In the 150th anniversary of the Paris Commune, Claire Auzias highlights the prospect of a nascent anarchism among the many forces involved in this happening, an aspect that was neglected by later interpretations of a mainly communist nature. The libertarian experiences that were born in the Commune, however, did not end there, they are still alive.

Keywords: Paris Commune, commemoration, anarchism.

150 years since he commune (1871–2021), Claire Auzias.

Indicado para publicação em 26 de fevereiro de 2021.

insurgências e práticas de liberdade: 150 anos da comuna de paris

diego lucato bello

No mês de março de 1871, em plena cidade de Paris, iniciava-se um surpreendente acontecimento em termos de práticas de resistências e, por consequência, de liberdade: a Comuna de Paris. Imersos em um cenário turbulento, interna e externamente, no qual a França havia sido derrotada militarmente pela Prússia — conflito que ficou conhecido na historiografia como Guerra Franco-Prussiana —, os operários e as operárias parisienses, após meses de escassez e de cerco militar, insurgiram-se contra o governo de Adolphe Thiers, proclamando a autonomia da capital francesa em relação ao Estado central. Assim, a Comuna, que pode ser descrita como uma potente invenção de liberdade por parte dos *communards*, possibilitou que os trabalhadores e as trabalhadoras de Paris construíssem os percursos relativos às suas próprias trajetórias existenciais. Independentemente das dificuldades inerentes ao contexto e dos embates travados entre as diferentes forças em seu interior — composta por tendências blanquistas,

Diego Lucato Bello é graduado em Jornalismo pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM) e mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Contato: lucatodiego@gmail.com

jacobinas, proudhonianas e por outros grupos socialistas e republicanos —, a Comuna de Paris foi capaz de se afirmar durante dois meses. Todavia, após uma série de ataques promovidos pelo governo central, as forças de segurança do Estado francês executaram um banho de sangue, exterminando, aproximadamente, 30 mil pessoas nas ruas da capital francesa.

150 anos após a proclamação da Comuna, a experiência dos *communards* não só segue sendo objeto de análise de alguns pesquisadores, como também de pessoas curiosas em conhecer a luta e as práticas impulsionadas pelos trabalhadores parisienses entre os meses de março e maio de 1871. Com base nessa premissa, este artigo tem como objetivo analisar brevemente as ações que marcaram a trajetória da Comuna, com ênfase nas iniciativas que permitiram ao operariado reinventar suas práticas associativas nos diferentes âmbitos da cidade — inventando, portanto, outras formas de vida —, bem como os embates entre as forças e perspectivas que estiveram em luta no interior da Comuna.

Antecedentes

Desde 1852, após os desdobramentos da repressão dirigida aos setores populares em junho de 1848, os franceses viviam sob a tutela do Segundo Império, proclamado por Luís Bonaparte, conhecido como Napoleão III. A instauração do novo império gerou mais uma série de problemas aos trabalhadores urbanos e rurais no território controlado pelo Estado francês. Em um contexto de expansão da incipiente indústria francesa e de crescimento da migração para os principais centros

urbanos, sobretudo para a capital, Georges-Eugène Haussmann, um membro da burocracia do Estado, foi indicado para planejar e executar uma reforma urbana na capital. A reforma tinha como finalidade redimensionar um conjunto de políticas voltadas à segurança, à medicina e ao saneamento, de modo a assegurar a manutenção da ordem no território. Pode ser compreendida como uma reação do novo império aos levantes de 1848, impulsionados pelas classes populares. Com a edificação de grandes bulevares e a construção de largas avenidas — medida cujo objetivo era dificultar a edificação de barricadas nas ruas de Paris —, a reorganização do espaço urbano produziu um deslocamento dos setores populares para os bairros suburbanos, como Montmartre, Belleville, La Villette e outros.¹

Em "O Nascimento da Medicina Social", Michel Foucault enfatiza que a reorganização urbana promovida pelo Segundo Império deriva de fatos anteriores, como a disseminação do cólera, em 1832. Isso havia introduzido no imaginário dos habitantes a premissa segundo a qual a proximidade entre os bairros dos setores populares e os bairros dos estratos superiores era um fator de elevada periculosidade médica e sanitária.² Desse modo, a partir das reformas que começaram a ser impulsionadas por Haussmann, a configuração urbana passou a se caracterizar por uma rígida divisão entre os bairros populares e os bairros abastados.

Além das modificações que ocorreram internamente, o Segundo Império também se aventurou em novas empreitadas militares, como a Guerra da Crimeia, em 1853, e o conflito contra a Áustria, que ocorreu no final da mesma década. Em ambos os confrontos, Napoleão saiu vitorioso.

No entanto, em 1870, após o início da Guerra Franco-Prussiana e as sucessivas derrotas do exército francês ao longo do conflito, o império de Bonaparte se dissolveu, possibilitando, em setembro do mesmo ano, o surgimento da Terceira República Francesa. No final do mês de janeiro do ano seguinte, o governo assinou um acordo de armistício com a Prússia, pelo qual o Estado francês se comprometia, entre outras coisas, a pagar uma indenização e a conceder a região da Alsácia-Lorena. Em fevereiro foi realizada uma eleição nacional, na qual os monarquistas assumiram a maior parte dos assentos da Assembleia Nacional, conferindo, assim, poderes executivos a Adolphe Thiers. Isso ocorreu no momento em que a cidade de Paris estava sitiada pelas tropas prussianas. Com a finalidade de paralisar o conflito no qual a França vinha sendo derrotada, o governo de Thiers acionou as forças de segurança e determinou o desarmamento da Guarda Nacional da capital. Para além dessa questão, levando em consideração o cenário turbulento, o governo se deslocou para a cidade de Versalhes, afastando-se da incipiente ebulição que começava a se alastrar.³

Diante da rendição e da subordinação aos anseios das autoridades prussianas, para além da escassez e do cerco militar, os parisienses rejeitaram veementemente os termos do acordo, de modo que, no dia 18 de março, no momento em que as tropas enviadas por Adolphe Thiers tentaram retirar os canhões que estavam sob a posse da Guarda Nacional, parte significativa dos habitantes de Paris — sobretudo as operárias de Montmartre, Belleville e outros bairros populares, que foram as primeiras insurgentes — se levantou e inviabilizou a ação das forças de repressão do Estado francês. As tropas do governo deixaram a capital

por conta da revolta que se alastrou por toda a cidade.⁴ Os trabalhadores e as trabalhadoras parisienses, que passaram a ficar conhecidos como os *communards*, deram início a um grande acontecimento: a Comuna de Paris.

Práticas voltadas a uma vida livre

Com a irrupção da Comuna de Paris e a potencialização de uma série de práticas que confrontavam os mandos e as leis do Estado central, iniciava-se uma experimentação de autogestão no coração desse espaço e que se expandiria a muitas outras cidades francesas. Após as inúmeras insurgências impulsionadas pelos *sans-culottes* nos marcos da Revolução Francesa, assim como as rebeliões de 1830 e as revoltas populares de 1848, os operários parisienses proporcionaram um novo acontecimento. Pela primeira vez, ao menos no território controlado pelo Estado francês, um espaço com as dimensões geográficas de Paris se tornou um lugar sem fronteiras para um conjunto de práticas autogestionárias e de liberdade, de modo a se transformar em uma zona autônoma e livre.

Como salienta Albert Camus⁵ em *O homem revoltado*, ao se revoltar e, portanto, rejeitar e confrontar uma situação que se tornou insuportável, o indivíduo traz consigo um anseio, uma perspectiva acerca de algo que vale a pena ser vivido. Os *communards*, ao negarem o exercício da autoridade do Estado central e confrontarem as forças de repressão, espalhando revoltas pelos diferentes cantos da cidade, não só iniciaram a construção de um novo caminho a ser percorrido, como também proporcionaram um novo sentido às suas próprias trajetórias existenciais, inventando, assim, uma outra forma de viver.

Em Paris, já nas primeiras horas após a expulsão das forças da repressão, o Comitê Central da Guarda Nacional se estabeleceu no Hôtel de Ville. Dentre as primeiras medidas tomadas pelos membros do comitê, destacam-se a suspensão dos conselhos de guerra e das punições dirigidas aos indivíduos considerados subversivos.⁶

O Comitê Central da Guarda Nacional foi o responsável pela convocação de novas eleições para a composição do Conselho da Comuna, que ocorreu oito dias após o início da insurgência. A Comuna de Paris, portanto, foi proclamada pelos *communards* no dia 28 de março, dois dias após a eleição dos conselheiros.⁷ Louise Michel, que viria a ser a primeira a erguer a bandeira negra da anarquia, enfatizou que a proclamação da Comuna foi uma grande celebração. Como apontou essa aguerrida mulher, que ainda não se afirmava anarquista, bandeiras vermelhas foram estendidas em torno do Hôtel de Ville, dando início a uma grande festa. Os trabalhadores e as trabalhadoras de Montmartre, Belleville e La Chapelle, ao festejarem e celebrarem o acontecimento, entoavam com vigor gritos de “Viva a Comuna”.⁸ Paris se encontrava em uma ebulição permanente.

O surgimento da Comuna também fez com que muitos membros das classes abastadas, que costumavam frequentar os luxuosos bulevares e os cafés mais requintados da cidade, deixassem a capital. Isso possibilitou uma mudança no que diz respeito ao modo como os trabalhadores se relacionavam com a cidade. Imersos numa geografia urbana que, até aquele momento, estava fragmentada entre bairros abastados e bairros populares, os *communards* impulsionaram novas práticas, modificando a relação com os diferentes ambientes da cidade, como oficinas, ateliês,

instalações públicas, bulevares.⁹ Experimentações voltadas a uma vida livre se disseminaram por toda a capital.

Já nos primeiros dias, a Comuna adotou uma série de medidas, como a abolição do trabalho noturno, a elevação do valor dos salários dos operários e, simultaneamente, a limitação dos valores recebidos pelos membros do conselho. Os locais de trabalho cujos proprietários haviam deixado a capital foram assumidos pelas associações e cooperativas de produtores, que passaram a reorganizar a produção nessas oficinas, de modo a reinventar as práticas laborais a partir de uma perspectiva autogestionária.¹⁰ Vale ressaltar, contudo, que muitas práticas de autogestão já vinham sendo experimentadas pelo operariado francês, sobretudo de Paris. Ao longo da década de 1860, por exemplo, em um contexto de proibição da formação de sindicatos e de desenvolvimento dos instrumentos de produção utilizados pela indústria, levando a um aumento bastante significativo no número de desempregos, surgiram múltiplas associações mutualistas e cooperativas de produtores, de modo que os operários passaram a fomentar práticas de resistências e novas formas de trabalho a partir de suas próprias associações.¹¹

Proudhon¹², ao analisar documentos como *O Manifesto dos Sessenta* e o jornal *L'Association*, enfatizou o caráter mutualista de uma série de práticas que estavam sendo impulsionadas por determinados setores das classes populares e que demonstravam, em boa medida, uma rejeição em relação às perspectivas estatistas, centralizadoras e autoritárias defendidas por muitos socialistas do momento. As conceitualizações do anarquista francês, como a própria mutualidade, derivaram da análise em série e de suas considerações a respeito das

ações e dos movimentos práticos dos trabalhadores em suas respectivas associações mutualistas e cooperativas de produtores, estando assim em consonância com as iniciativas experimentadas em um determinado momento histórico. A Comuna, portanto, não inaugurou as ações de caráter autogestionário, mas possibilitou a expansão e a potencialização de um conjunto de práticas que já vinham sendo fomentadas por muitos grupos de trabalhadores.

Monumentos e instrumentos que simbolizavam a autoridade estatal foram alvos de ataques por parte dos insurgentes, que passaram a rejeitar a presença do Estado central em suas vidas. A coluna Vendôme, monumento que simbolizava a autoridade do antigo império francês, foi demolida pelos *communards*, ato que pode ser compreendido como rejeição aos resquícios imperiais, bem como uma ação cuja finalidade era dessacralizar a autoridade do Estado central. Pode-se dizer o mesmo da guilhotina da *place* Voltaire, incendiada pelos parisienses¹³. Estes não se reuniam mais nas praças como meros espectadores do “espetáculo” público da decapitação, mas sim para abolir a ferramenta criada por Joseph-Ignace Guillotin, utilizada de forma sistemática durante o período da República jacobina — conhecido também como o período do grande terror.

O clero foi amplamente rejeitado pela maior parte dos *communards*, que demonstraram, por meio de suas ações, um repúdio ao sacrifício imposto pelos sacerdotes em nome de um ser inexistente, de uma autoridade divina. Perspectivas voltadas ao sacrifício foram eliminadas do percurso que vinha sendo construído pelos insurgentes. Os templos e as igrejas, locais que simbolizavam o domínio das autoridades eclesiásticas, transformaram-

se em centros de reuniões e de conversações, que muitas vezes foram acompanhadas de cálices de vinho e de brincadeiras de crianças.¹⁴ Assim, a autoridade do Estado central e a autoridade divina, assentadas na perpetuação da desigualdade de condições, na obediência e na fé, como afirmou Proudhon¹⁵, foram abolidas das perspectivas dos insurgentes, que fomentaram revoltas diante das inúmeras formas de governo sobre o vivo.

Também vale ressaltar que, ao longo desse acontecimento, os campos das ciências e das artes gozaram de ampla autonomia. A Academia de Ciências de Paris, por exemplo, tornou-se um ambiente no qual os pesquisadores puderam desenvolver seus projetos e suas investigações livremente, sem qualquer ingerência da parte de algum conselho.¹⁶ Novas práticas também foram experimentadas no campo das artes. O pintor realista francês Gustave Courbet, que produziu obras como *O Ateliê do Artista* e *A Origem do Mundo*, foi um membro ativo da Comuna. O artista francês já havia assumido a Comissão de Artes após a proclamação da Terceira República. No entanto, com a proclamação da Comuna, Courbet intensificou suas atividades, passando a acumular quatro funções públicas: integrante do Conselho da Comuna, delegado de Instrução Pública, membro da Câmara Municipal, e presidente da Federação de Artistas de Paris.¹⁷

Diante da Federação de Artistas, como enfatiza Pietro Ferrua, o realista francês fomentou uma série de práticas de liberdade no campo das artes, como a defesa da abolição da relação entre mestres e alunos nos ateliês, de modo a dissolver o exercício de uma autoridade centralizada. Essa premissa se baseou, em grande medida, nas proposições

feitas por Proudhon, que exerceu uma forte influência sobre a perspectiva do artista. Pode-se dizer que há uma proximidade entre a noção de mutualidade formulada por Proudhon, que defende a independência do trabalho realizado por cada um no âmbito da associação, e as considerações do artista francês em relação ao modo de se relacionar no interior de uma oficina, na qual todos os artistas são partes associadas. Convém enfatizar que a Federação dos Artistas buscou impulsionar uma nova prática associativa nas demais entidades vinculadas ao campo das artes com a finalidade de eliminar as relações hierarquizadas e substituí-las por práticas horizontais e voltadas ao apoio mútuo.¹⁸ As proximidades entre as proposições de Courbet e as perspectivas libertárias também podem ser verificadas na *Carta aos Artistas de Paris*, redigida no dia 18 de março de 1871, na qual o artista francês enfatizou a necessidade de preservar o caráter espontâneo das artes, rejeitando a tutela de qualquer autoridade superior. Cada artista, portanto, deveria ser livre para traçar o seu próprio percurso. A espontaneidade e, por conseguinte, a autogestão deveriam ser as bases das associações e dos ateliês.¹⁹

As crianças também foram uma das prioridades da Comuna. A Comissão de Educação tinha como finalidade garantir a gratuidade das escolas e das creches da cidade. Como muitos membros das classes abastadas e do clero deixaram a capital após o surgimento da Comuna, muitas escolas foram abandonadas. Essas instalações foram reabertas pelos *communards*, que, além do ensino, asseguraram a alimentação de muitas crianças. Além disso, os comunalistas confrontaram a influência das autoridades eclesiásticas sobre o ensino, de modo que a educação

religiosa foi abolida das escolas de Paris. Cabe ressaltar que o sistema da Biblioteca Nacional foi reorganizado, de modo a abolir os benefícios que, até aquele momento, eram concedidos apenas aos filhos das classes abastadas, como os empréstimos de livros.²⁰ A cidade, assim, deixava de ser uma propriedade do Estado e dos estratos superiores, transformando-se em algo novo, inventivo e potente.

Levando em consideração as experimentações mencionadas, é possível dizer, como salienta Edson Passetti²¹, que a Comuna de Paris pode ser descrita e compreendida como uma heterotopia, ou seja, um espaço outro em meio ao território controlado pelo Estado francês. O espaço outro, segundo Michel Foucault²², pode ser concebido como uma experiência heterotópica — podendo assumir formas diversas —, que se constitui como uma contra-alocação nos marcos de uma realidade e de um espaço determinado. Não se trata, portanto, de uma utopia, que se caracteriza por ser uma alocação irreal, um lugar nenhum. A heterotopia é uma alocação real, uma espécie de utopia concretizada no presente. Desse modo, as classes populares de Paris impulsionaram e potencializaram uma série de práticas insurgentes, transformando a capital francesa numa contra-alocação, de modo a proporcionar, por meio da revolta, um novo sentido às suas trajetórias.

Lutas e embates

A proclamação da Comuna de Paris teve uma grande repercussão em diferentes partes do território francês. Os *communards* fizeram um chamado para que as demais comunas construíssem novos caminhos baseados na

liberdade e na autonomia das regiões. Ao se debruçar sobre a experiência dos insurgentes parisienses, Sébastien Faure²³ enfatizou que, assim como a apropriação das oficinas de produção por parte das associações de produtores, essa foi uma das ações mais importantes da Comuna. Isso se deve ao fato que, de acordo com o criador de *La Ruche*, ao convocar as demais comunas para a insurreição, o operariado de Paris demonstrou uma perspectiva federalista, que se aproximava dos anseios libertários.

A Comuna aboliu rapidamente suas próprias fronteiras, impulsionando ebulições em inúmeras localidades, como Lyon, Saint-Etienne, Le Creusot, Marselha, Toulouse e Narbonne. Nas três primeiras cidades, as rebeliões foram contidas rapidamente, e os insurgentes se tornaram alvos de encarceramentos. Os trabalhadores de Marselha e de Narbonne, por outro lado, chegaram a proclamar a emergência das comunas. No entanto, ambas as experiências sobreviveram durante um breve espaço de tempo, sendo desmanteladas e reprimidas energicamente.²⁴ Todavia, independentemente da brevíssima existência dessas comunas, tais experimentações demonstraram potência da Comuna de Paris, cujos anseios e aspirações estavam em consonância com uma parte significativa dos grupos e das individualidades rebeldes de diferentes regiões do território, escapando das amarras do Estado central, devido às suas novas formas de associação.

A autonomia do município era praticamente um consenso entre os seus membros. No entanto, é importante recordar que a busca por liberdades municipais era um anseio antigo dos parisienses, pois, desde os acontecimentos da Revolução Francesa, Paris era a única região da França

que não elegia os membros da administração local, além de outras prerrogativas que foram, gradativamente, sendo eliminadas.²⁵ Desse modo, por mais que a independência de Paris em relação ao governo de Versalhes fosse uma questão defendida por muitos, as discrepâncias acerca das perspectivas que orientavam os *communards* eram muitas.

Independentemente do fato de que a Comuna tenha se constituído como uma experimentação baseada na negação do Estado central e em uma perspectiva federalista, Mikhail Bakunin²⁶ foi certo ao enfatizar que a lógica do governo não fora completamente desmantelada. Isso se deveu, em parte, ao cerco imposto por Versalhes, cuja consequência foi a formação de um governo voltado ao combate. A manutenção do governo também pode ser observada na organização da eleição do dia 26 de março, que esteve, em certa medida, em consonância com o regimento eleitoral da cidade, aprovado em fevereiro do mesmo ano.²⁷ A Comuna introduziu o mandato revogatório para todos os cargos eletivos da cidade, de modo que qualquer membro do Conselho da Comuna poderia ser destituído de sua posição a qualquer momento.

O Conselho da Comuna estava composto por tendências variadas, como blanquistas, jacobinos, proudhonianos e outros grupos socialistas e republicanos. Essa composição expressava os embates travados entre as diferentes forças em luta no interior da Comuna. Perspectivas centralizadoras e autoritárias, advogadas por muitos jacobinos, blanquistas e parte dos socialistas, contrastavam com as perspectivas libertárias, de caráter federalista e antiestatal. Por mais que a presença de membros da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) no conselho não fosse muito significativa²⁸, muitas disputas travadas entre os membros

da Comuna estavam, em certa medida, em consonância com os embates que vinham ocorrendo entre as diferentes forças que compunham a AIT.

Como enfatiza Bakunin, duas perspectivas socialistas estavam em disputa no final da década de sessenta do século XIX: o socialismo libertário e o socialismo autoritário. A primeira perspectiva defendia a associação antipolítica das classes populares, rejeitando, portanto, a utilização da potência do Estado como um meio de transformação; a segunda perspectiva apostava na utilização dos aparelhos estatais como um meio de mudanças, almejando, assim, a edificação de uma ditadura revolucionária.²⁹

A premissa dos socialistas autoritários concebe a revolução a partir de uma perspectiva jacobina e autoritária, herança das revoluções burguesas e, sobretudo, da Revolução Francesa. Por mais que as proposições comunistas, defendidas pelos adeptos das considerações de Marx e de Engels, não tivessem muita influência entre os *communards*, grupos que defendiam a instauração de uma ditadura revolucionária, como as tendências jacobinas e blanquistas, partidárias do princípio da autoridade, estavam presentes na Comuna. No entanto, como já foi mencionado, práticas de caráter mutualista também estavam sendo experimentadas em muitas associações de trabalhadores, de modo que se potencializaram após a eclosão da insurgência do dia 18 de março. Assim, é importante enfatizar que as premissas federalistas e antiautoritárias mantiveram uma presença bastante significativa entre os setores populares. Para além da luta pela manutenção de sua sobrevivência, a Comuna também estava imersa numa série de disputas entre diferentes perspectivas.

A trajetória dos *communards* foi conturbada. No início do mês de abril, apenas alguns dias após a proclamação da Comuna, Paris começou a ser bombardeada pelas tropas do governo de Thiers, que atacavam sistematicamente os fortes e os bulevares da cidade. O número de mortos e feridos, incluindo inúmeras crianças, crescia. Diante desse cenário, blanquistas, jacobinos e outros grupos republicanos, que eram majoritários no Conselho da Comuna, aprovaram, no início de maio, a instauração de um Comitê de Segurança Pública, cuja finalidade era centralizar e coordenar as medidas e as ações voltadas à defesa da cidade. Essa decisão foi fortemente criticada por figuras como Gustave Courbet, Eugene Varlin e outros, que, ao rejeitarem as medidas autoritárias e centralizadoras, afirmaram que a Comuna corria o risco de seguir os rumos do Comitê de Salvação Pública, instaurado em 1793 pelos jacobinos.³⁰ Bakunin³¹ situou que, diante das agressões e dos ataques patrocinados pelo Estado central, o Conselho da Comuna tinha adotado, como um meio de defesa, práticas próximas às perspectivas jacobinas. Contudo, as medidas adotadas pela maior parte dos membros do Conselho da Comuna não tiveram apenas um caráter jacobino e blanquista. Na realidade, como afirmou Bakunin, esses setores “não deram à sublevação de Paris um caráter exclusivamente jacobino”³², de modo que também foram absorvidos pelo calor do momento. Dessa forma, até os setores mais autoritários e dogmáticos foram influenciados pelas invenções proporcionadas por esse acontecimento.

Para além do fato de que Paris estava completamente isolada e sitiada, sobretudo após a reação dos aliados de Thiers aos outros levantes que aconteceram nas

demais regiões, convém enfatizar que a experimentação impulsionada pelas classes populares de Paris não esteve circunscrita às práticas adotadas pelo Comitê de Segurança Pública. Os distanciamentos que podem ser verificados entre as práticas de autogestão e as ações implementadas pelos setores mais autoritários — principalmente as iniciativas vinculadas à segurança e à defesa da capital — ilustram as discrepâncias e as disputas que marcaram a Comuna, demonstrando a heterogeneidade nesse acontecimento.

Uma batalha por outras formas de vida

Após as sucessivas agressões por parte do governo de Versalhes, no dia 21 de maio as forças de repressão do Estado francês ingressaram na cidade de Paris, dando início ao que ficou conhecido como *A Semana Sangrenta*. Louise Michel³³ afirmou que, naquele momento, a capital já não se parecia com a cidade festiva dos primeiros dias após as revoltas de março. A apreensão havia tomado conta de Paris. Diante do exército de Versalhes, restou apenas uma única opção aos *communards*: a luta.

Cerca de 25 mil soldados entraram pelos portões de Paris. As forças de defesa da Comuna, compostas pelos membros da Guarda Nacional e por trabalhadores braçais, estavam distribuídas por toda a cidade.³⁴ Não se tratava apenas de uma luta voltada à defesa de Paris, mas, sobretudo, pela manutenção de uma vida livre, por uma outra maneira de se associar, de trabalhar e de se relacionar com o espaço urbano. Era, por fim, uma luta pelo prazer de existir. Isso não significa dizer, evidentemente, que os dias da Comuna foram fáceis. Muito pelo contrário. A

trajetória da Comuna se caracteriza pelo enfrentamento das dificuldades, a começar pela manutenção de sua própria sobrevivência diante dos ataques promovidos por Versalhes.

O operariado de Paris resistiu e dedicou todos os esforços na defesa da Comuna. Contudo, não havia como derrotar as tropas do Estado central, que, em termos de equipamentos e conhecimentos sobre estratégias militares, eram infinitamente superiores. Segundo Louise Michel, “no início, com a entrada do exército regular, houve massacres em todos os bairros, a perseguição aos *communards* era organizada, em casas, hospitais, em todos os lugares”.³⁵ No dia 28 de maio, as ruas de Paris estavam cobertas de cadáveres. Como afirma Federica Montseny³⁶, milhares de membros da Comuna foram alvos de fuzilamentos diante do Cemitério Père-Lachaise, que segue sendo, até os dias atuais, palco de atos realizados em defesa da memória dos trabalhadores e das trabalhadoras que se insurgiram no dia 18 de março de 1871.

Nos meses seguintes, sobretudo em junho e julho, aproximadamente cinquenta mil pessoas foram detidas. Isso se deve ao elevado número de delações feitas pela maior parte da imprensa francesa, que exigia uma dura punição aos *communards*. Os sobreviventes, incluindo crianças, foram detidos e encarcerados nas prisões de Versalhes, pois seriam julgados pelas autoridades judiciais e pelos conselhos de guerra. Com o fim dos julgamentos, muitos foram executados. Os que não se tornaram alvos da sentença capital foram condenados ao cumprimento de trabalhos forçados.³⁷ O governo de Thiers ainda determinou a deportação de muitos prisioneiros, deslocados para localidades como a Nova Caledônia, um

pequeno arquipélago na Oceania controlado pelo Estado francês. Uma das deportadas foi a comunalista e, agora, anarquista Louise Michel, que, em suas memórias, relatou suas vivências no exílio.

O massacre da Comuna teve uma ampla repercussão. Muitos operários, socialistas e libertários de diferentes regiões, como Londres, Bruxelas, Genebra e outras cidades, realizaram atos em homenagem aos insurgentes de Paris. A Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) publicou um manifesto em solidariedade aos trabalhadores e trabalhadoras da capital francesa.³⁸ A Comuna continuaria sendo reivindicada e enaltecida nas décadas seguintes por trabalhadores de distintas partes do planeta.

Pode-se dizer que, ao longo de sua breve existência, a Comuna foi capaz de ultrapassar os limites de Paris, provocando revoltas em outros municípios do território. Após o seu fim, tornou-se uma inspiração para todos os defensores de liberdades. A empreitada dos *communards* aboliu todas as fronteiras.

Considerações finais

A Comuna não apresentou nenhuma similaridade com um regime da comunidade, que, como salienta Proudhon³⁹, está fundamentado no sequestro das propriedades e das vontades. Convém analisar, por meio de um deslocamento de perspectiva — que contrasta com parte significativa do pensamento político moderno, que está dirigido, sobretudo, ao Estado —, a Comuna na sua integralidade. Pode-se afirmar que a

Comuna foi um acontecimento marcado por embates entre múltiplas forças e perspectivas, bem como por um conjunto de práticas variadas e inventivas, que provocaram insurgências diante das diferentes formas de governo nos distintos âmbitos da vida. Os *communards* enfrentaram, em seus respectivos locais de atuação, como ateliês, oficinas, instalações públicas e outros, a presença e o exercício de uma autoridade superior e centralizada, de modo a inventar e potencializar outras formas de viver. Não se trata, portanto, de analisar e pensar em termos de uma revolução final. Mas, sim, em termos de revoltas cotidianas, no aqui e agora, que confrontam a autoridade superior e inventam vida outra. Com base nessa perspectiva de análise, a Comuna foi a expressão da eclosão de múltiplas revoltas diante de uma situação que se tornou insuportável, fomentando, assim, a construção de novos caminhos. Os insurgentes — que se mostraram ingovernáveis — foram, ao menos durante a breve existência dessa experiência, mestres de suas próprias trajetórias. Essa foi a vitória da Comuna de Paris.

Notas

¹ John Merriman. *A Comuna de Paris — 1871: origens e massacres*. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro, Editora Anfitheatro, 2014.

² Michel Foucault. “O Nascimento da Medicina Social”. in *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979, pp. 79-98.

³ John Merriman, op. cit.

⁴ Idem.

⁵ Albert Camus. *O Homem Revoltado*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro, Editora Record, 2018.

dossiê comuna de paris

⁶ Prosper-Olivier Lissagaray. *Historia de la Comuna de Paris*. Barcelona, Editorial Estela, 1971.

⁷ Idem

⁸ Louise Michel. *La Comuna de París: historias y recuerdos*, (s.l.: s.n), s.d.

⁹ John Merriman, op. cit.

¹⁰ Louise Michel, op. cit.

¹¹ John Merriman, op. cit.

¹² Pierre-Joseph Proudhon. *Da Capacidade Política das Classes Operárias*. Tradução de Edivaldo Vieira da Silva. Rio de Janeiro, Instituto de Estudos Libertários – IEL; São Paulo, Centro de Cultura Social – CCS; São Paulo, Intermezzo Editorial, 2019.

¹³ John Merriman, op. cit.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Pierre-Joseph Proudhon. *Há razão suficiente para a revolução no século XIX? Dissolução do governo no organismo econômico*. São Paulo, Intermezzo Editorial, 2019.

¹⁶ Louise Michel, op. cit.

¹⁷ Fabrice Masanès. *Courbet*. Tradução de Maria do Rosário Boléo. Editora Taschen, 2007.

¹⁸ Pietro Ferrua. “Realismo e anarquismo na obra e na vida de Gustave Courbet” in *verve*. São Paulo, nu-sol, n. 3, 2003, pp. 39-49.

¹⁹ Gustave Courbet. “Carta aos artistas de Paris” in *verve*. Tradução de André Degenszajn. São Paulo, nu-sol, n. 15, 2009, pp. 123-125.

²⁰ Prosper-Olivier Lissagaray, op. cit.

²¹ Edson Passetti. “Comuna de Paris: vida como obra de arte”. Youtube, 2011 (18m27s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iUohO2MSot8&t=3719s>. (acesso em 18/04/2021).

²² Michel Foucault. “De outros espaços”. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d’Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. Tradução de Pedro Moura, 1986. Disponível em: http://histori-cultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-De_Outros_Espacos.pdf.

²³ Sébastien Faure. “A Comuna” in *verve*. Tradução de Martha Gambini. São Paulo, nu-sol, n. 20, 2011.

²⁴ Prosper-Olivier Lissagaray, op. cit.

²⁵ John Merriman, op. cit.

²⁶ Mikhail Bakunin. “A Comuna e a noção de Estado” in *O Princípio do Estado e Outros Ensaios*. São Paulo, Editora Hedra, 2011.

²⁷ Prosper-Olivier Lissagaray, op. cit.

²⁸ Idem.

²⁹ Mikhail Bakunin, op. cit.

³⁰ John Merriman, op. cit.

³¹ Mikhail Bakunin, op. cit.

³² Idem, p. 121.

³³ Louise Michel, op. cit.

³⁴ Idem.

³⁵ Ibidem, p. 318, Tradução livre.

³⁶ Federica Montseny. “Louise Michel: ni la muerte reclamada le fue concedida” in: Louise Michel. *La Comuna de Paris: historias y recuerdos*, (s.l.: s.n), s. d.

³⁷ Prosper-Olivier Lissagaray, op. cit.

³⁸ Idem.

³⁹ Pierre-Joseph Proudhon. *O que é a Propriedade ?*. Tradução de Marília Caeiro. Lisboa, Editorial Estampa, 1975.

Resumo

Este artigo tem como o objetivo analisar as iniciativas que foram impulsionadas pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras parisienses no contexto da Comuna de Paris, de modo a verificar a maneira como os communards reinventaram suas práticas associativas em diferentes âmbitos, como nas fábricas, nas oficinas, nos ateliês artísticos e em outras esferas da vida social, potencializando, assim, outras formas de viver. Além disso, o artigo também propõe uma discussão acerca dos embates travados entre as diferentes forças que estiveram em ação no interior da Comuna.

Palavras-chave: Comuna de Paris, communards, heterotopias.

Abstract

This article analyzes the initiatives impelled by workers in the context of the Paris Commune, in order to verify a way in which communards had reinvented their associative practices in different spheres, such as companies, workshops, art studios, and other spheres of social life, thus enhancing other forms of life. Besides, the article also studies a discussion about the clashes between different forces within the Commune.

Keywords: Paris Commune, communards, heterotopies.

Insurgencies and practices of freedom: 150 years since the Paris commune, Diego Lucato Bello.

Recebido em 8 de março de 2021. Confirmado para publicação em 12 de abril de 2021.

a comuna de paris¹

voltairine de cleyre

A Comuna de Paris, assim como outros eventos espetaculares na história humana, tornou-se o ponto de convergência para muitas lendas, tanto entre seus inimigos quanto entre amigos. Na verdade, deve-se questionar frequentemente qual foi a real Comuna, a lenda ou o fato — o que foi realmente vivido, ou a concepção que se formou na mente-mundo durante aqueles aproximadamente quarenta anos que se passaram desde 18 de março de 1871.

É assim com as doutrinas, é assim com as personalidades, é assim com os eventos.

Qual é o real Cristianismo: a simples doutrina atribuída a Cristo ou a prática da pregação e a realização do Cristianismo organizado? Qual é o real Abraham Lincoln: o político astuto que emancipou os escravos como uma estratégia política ou o legendário apóstolo da liberdade humana, que se ergue como uma figura gigante

Voltairine de Cleyre (1866-1912), anarquista, ensaísta e poetisa, nascida nos Estados Unidos. Foi amiga de Emma Goldman a quem não poupou de suas críticas. Teve uma vida breve, mas intensa, marcada por constantes problemas de saúde. Possui uma obra extensa, mas pouco conhecida. Após sua morte, Emma Goldman e Alexander Berkman organizaram e publicaram o livro Works of Voltairine de Cleyre (1914), pela Mother Earth.

do direito iconoclasta, atacando erros antigos e recebendo a coroa de mártir por isso?

Qual é a real Comuna: a coisa que foi, ou a coisa que nossos oradores pintaram? Qual será seu poder de influência nos dias que estão por vir? Os que comemoram a Comuna costumam dizer, e certamente eles acreditam nisso, que a declaração da Comuna foi uma afirmação espontânea de independência pelas massas parisienses, conscientemente atentas ao fato de que o governo nacional da França as tratou da forma mais ultrajante no que diz respeito à defesa contra o exército prussiano. Eles acreditam que a farsa da situação na qual a cidade se encontrou abriu os olhos da população em geral para o fato de que o governo nacional, muito distante de servir ao suposto propósito primordial do governo, isto é, como um meio de defesa contra invasores estrangeiros, era na verdade algo tão apartado dela e de seus interesses que preferiu deixá-la à mercê dos prussianos a pôr em risco sua própria supremacia ao assistir em sua defesa, ou a permiti-la se defender.

É uma pena que essa legendária figura da Paris Desperta não seja verdadeira. A Comuna, de fato, não foi o trabalho de todo o povo de Paris, nem da maioria do povo de Paris. A Comuna foi estabelecida realmente por um número comparativamente pequeno de homens e mulheres capazes, ou mesmo brilhantes, e extremamente devotos, de todos os estratos, mas com um percentual relativamente alto de homens militares, engenheiros e jornalistas políticos, alguns dos quais já estiveram uma ou mais vezes na prisão por escrita sediciosa ou atos de rebelião. Eles vieram do exílio em países vizinhos, pensando agora ver a oportunidade para rever os erros

antigos e despertar o povo para renovar e estender a luta de 1848. É verdade que lá havia também professores, artistas, projetistas, arquitetos e construtores, artesãos habilidosos de todo tipo. Talvez nenhum capítulo em toda a história seja mais inspirador do que a descrição dos encontros dos trabalhadores, que aconteceram noite após noite em cada canto da cidade sitiada, antes do 18 de março e depois. A essas reuniões iam aqueles que queimavam com o fervor da fé no que o povo poderia e iria realizar e, com a visão radiante de um novo dia de socialização brilhando em seus olhos, esforçavam-se para deixar isso claro para aqueles que os ouviam. Quase podemos capturar o aroma da fé explosiva, aquela insurreição da seiva da esperança e coragem e ousadia, como um incenso de primavera; quase nos sentimos lá, tomando parte no trabalho, no perigo, na glória, certeza equivocada que era deles.

E, no entanto, a verdade deve ter sido que esses apóstolos da Comuna estavam cegos por seu próprio entusiasmo, ensurdecidos pelo entusiasmo que evocavam nos outros, devido ao fato de que a grande maioria sem voz, que não ia às reuniões públicas, que ficava em suas casas ou permanecia calada nas lojas, não foi convertida ou afetada pelos seus ensinamentos.

Aqueles que devem saber, os próprios sobreviventes entre os *Communards*, nos dizem que o número real de pessoas que foram combativas, espíritos em movimento na grande insurreição, não fora muito mais do que 2.000. A massa do povo era, como provavelmente seriam hoje as pessoas nesta cidade sob circunstâncias semelhantes, indiferente quanto ao que se passava sobre as suas cabeças, tanto que, quando a paz e tranquilidade de suas vidas individuais foram restauradas, quando o cerco dos

prussianos foi erguido, permitiram-se seguir com suas atividades. Se a Comuna pudesse garantir isso, boa sorte a ela! As pessoas estavam cansadas do cerco, elas ansiavam por suas antigas misérias familiares às quais estavam, de certa forma, acostumadas, dificilmente sonhavam com alguma coisa melhor.

Mas, como é o caso quando momentos estratégicos irrompem, essas mesmas pessoas simples, impassíveis, indiferentes, que sequer conhecem ou se importam com finas teorias de direito político, soberania municipal e assim por diante, veem mais diretamente a lógica de uma situação do que aquelas que confundiram suas mentes com tanta teorização. Da mesma forma, o povo de Paris em geral, quando a Comuna se tornou um fato estabelecido, viu que o único procedimento consequente seria fazer uma guerra econômica e política para cortar qualquer fonte de abastecimento do exército nacional que houvesse na cidade. Em vez de fazer isso, o governo da Comuna, ansioso para se provar mais cumpridor da lei do que o antigo regime, estupidamente defendeu o direito à propriedade de seus inimigos e continuou a deixar o Banco da França fornecer suprimentos para aqueles que estavam financiando o exército de Versalhes, o mesmo exército que iria cortar suas gargantas.

Naturalmente, as pessoas simples ficaram enojadas com um programa tão sem sentido, e em geral, não tomaram parte na batalha final contra as tropas de Versalhes, nem mesmo se opuseram à ideia de sua entrada na cidade. Provavelmente, um bom número até esboçou um suspiro de alívio com a perspectiva de um retorno ao menor mal entre os dois. Sequer sonhavam que o caminho de volta passaria por seu próprio sangue e que elas, que nunca

levantaram a mão ou a voz pela Comuna, se tornariam seus mártires. Sequer concebiam a vingança selvagem da Lei e da Ordem sobre a Rebelião, a saturnália do Poder restaurado.

Será que eles dormiram, me pergunto, na noite anterior ao 20 de maio, quando o trovão negro de vingança se formava para estourar? Muitos dormiram bem na noite seguinte e ainda dormem, pois “então começou um grande e sinistro assassinato” — um assassinato cuja imagem, mesmo após sua emergência e naufrágio nesses quarenta anos, envia o sangue estremecendo lá atrás e cerra os dentes em extremo horror e ódio. MacMahon² sinalizou as ruas com cartazes de paz e enviou suas tropas para fazê-la; em nome daquela Paz, Gallifet³, uma encarnação do inferno, deu o exemplo aos seus homens e cavalgou de cima a baixo pelas ruas de Paris, arregaçando cérebros de crianças. Se uma mão aparecia em uma veneziana, a janela era crivada com balas. Um grito de protesto escapava da garganta de alguém, a casa era invadida, seus habitantes eram expulsos, enfileirados contra a parede e baleados onde estavam. Os médicos e enfermeiras ao lado do leito dos feridos, os muito doentes nos hospitais, eles próprios foram abatidos onde repousavam. Essa era a paz de MacMahon.

Após os massacres de rua, os massacres organizados nos bastiões, as estacas de Satory, as massas amontoadas de prisioneiros, o visitante sombrio com a lanterna, o chamado medonho para se levantar e seguir, as trincheiras cavadas pelos condenados no chão escorregadio, encharcado de sangue, para os seus próprios cadáveres caírem nelas. Trinta mil pessoas massacradas! Massacradas pela insaciável vingança da autoridade e pelo insano desejo de

sangue dos soldados profissionais! Massacradas sem uma pretensa razão, uma sombra de inquérito, simplesmente assim que a rajada de raiva insensata soprou.

Após a orgia da fúria, a orgia da inquisição. A reunião de prisioneiros em buracos nas catacumbas, onde deveriam se agachar ou deitar sobre a terra úmida e ver a luz do dia apenas por uma breve meia hora, quando um inexprimível raio de sol disparava através de uma fenda desobstruída. O deslocamento deles dia e noite pelo país, às vezes em carroças, sufocados, famintos, amontoados, até mesmo a nossa civilização carníface tem vergonha em amontoar porcos para o abate; às vezes, por marchas terríveis, a maioria à noite, frequentemente com a chuva batendo neles, atingidos pelas coronhas dos mosquetes dos soldados quando ficavam para trás por fraqueza ou claudicação.

Então, as prisões, com suas prolongadas agonias de fome, frio, vermes e doenças, e a sempre crescente escuridão da espera pela morte. Seguiram as torturas de amigos e parentes dos *Communards* ou suspeitos de serem *Communards*, para fazê-los trair o paradeiro de seus amigos.

Poderiam eles, que viram essas coisas, “perdoar e esquecer”? Eles, que viram crianças de dez anos de idade açoitadas para fazê-las dizer onde estavam seus pais. Mulheres enlouquecidas diante da terrível escolha de entregar seus filhos que haviam lutado, ou de suas filhas que não lutaram, para a brutalidade das tropas.

Após as torturas da caça, as torturas dos julgamentos, farsas solenes, crueldades ferinas. E então a longa fila desesperançosa de exilados marchando da prisão ao porto,

amontoados nos navios de transporte, observados como animais enjaulados, proibidos de falar; a constante ameaça do canhão sobre eles, e aí afastados para longe, para terras de exílio, para ilhas estéreis e costas febris — para lá definhar na solidão, na inutilidade, em sonhos fúteis de liberdade que terminavam com correntes em seus tornozelos ou com a morte em recifes de corais —, tudo isso era a Misericórdia e a Sabedoria mostrada pelo governo nacional à cidade rebelde cujos trabalhos são a glória da França, cuja beleza é a Beleza do Mundo. Qualquer outra lição que tenhamos que aprender, essa é certa: a covarde vingança da Autoridade restaurada. Se alguém se rebela, deixe se rebelar até o fim; não há esperança mais fútil que a esperança na justiça ou na misericórdia do poder contra o qual a rebelião se insurgiu. Nenhuma fé tão simples ou tão tola quanto a fé na discriminação, no julgamento ou na sabedoria de um governo reconquistado.

Se naquela época, o princípio essencial da Comuna independente poderia ter se realizado ou não através de uma resposta geral de outras cidades francesas por ação semelhante (no caso de Paris ter continuado a manter a luta alguns meses mais), eu não sou historiadora o suficiente, nem profeta histórica o suficiente, para dizer. Inclino-me a pensar que não. Mas certamente a luta teria sido bem diferente, bem mais frutífera em seus resultados, tanto durante quanto depois, (mesmo se finalmente derrubado), se tivesse sido um movimento de todas aquelas pessoas que foram tão indiscriminadamente assassinadas por isso, tão vilmente torturadas, tão impiedosamente exiladas. Se tivesse sido realmente a expressão deliberada da vontade de milhões de pessoas de serem livres, elas teriam confiscado todo suprimento que estavam fornecendo ao inimigo de dentro de seus próprios portões;

teriam repudiado os direitos de propriedade criados pelos poderosos que elas procuravam derrubar. Teriam visto o que era necessário, e feito.

Tivessem os verdadeiros *Communards* visto a lógica de seu próprio esforço e entendido que, para derrubar o sistema político de dependência que escravizava as Comunas, deveriam derrubar as instituições econômicas que geraram o Estado centralizado; tivessem eles proclamado a comunalização geral dos recursos da cidade, poderiam ter conquistado a fé total das pessoas na luta e despertado um esforço dez vezes maior para vencer. Se isso novamente fosse seguido por um contágio semelhante nas outras cidades francesas (o que era uma possibilidade), a chama poderia ter pegado em toda a Europa Latina, e aqueles países poderiam agora viver um exemplo prático da extensão de um Socialismo modificado e de autonomia local. Isso é o que provavelmente acontecerá na próxima irrupção semelhante, caso os políticos sejam tão impolíticos para provocar o mesmo. Há aqueles entre os melhores estudantes das ciências sociais que sentem seguramente que assim será o curso do progresso.

Eu digo francamente que não posso ver o caminho do progresso futuro, — minha visão não é ampla o suficiente, nem meu ponto de vista alto o suficiente. Onde outros talvez contemplem a luz do amanhecer, eu posso apenas discernir névoas — poeira soprada e escuridão em movimento que obscurece o futuro. Não sei aonde esse caminho leva ou como ele segue. Apenas quando olho para trás, posso vislumbrar aquele longo, terrível, penoso caminho pelo qual a humanidade seguiu adiante; mesmo que eu não veja claramente — apenas trechos dele, aqui e ali. Mas vejo o suficiente dele para saber que nunca fora uma

linha reta, sem desvios. O caminho sempre serpenteia e retorna, e mesmo no momento em que se ganha algo, algo se perde.

Contra o ataque da Natureza, o Homem reúne sua força social e assim perde a liberdade de sua condição mais isolada. Contra as inconveniências da sociedade primitiva, ele lança seu gênio inventivo — delimita terra, mar e ar — e, pelo próprio ato de conquistar suas limitações, ata-se em novos grilhões, criando a fortuna pela qual se escraviza para produzir!

E esse é o Caminho do Progresso, onde não há previsão!

O que o espera? E qual esperança está lá? E qual ajuda está lá?

O que os espera? O Desconhecido os espera, como sempre esperou — escuro, vago, imenso, impenetrável — o Mistério que seduz os jovens e fortes dizendo: “Venha e lide comigo”; o Mistério do qual o velho e sábio recua dizendo: “Melhor suportar os males que nós temos do que voar para outros dos quais não sabemos nada”; o velho e sábio, mas... ai de nós! O de sangue frio! O Mistério das forças ainda não amarradas da terra, do sol e das profundezas, a perda de qualquer uma dessas pode alterar a face de tudo que tem sido feito, do que agora nós pensamos como uma garantia da liberdade; pode se tornar a própria corrente da escravidão, como tem sido o caso com as liberdades laboriosamente conquistadas pela ação e então estabelecidas em palavras para os homens não nascidos cumprirem. E ainda assim, ele espera.

Você é forte e corajoso? O Desconhecido convida lhe para a luta, desafia a sua conquista. Mais do que isso, talvez

seja seu futuro amado, esperando para recompensar sua paixão desafiadora com o fervor da criação fresca. Você é fraco e tímido de espírito? Curve sua cabeça ao chão. Você ainda assim deve encontrar o futuro, ainda deve ir na trilha dos outros. Você pode atrapalhá-los, você pode fazê-los atrasar; você não pode pará-los, nem a si mesmo.

A luta espera — luta abortada, luta esmagada, luta equivocada, longa e frequente. E o pior de tudo isso, a Espera esperando — o longo nível-morto de inação, quando ninguém faz nada, quando até mesmo os ousados só se movem em círculos que retornam para si mesmos; quando ninguém sabe o que fazer, exceto suportar a pressão cada vez maior de condições intoleráveis, como melhorar o que ele desconhece; quando viver parece uma jornada monótona por um deserto inexpressivo, onde a mesma palavra impiedosa “Inútil” encara a quem, de todos os caminhos sem rumo, procura seguir na busca desesperada por uma saída. Mais feliz é quem perece na luta equivocada do que aquele que, com uma alma quente e conflitante, mas com claro discernimento, vê que está condenado a continuar indefinitivamente submisso aos erros que existem. Que esperança há? A de que a crescente pressão das condições pode acelerar inteligências; a de que mesmo da luta equivocada, luta frustrada, boas consequências imprevistas podem fluir, assim como que de inegáveis melhorias da vida material, imprevisíveis males podem resultar como consequência.

A Comuna esperava liberar Paris, e assim, dando o exemplo, liberar muitas outras cidades. Caiu em derrota total e nenhuma cidade foi liberada. Mas, para além dessa derrota, o conhecimento e as habilidades artesanais de seu povo embarcaram para outras terras, tanto em centros

civilizados quanto em lugares selvagens perdidos; e aonde quer que sua arte vá, suas ideias vão também, então a “Comuna”, a idealizada Comuna, tornou-se o lema de todas as oficinas de trabalho do mundo, onde quer que haja alguns trabalhadores procurando despertar seus companheiros.

Há aqueles que têm esperanças definidas, aqueles que pensam saber precisamente como o excesso de trabalho, o trabalho insuficiente e a pobreza, e todas as consequências da escravidão espiritual devem ser abolidos. São aqueles que pensam poder ver o caminho do progresso, amplo e claro, através da fenda de uma urna eleitoral. Temo que o trabalho deles também tenha algumas incalculáveis consequências, se algum dia o executarem; temo que suas limitadíssimas visões os enganem demais. Escalar uma montanha é uma questão diferente de eleger alguém para o topo.

Não importa: o Homem sempre espera; a Vida sempre espera. Quando um objeto definido não pode ser delineado, o indômito espírito da esperança ainda impele a massa viva a mover-se em direção a algo — algo que deve, de alguma forma, ser melhor.

Que ajuda há nisso? Sem ajuda de poder externo; sem ajuda de cima; sem ajuda do Céu, reze muito para ele; sem ajuda das mãos fortes do homem sábio, nem do bom homem, tanto faz o quão sábios ou bons. Tal ajuda sempre termina em despotismo. Também não há ajuda na abnegação de fanáticos generosos cujos esforços terminam em fiasco deplorável, assim como fez a Comuna. A ajuda está apenas na vontade geral daqueles que fazem o trabalho para dizer como, quando e onde o devem fazê-lo.

A força da lição da Comuna é que as pessoas não podem tornar livre quem não concebeu a liberdade; no entanto, através destes exemplos, as pessoas podem aprender a concebê-la. Não pode ser concedida como um presente, deve ser tomada por aqueles que a querem. Esperamos que aqueles que a teriam dado, comprada com tanto sacrifício, que eles tocassem os olhos que não veem do proletariado sonâmbulo com a luz que os fez sonhar, ao menos, em despertar.

Tradução do inglês por Flávia Lucchesi.

Notas

¹ “The Paris Commune”, publicado originalmente em *The Selected Works of Voltairine de Cleyre: Poems, Essays, Sketches and Stories*, 1885-1911 (org. Alexandre Berkman, published 1914). Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-the-paris-commune>. (acesso em: 10/02/2021).

² Patrice de MacMahon foi o general que liderou o exército de Versalhes contra os *Communards*. (N.E.)

³ Gaston Alexandre Auguste, Marquês de Galliffet foi um general francês que participou do massacre à comuna. (N.E.)

Resumo

Frente às histórias mais contadas, às lendas sobre a Comuna de Paris, este texto apresenta uma análise das forças que fizeram a Comuna, enfrentando a generalizada indiferença da maioria parisiense e a brutal violência das autoridades.

Palavras-chave: Comuna de Paris, Communards, Voltairine de Cleyre.

Abstract

Faced with the most told histories, the legends about the Paris Commune, this text presents an analysis of the forces that made the Commune, confronting the generalized indifference of the Parisian majority and the brutal violence of authorities.

Keywords: Paris Commune, Communards, Voltairine de Cleyre.

The Paris Commune, Voltairine de Cleyre.

Indicado para publicação em 22 de fevereiro de 2021.

À COMISSÃO DOS PERDÕES

Assassinos, vocês

Percebem que sua hora chegou?

Na verdade, eu me felicito com o que ocorreu.

Sofremos, mas a causa foi salva.

Tantos crimes cinicamente perpetrados, friamente executados; tantas vilanias e desqualificações desmascaram amplamente todos vocês.

Bravo, Senhores! A torpeza acabou!

Suprimir seus nomes é algo impossível!

Na história da comissão dos golpes de misericórdia, para sempre os senhores serão considerados como os lacaios do carrasco!

Senhores, lembrem-se bem, teremos horror e riremos de vocês, pois são horríveis e grotescos.

louise michel

*Central de Auberive, 28 de novembro de 1872, sete horas
da manhã.*

20 em 21

1. A preocupação com os chamados vulneráveis, no início da proliferação da Covid-19, em 2020, foi devido ao medo de uma reação insurgente por este vasto contingente de populações abandonadas pelos serviços de saúde dos Estados pelo planeta.

2. Não foi surpresa para ninguém a formação de redes de solidariedade voluntária entre pobres e miseráveis, assim como o aparecimento da solidariedade S/A comandada por empresários e ricos justificando garantias de vida, emprego e economia. Visavam a salvação para suas propriedades.

3. Passamos 2020 na esperança humanitária em vacinas em função da volta ao normal ou da consolidação do novo normal. E as vacinas vieram com maior ou menor capacidade de contenção do vírus e suas variações. Foi a chamada vitória da ciência.

4. Mas a ciência não é neutra e se faz com capital e verbas de Estado. Ter vacina não é sinônimo de acesso à vacina para todos. É impossível vacinar, simultaneamente, a todos. Não há, nem nunca haverá, no capitalismo, equipes médicas disponíveis para vacinar imediatamente a todos.

5. Por isso, vacinar contra a Covid-19 exige escalonamentos por faixa etária e comorbidades.

6. A aprovação pela ANVISA das vacinas Coronavac e AstraZeneca, no Brasil, ocorreu em 17 de janeiro.

7. Chegaram alguns lotes mínimos de vacinas para o início do programa. Mas não há IFA (Insumo Farmacêutico Ativo) para a produção de vacinas aqui no Brasil. Isso depende da China, um tanto da Índia, um tanto das indústrias farmacêuticas, um tanto de diplomacia, um tanto de poder de Estado e de capital. O Brasil não está no top em nenhuma destas categorias. Pelo contrário, está na rabeira dos rankings.

8. Não há IFA, nem previsão de sua produção aqui. Não há vacina a não ser para cenas de noticiários nas mídias. Não há autoridade governamental que reconheça a doença como epidemia. Somente encenações, com um certo ar de postagens afobadas e mal acabadas. Ou como diz o homem que senta no trono do palácio: obedeçam!

9. Dizem que os países mais ricos terão vacina e que isso não é justo com os países mais pobres. Justiça sempre foi o amortecedor preferido para a continuidade das investidas capitalistas e estatais em matar.

10. Para o capitalismo e o Estado, em sua aritmética, os velhos, os doentes, os

improdutivos e os excessos populacionais devem ser varridos. Matar é a condição para a continuidade da vida capitalista (com pestes, pandemias, guerras, políticas, lucros...) cuja saúde depende de como se deixa morrer seus súditos, com ou sem democracia. E a maioria em uníssono com a minoria governante apela às religiões como esperança.

11. A ciência também não se desprende da religião e seu conhecimento em nome da humanidade se resume à humanidade de quem financia e de quem é seletivamente produtivo.

12. O novo coronavírus se metamorfoseou na África do Sul, na Grã-Bretanha, em Manaus e Roraima no Brasil (E484K e K417N). Há outras metamorfoses a ocorrer, vacinas a se descobrir, gente a ser imunizada... Há muito mais mortes a se contabilizar, notícias sobre os descasos do Ministério da Saúde e do governo do Estado (não só do Brasil) sobre a chamada pandemia...

13. Morrer, enterrar: esta é a relação que o governo administra com ou sem pandemia. Com a bênção dos Deuses.

14. Fontes jornalísticas antevêm que somente ao final de 2022 e no início de 2023 muitos países não ricos chegarão a vacinar sua população sobrevivente.

15. Os laboratórios declaram que não cumprirão prazos de entregas de vacinas; ondas

de contaminações passam a ser vistas como regulares; as populações dizem que precisam de emprego ou de ajuda financeira governamental... ONGs, fundações e institutos dão coberturas para um lado e para o outro.

16. Há várias vacinas: Coronavac, Sinovac, Sinopharm, AstraZeneca, Biontech-Pfizer/Moderna, Johnson & Johnson, Sputnik V, Janssen, Nova Vax... várias indústrias e muitos Estados que comandam. Muitos Estados que não comandam o capitalismo, mas se programaram para entrar na disputa, chegam até a ser autorizados a produzir IFA para determinados países, como a Argentina.

17. O Brasil depende da China... e o governo não gosta da China. Gosta? Sim, tudo está reduzido a gostar ou não, para quem foi e é seguidor e séquito de Donald Trump.

18. E para quem é dono do palácio, do senado e do congresso. Neste país não há sequer oposição política, somente negociante de xepa de feira.

19. O acesso desigual às vacinas não é "uma falha moral catastrófica" como declarou o diretor geral da OMS, Tedros Adhanon. A desigualdade e a esperança em sua redução; em melhorias democráticas, aumentando a resiliência e fortalecendo o protagonismo é o programa da racionalidade neoliberal com esquerda ou direita (incluindo populistas e

extrema direita) nos governos de Estados. Sua meta contínua é a de normalizar o normal.

20. Até quando os súditos acreditarão na esperança que nunca veio ou virá?

[Publicado como hypomnemata 242. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, fevereiro de 2021.]

anarquismo e sindicalismo — nota

rogério nascimento

Aqui segue a segunda parte de *Anarquismo e sindicalismo* de Florentino de Carvalho (1883-1947) com os seis artigos finais publicados no jornal *A Plebe*. Os seis escritos iniciais estão, reunidos como primeira parte, no número 38 de *verve*. Arrematando uma apreciação a esta segunda parte, inicio destacando a concepção de ser humano e de sociedade elaborada pelo autor: somos seres simultaneamente orgânicos, sociais e pensantes. Disto resulta a problematização das condições de existência na sociedade vigente, orientadas em princípios teológicos, autoritários e de exploração. Os meios de subsistência subtraídos dos produtores, através da organização econômica capitalista, tem como efeito restringir consideravelmente, aos setores populares, as possibilidades de acesso satisfatório à alimentação como também ao vestuário, moradia, educação, saúde, estudos e divertimentos. A exploração se sustenta no domínio político organizado pelo Estado moderno, o qual atualiza o teológico princípio de autoridade.

Rogério Nascimento é pesquisador no nu-sol e professor na Universidade Federal de Campina Grande. Contato: rogeriohznascimento@yahoo.com.br.

Somos seres sociáveis e não naturalmente maus. O homem lobo do homem hobbesiano, de procedência religiosa, não resiste à crítica anarquista. Florentino de Carvalho analisa, nesta segunda parte, as formas marxista e sindicalista do Estado diante do anarquismo. O Estado mais perfeito seria o mais interventor, açambarcador e coercitivo. Evoca a U.R.S.S como expressão dessa plenitude, destacando o grau aterrador de violências e brutalidades que esmaga individualidades e coletividades. O sindicalismo, por sua vez, é criticado por Florentino por suas próprias limitações: corporativista, economicista e como produto do capitalismo e do industrialismo. Ele não vê o sindicalismo como alguns anarquistas o concebiam. Se refere expressamente a Neno Vasco (1878 – 1920), importante militante anarcossindicalista. Mas também não execra o sindicalismo, como faziam alguns anarco-comunistas. Compartilhando com estes das críticas ao sindicalismo, Florentino entendia ser ainda possível a atuação anarquista nos sindicatos.

A atividade anarquista no sindicato deveria ser pedagógica: exercícios de gestão da vida social simultâneo ao enfrentamento do Estado, do capitalismo e do obscurantismo religioso. Deste ponto em particular discordavam os anarcossindicalistas, para quem o sindicato deveria se deter na resistência econômica, deixando de fora as questões políticas, religiosas, ideológicas entre outras. Para Florentino, esse posicionamento dos anarcossindicalistas tinha a ver tanto com um tributo pago ao marxismo, como também à repetição de erros acontecidos na Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1872). Um desses equívocos diz respeito à obsessão em reunir todos os trabalhadores nas associações operárias. Florentino identifica-

va nesse intento um disparate revelador do economicismo dos anarcossindicalistas, pois desdenhavam a importância das ideias, das concepções, dos conceitos cultivados pelos trabalhadores. As diferentes concepções políticas, religiosas, filosóficas e ideológicas não seriam anuladas diante da situação de explorado pelo capital.

Demonstrando uma mais acurada percepção da dinâmica social do poder, Florentino de Carvalho chega mesmo a evidenciar o entusiasmo do trabalhador explorado, em manter as condições da sociedade capitalista, por vislumbrar a possibilidade de ocupar o lugar de explorador. O sindicalismo, portanto, como também o Estado marxista, mesmo se estabelecendo a partir da busca por justiça social, não constitui uma linha reta de distanciamento quanto ao ponto inicial criticado. Constituem rapidamente em uma curva: cedo ou tarde retornará ao ponto inicial supostamente combatido por partidos e sindicalistas pretensamente revolucionários.

Por fim, chamo atenção para a apresentação do anarquismo feita por Florentino. Primeiro, o combate ao autoritarismo, ao misticismo e à exploração deve se dar desde o local onde se vive. Não há um lugar exclusivo ou com maior primazia para a resistência econômica, para as recusas de colaboração com o despotismo e para as instaurações da anarquia. Segundo, o anarquismo não é um catecismo cujas verdades estariam localizadas em personalidades tradutoras e monopolizadoras de seus princípios. A verdade, sempre relativa e não monofásica, deve ser resultado da interlocução constante e contínua entre todos. Terceiro, a questão social não deve ser apresentada, abordada, analisada a partir de uma perspectiva unilateral. Quarto ponto, para encerrar, recupero a concepção de ser humano e de sociedade de

Florentino, destacada no início destas linhas. Além de seres orgânicos e sociais, somos seres pensantes. Desta maneira não procede dar maior importância a um aspecto da nossa existência em detrimento dos demais.

Esta minha aproximação a esse visceral escrito de Florentino de Carvalho não substitui o estudo direto por quem tenha interesse. Poderia expandir e detalhar cada um destes aspectos indicados nestes parágrafos, além de outros não abordados, mas isso seria empobrecer a reflexão direta de seu pensamento social. Por esta razão paro por aqui. Boa leitura!

anarquismo e sindicalismo — 2ª parte¹

florentino de carvalho

VII²

Existe uma confusão lamentavelmente errônea na mentalidade da maioria das pessoas quanto à interpretação das quatro denominações genéricas com que é hoje enunciado o problema social: socialismo, comunismo, sindicalismo e anarquismo.

Temos tentado demonstrar que sem o livre jogo das paixões do indivíduo, sem as condições necessárias para o desenvolvimento pleno das faculdades e das inclinações particulares, toda a organização não passará de um conglomerado sem verdadeiros vínculos de conexão entre os seus componentes; sem os estreitos laços da solidariedade, não haverá possibilidade de uma sociedade harmônica e estável.

A uniformidade não existe nem na natureza nem na vida; este fenômeno só se dá no cérebro anquilosado das

Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares (1883-1947), militante anarquista, publicou artigos em vários periódicos operários e libertários no começo do século XX, como: A Voz do Trabalhador, La Guerra Sociale e A Plebe.

mentalidades autoritárias. Por conseguinte, as diretivas únicas em qualquer ensaio de convivência, serão sempre impositivas e forçosamente falsas.

Decorre daqui que o socialismo embutido no sapato duro do Estado não nos ofereça outra evidência que a comprovação de uma solene mentira e que o comunismo de quartel ou de convento constitua a negação mais redonda, o atentado mais iníquo ao respeito do indivíduo e aos interesses da comunidade.

O regime cristão-estatal-capitalista deu à humanidade uma terrível lição: a demonstração de que a escravização das consciências, o predomínio sobre o pensamento e a dominação corporal, a exploração do esforço muscular dos homens, sempre converterá num inferno dantesco a vida social e apressará cada vez mais a degradação progressiva da espécie.

O Estado é uma entidade que se converte sempre em horrível realidade quando temos à vista e podemos examinar detidamente qualquer de seus agentes ou representantes: o juiz, o burocrata, o gendarme, o político profissional.

Descristianizai e descapitalizai a atual ordem de coisas e convertei o Estado em Deus e em patrão único.

Obtido este propósito, terá sido resolvida a grande questão?

Toda a gama de tipos autoritários, dogmáticos, cegos executores da lei, autômatos obrigados a cumprir inexoravelmente o dever de sua função, fica de pé. O mal que se pretende eliminar, longe de conjurar-se, aumentou-

se, porque a instrução estatal e monopolista estendeu aos membros ativos que a sustentam suas atribuições omnimodas.

Suponhamos por um instante que tivesse sido realizado na Rússia o mentido comunismo do Estado. Haveria quem, fascinado ante este fato, tivesse a ousadia de afirmar que simultaneamente teria mudado a sorte do povo? Conseguir-se-á quando muito, seguindo esta via, solucionar em mais ou menos tempo o problema econômico. Mas poderiam, no fim de contas, os doutores da ciência econômica, os catedráticos da economia política, afirmar seriamente que a felicidade do homem há de concretizar-se no que poderíamos chamar o ideal do porco, que consiste em só engordar?

O homem não é um animal indômito ao que há que domesticar e cujas necessidades se reduzem à satisfação apenas de simples instintos biológicos.

Não o tendes assim admitido e estipulado para vós mesmo, senhores super-homens de todos os matizes do autoritarismo, traficantes da cultura e profissionais da indústria da legislação.

O ser humano em geral — não só o que pertence a uma casta privilegiada — é um ente moral que tem necessidades superiores além dos imperativos fisiológicos de nutrição. E não terá efetividade na manifestação das ideias e dos fatos a personalidade humana enquanto que, ajustando-se à natureza intrínseca e complexa do homem, não haja sido estabelecido e organizado, segundo as situações mutáveis, o meio social correspondente.

Não estamos vendo, como última experiência cruel na história, de que modo a sombra da Rússia se ostenta ameaçadora sobre as cabeças do mundo revolucionário?

Dentro dos limites até onde alcança o poder do Estado bolchevista, é demasiado sabido que pela ameaça de Solovetzky³ e da Sibéria e pela sugestão da boca dos *mausers*⁴ foi obtido peremptoriamente o sonho que acompanhou até o túmulo o inválido Tamerlan⁵: o acatamento absoluto dos dogmas do Kremlin. E para os que mais além das fronteiras do Soviete não queriam se submeter voluntariamente à sua bestial ditadura, fica reservado, imitando o sistema de todas as igrejas, o anátema fulminante da excomunhão. Os césores romanos e Napoleão intentaram conquistar o mundo, levando a guerra a todos os povos que não quiseram submeter-se à sua vontade. Assim a Igreja “comunista” de Moscou, que deu à humanidade a impostura vermelha e a quem cabe a triste primazia de proclamar a excelência da ditadura sobre o valor da ideia de liberdade, condenou à morte, por agonia lenta, ou ao exílio perpétuo, os anarquistas russos e estrangeiros de todos os domínios, os heterodoxos do pensamento oficial e todos os suspeitos de heresia. E com o mesmo espírito dominador e jesuítico, Lênin e Trotsky aconselharam a calúnia da qualidade de anátema contra os inimigos do exterior.

Não são arautos da discórdia em todas as reuniões a que assistem os catecúmenos da investidura vermelha?

E como todos os autoritários do presente e do passado, têm a contumácia de impor ao conjunto social as suas fórmulas estreitas, a sua orientação unilateral e exclusivista.

Não podemos crer, em conclusão, que pelo meio consistente no atentado máximo de expropriar à humanidade de todos os bens, se possa chegar ao fim da justiça.

Só, unicamente pelo resgate e a volta do solo e do subsolo, das matérias primas, dos instrumentos do trabalho e dos produtos elaborados, às mãos do povo, que é o seu proprietário legítimo, poderão ter consagração eficiente o socialismo, o comunismo e todas as formas imagináveis de socialização.

Infere-se de tudo que fica dito que o anarquismo não é uma doutrina de gabinete, que as doutrinas anarquistas não constituem fórmulas elaboradas para que sirvam de decálogo às gerações do futuro.

O anarquismo é o postulado ideal que trata de interpretar a vida em toda a sua diversidade. A anarquia será a sociedade futura em que, livre a humanidade, ou uma parte desta, dos grandes obstáculos que impedem a livre canalização das paixões humanas e o máximo desenvolvimento das aptidões do homem, será começado um novo ciclo de verdadeira civilização.

De nenhuma maneira será um sistema cerrado e uniforme a organização da vida que os anarquistas preconizam. Logo, a associação do homem na federação das agrupações livres não pode estar exposta à falência como esteve e estará sempre destinado à bancarrota o “Estado-prisão”.

VIII⁶

O grande geógrafo Élisée Reclus⁷ representou a evolução e a revolução com uma figura simples e completa: o progresso nas sociedades humanas é um rio caudaloso que deve correr sempre. As suas águas não deixam de caminhar; se um obstáculo se interpõe à sua marcha, será arrastado se não tiver suficiente firmeza estática, e, em caso contrário, mais tarde ou mais cedo, as águas sairão do leito e transbordarão. Assim é o rio crescente das energias humanas; quando os engenheiros de diques, quando os arquitetos de muros para contê-las tenham julgado realizada a sua ideia quimérica de estancá-las, sobrevirá a catástrofe inevitável: serão arrasados os estreitos canais do capitalismo e saltará feita em pedaços a velha muralha do Estado.

Três necessidades fundamentais, inerentes à sua própria natureza e sentida dia a dia de maneira mais intensa e categórica há de o homem satisfazer em sociedade: a manutenção da própria unidade humana, a de continuidade no tempo e no espaço e a do domínio que incessantemente deve ser mais completo do mundo exterior em suas adversas condições. Diremo-lo de outro modo, empenhados como estamos em ser entendidos.

Este animal que há em cada um de nós sente e deve atender, sob pena de atentar contra a sua própria natureza, o imperativo insubornável de dois instintos fisiológicos: a necessidade de nutrição e a de reprodução. E como racional que é, como animal de costumes superiores, se agrada mais esta expressão, sente também o desejo natural antiteológico, de superação intelectual e moral.

Permita-se nos agora perguntar: pode o animal humano, o *homo sapiens*, acanalhados herdeiros da Metafísica, — recitadores autômatos da Retórica! — exercer sem freio na sociedade atual ou em qualquer regime autoritário, seu pleno direito à subsistência no amplo sentido requerido pela dignidade humana?

Por conseguinte essa pirâmide egípcia, com absurdos biológicos e morais que os jacobinos⁸ de todas as escolas intentam edificar, esse engendro estatal — sonhado por comtistas e marxistas — triplamente monopolizador — monopólio das riquezas, de tudo que foi criado pelo esforço produtor, das liberdades e das iniciativas, — esse estado elevado à máxima potência, constituiria, se chegasse a sê-lo, a iniquidade menos humana que cabe imaginar, a maior monstruosidade que se pode conceber.

Antes de impor a todos esse ignominioso truste, esperamos de todos os estadistas que nos resolvam em teoria o seguinte problema moral: a compatibilidade do Estado “perfeito” com a verdadeira soberania individual.

O Estado é para a sociedade o que para o indivíduo é a prisão.

Nesta o homem deforma-se psiquicamente; para a imensa maioria degenera progressivamente a sua fisionomia moral. E quanto mais metódica seja a sua disciplina, quanto mais rígidos os seus regulamentos, quanto mais sábios os cálculos dos seus diretores para prever o desconhecido e submeter a vida à ideal uniformidade, tanto mais se extinguirá a dignidade dos seres que ali sentem e pensam, em maior grau terão sido

exterminadas a consciência e a personalidade. De modo igual acontecerá à atividade e ao pensamento sociais, vertida aquela em moldes inventados por uns poucos e sujeitos este a padrões exclusivos.

Na vida e na Natureza não se registra o menor sintoma de estatismo: se se persiste no extravio mental de encerrar em sistemas estáticos, autoritários a humanidade, esta, após uma agonia lenta, estará condenada irremediavelmente a perecer.

É necessário que insistamos, porém, ainda mais: seriam capazes os sacerdotes da sociologia oficial de nos oferecer as provas daquilo que Hobbes não pode provar? Se o homem é um ser sociável, como a ciência demonstra e eles mesmos tiveram que admitir, por que há de ser submetido para viver em comunidade a um contrato social arbitrário e violento, concebido e estabelecido por meia dúzia para que seja acatado e cumprido desde o berço até a tumba, sem análise nem objeção, por toda a coletividade?

A melhor demonstração de falsidade do “*homo, hominis lupus*”, como tipo comum na mesma humanidade de hoje, podemos encontrá-la no fato incontestável de que, com desconhecimento de legislações e códigos, saibam ainda os homens viver na solidariedade que permite a exaltação do utilitarismo burguês e na esfera de harmonia não quebrada de qualquer modo pela violência estatal.

A solidariedade é uma lei universal que se mantém por cima das caprichosas conveniências, de sórdidas ambições e de convencionalismos absurdos, impostos no passado e no presente com caráter de lei.

A ajuda mútua é um fato mais extenso e universal que a cobiça e a pirataria.

Kropotkin demonstrou-o até a saciedade aos doutores apergaminhados de economia política e aos catedráticos do tresnoitado direito de espoliação.

Quereis convencer-vos, inquisidores de todas as igrejas religiosas e políticas, de como os povos são capazes de remover e colocar em seu verdadeiro centro o mundo social? Deixai que apoiem a alavanca de seus sentimentos solidários e de suas positivas faculdades cultivadas no exercício do trabalho; concedei-lhes, ao menos por uma semana, completa liberdade.

Ficai com a sabedoria dos vossos códigos, com as maravilhas de vossos inventos mortíferos, com o cretinismo de vossas cerimônias, com a sarna moral de vossas almas, com a hipocrisia das vossas relações, com a degenerescência dos vossos costumes, com a vossa obsessão de espíritos dominantes, com a vossa impotência de ventruços sibaritas. Deixai-nos passar, deixai-nos fazer e agir.

Assim não haverá revolução, deste modo não correrá sangue; com diferente atitude vossa, tereis aumentado o terrorífico fantasma da guerra. A tal atitude de tolerância de vossa parte, prometemo-vos corresponder apagando da face da terra o roubo e a violência glorificados em vossos símbolos: a águia e a balança, a espada e a cruz.

Permiti-nos nada mais que experimentar, para não reivindicarmos com a força o direito de iludir a vossa opressão.

Convidamo-vos, inclusive, a colaborar na nova organização racional a que aspiramos.

Se no prazo de um ano não tivermos conseguido mais bem-estar geral, superior ao nível econômico e moral das condições presentes — atrevemo-nos a interpretar a vontade coletiva de todos os anarquistas — ficai certos de que declinaremos da atitude que tendes qualificado de louca pretensão. E quase vos asseveramos também que solicitaremos a vossa tutela sempiterna, a que até a data ninguém vos ofereceu no sufrágio universal.

Recusais o que vos temos proposto, estais obcecados em seguir explorando e oprimindo?

Quereis então a revolução.

Não vos restam mais que duas perspectivas: ou matais os revolucionários à medida que forem aparecendo no campo social, ou o cataclismo, cuja ideia vos atormenta, privilegiados e autoritários, sobrevirá.

Não temos podido fazer mais sincera confissão.

O Anarquismo, ao contrário do que dizem os corações mesquinhos da classe média, ao contrário do que dizem as almas taradas pelo vício hereditário da submissão, não é um ideal de vingança nem uma paixão mórbida de inveja ou de terror.

É a ideia universal de justiça contida em todos os movimentos de rebelião, é a ânsia reparadora da multidão. É a liberdade do indivíduo e do gênero humano cujo extermínio a Santa Inquisição não conseguiu com as suas fogueiras; é a verdade da ciência, o fruto do trabalho, a luz

do pensamento que hão de ser convertidos em comum patrimônio de toda a humanidade.

IX⁹

A ideia anarquista não é, segundo temos podido constatar, uma simples abstração de intelecto, não é uma quimera sem possibilidade de admitir sequer o menor contato com a realidade.

O anarquismo, na mesma hora que vivemos, é de fato o pensamento, sentimento e ação; é o movimento de vontades e a filosofia de todas as potências individuais e sociais postas em dinamismo tendentes à consecução da máxima liberdade para o indivíduo e ao aumento constante do bem-estar geral.

No mundo, porém, não há somente fatos fatais, produzidos pela mecânica universal e complexa da vida. Nem as ideias que põem em movimento as energias humanas são sempre um resultado forçoso imposto à consciência individualizada e seguindo uma direção unilateral.

No cosmos social são igualmente absurdos o livre arbítrio dos teólogos e o fatalismo econômico proclamado pelos rastejantes ideólogos do “socialismo científico”. Existe, como fenômeno subsequente às leis inexoráveis da Natureza, a vontade humana como fator importantíssimo da evolução e criação.

As energias cósmicas agem sobre o homem como ente natural que é, e este, pelo poder da sua consciência e do seu raciocínio, transforma em ações reflexas aquelas forças,

aplicando-as à vida em suas três grandes manifestações: natural, social e moral.

Um dos grandes fundamentos da filosofia anarquista é constituído pelo princípio cientificamente comprovado que se denomina *determinismo psicológico*.

Negada a possibilidade de uma relativa autodeterminação da vontade em cada um dos seres pensantes, não poderá ser concebida uma sociologia da liberdade.

Tenhamos, pois, em conta esta premissa, depois de estabelecida a sua veracidade, como um fato cientificamente aceitado.

Temos confirmado que o anarquismo é, antes que um postulado doutrinário, um movimento voluntarista.

Vejamos de que modo orientar com mais acerto esta vontade, quais meios práticos e que métodos serão mais eficazes para que as vontades socialista-anárquicas possam influir sobre as presentes condições sociais como uma potência de transformação.

Ao expormos as ideias anarquistas numa síntese geral, mencionamos as quatro grandes denominações com que é enunciado e conhecido o problema social na Europa e na América.

Formulamos uma breve crítica das duas primeiras correntes enumeradas, das duas escolas mal qualificadas de socialista e comunista.

Analisamos agora a terceira dessas grandes manifestações: *o sindicalismo*.

Desde meados do século passado, em que o capitalismo — aproveitando invenções mecânicas, novos e mais técnicos processos dos métodos de produção — iniciou um novo ciclo de prosperidade, um novo fato social se apresenta na vida moderna: o aparecimento do *proletariado*.

Os operários industriais, aglomerados nas grandes fábricas dos centros de população, vítimas de uma maneira cada vez mais intensa da “férrea lei do salário”, tosquiados e oprimidos de um modo sem cessar crescente em celeridade e em extensão, chegam por fim, depois de cruéis sofrimentos, a sentir-se irmanados pela dor.

Determinados por esta situação econômica e moral, os trabalhadores da Europa ocidental realizaram no período de 1830 a 1860, a primeira etapa de um movimento associativo que depois se tornaria geral. Organizações de proletários de diversas profissões foram constituindo-se neste decurso de tempo com fins de apoio mútuo e defesa comum.

Como resultado deste processo de fatos e de vontades, sobreveio em 1864, a formação da Associação Internacional dos Trabalhadores.

A partir daqueles anos, o movimento operário que se associa aos explorados para resistir aos embates da exploração seguiu com incremento e demonstrando constantemente mais vigor em seus vínculos de solidariedade.

Mas note-se bem: a velha A.I.T. foi edificada sobre uma base puramente corporativa. Karl Marx pronuncia a famosa expressão: “Trabalhadores do mundo, uni-vos”.

Esta proclamação oferece-nos, com uma face bem clara, a fisionomia moral da 1ª Internacional.

O mesmo homem, alentador deste grande movimento unionista, quebrantar-se-á depois o propósito indefinido da associação, querendo encaminhar as ações que a integram pela estrada do reformismo e da conquista do poder.

Tal orientação que implicava num desvio flagrante, numa claudicação da rebeldia exteriorizada contra o jugo patronal e contra a dominação autoritária, devia encontrar uma resistência. Os operários espanhóis, jurassianos, italianos etc. possuindo uma compreensão mais ampla dos fins que o proletariado organizado devia traçar-se, expressaram a sua rebeldia, a sua inconformidade contra o pensamento tortuoso do Conselho Geral daquela entidade. Mikhail Bakunin sustentou, interpretando o pensamento de todos, a oposição mais rude e tenaz.

É indubitável que toda agrupação humana, cujos membros se associaram determinados por uma vontade sentida, deverá traçar-se também uma finalidade. Lógico era, pois, que sendo um desejo revolucionário o que unia os trabalhadores de todos os países, se propusessem como objetivo comum chegar a uma transformação profunda, preparar as condições indispensáveis para uma revolução social.

O movimento orgânico dos trabalhadores que se tem inspirado, com declarações mais ou menos precisas, em um ideal inovador, cujos componentes aspiram a uma mudança fundamental das bases e da estrutura orgânica da sociedade, é o que se tem qualificado com o termo *sindicalismo*.

Pois bem; permita-se nos perguntar: este nome vai mais além de uma simples e convencional denominação?

Ninguém ousará negar que antes de conhecer-se este termo — antes que os camaradas anarquistas da França prestassem, inventando-o, um fraco serviço às ideias — não existisse o movimento operário, as organizações proletárias, ou bem seguindo uma trajetória reformista ou inspirada num anelo de revolução.

Para que, então, novas classificações gramaticais? O verbalismo em nossas atividades intelectuais é uma funesta herança do culto latino à Retórica e do tributo rendido na Idade Media à Metafísica, cujas consequências confusionistas haveremos de suportar por muito tempo ainda.

É de lastimar que os nossos companheiros franceses, Pouget, Ievot, Theilier, Pelloutier, Tortelier etc., não tivessem em conta as lições de sadia reação contra tudo que significa aparatosidades linguísticas e complicações não objetivas da vida e do pensamento, seguindo o exemplo do mestre das letras francesas e nosso grande precursor: François Rabelais!

Temos impugnado nas linhas precedentes, não só o defeito da logomaquia infiltrado na esfera do pensamento revolucionário, mas também — e o que é pior — as complicações levadas ao terreno das determinações e da atividade quotidiana.

Que esta observação corresponde a uma lamentável verdade comprová-lo-emos ao examinar as direções que tem seguido a vontade de fazer, inspirada e alentada pelo pensamento anarquista, que por sua vez — não há

que esquecê-lo — foi concebido e elaborado recolhendo experiências e consultando fatos.

X¹⁰

Que o sindicalismo não tem natureza própria — ao contrário do que não há muito afirmava um camarada — prova-o o fato de que pode ser social-democrata ou bolchevista, fascista ou católico, anarquista etc. Não sendo mais que o nome dado ao movimento operário, ele terá o caráter que lhe infundam com a sua mentalidade e o seu temperamento as minorias ativas que o orientam.

As discrepâncias de pensamento suscitadas no seio da Internacional motivadas pela orientação que devia dar-se às “sociedades de resistência” apresentaram um importante problema aos militantes das mesmas: a escolha dos meios conducentes ao fim comum de transformar a sociedade.

É conhecida a diferença de critério a este respeito, quanto aos métodos de luta a seguir entre os chamados marxistas e bakuninistas, entre autoritários e libertários.

O congresso antiautoritário, celebrado em Setembro de 1872 em Saint-Imier, representa a rebeldia da liberdade — que inspirou a fundação da A.I.T. — contra o dogma autoritário e o espírito de dominação, encarnado em Karl Marx e os seus amigos.

Desde então até hoje, a separação das organizações proletárias em todos os países, seguiram direções diferentes, é inevitável.

Muito empenho foi posto e muito boas intenções têm sido consagradas ao propósito de retornar à unidade.

Grande número de companheiros anarquistas tem sofrido, obcessionados por esta ideia, de excessiva ingenuidade.

Felizmente, parece que as duras lições oferecidas pelo tempo chegaram a dissuadi-los do intento vão de estabelecer um acordo dentro de um mesmo marco de luta para alcançar o ideal comum de emancipação.

É sabido que, quando estava para fazer-se a luz, uma nova corrente de vontades fez a sua aparição, pretendendo incorporar às ideias socialistas, com a denominação de *Sindicalismo*, uma nova doutrina social.

Cerrando os olhos ante a investigação serena do passado, ante a realidade instrutiva do presente e em face aos verdadeiros destinos do futuro, anunciou-se ao mundo operário, a descoberta de uma nova orientação. Para alcançar o fim, em cuja direção tinha que se encaminhar, rotas diferentes às já conhecidas haveria que seguir. E para não sofrer extravio, dispor-se-ia também de uma bússola especial.

O novo horizonte de onde, a seguir, viria à luz e ao qual havia que se dirigir, era o sindicalismo como fim, as organizações corporativas como órgãos da revolução e da futura sociedade.

O mundo distinto constituiu-lo-ia a precedência absoluta, o isolamento de toda a influência política, filosófica e religiosa; e como bússola infalível, como pedra filosofal, a consciência de classe.

Pretendiam conjurar em princípio o perigo de que se repetissem sem cessar as velhas disputas tendenciosas e intentava-se, como máxima finalidade, conseguir de

novo o irrealizável: a fusão dos trabalhadores em um só movimento internacional.

Acreditou-se, portanto, se haver encontrado um novo centro para equilibrar sobre ele toda a ação revolucionária mundial: a luta de classe sem a pressão externa, sem o influxo perturbador de ideologias estranhas.

Que significação tem tido no movimento revolucionário a intitulada escola sindicalista?

Em nossa opinião, provocou em quase todos os países um processo de involução, cujas projeções alcançam as lutas atuais e cujas consequências irremediáveis até hoje seriam difíceis de calcular.

Perante o juízo e a comprovação de todos, oferecem-se, por exemplo, a situação do proletariado francês e as tortuosas atitudes do bloco possibilista espanhol durante quinze anos, se não se quer dar crédito à nossa opinião.

Segundo o nosso entender, o sindicalismo, malgrado as suas pretensões de nova teoria, não representou senão a volta ao primitivo e estreito conceito corporativista da A.I.T.

Posteriormente estudaremos as suas pretendidas concepções e o seu sistema para o futuro, com mais extensão.

Temos lido e ouvido repetidíssimas vezes definições expostas neste teor: “o sindicalismo é o movimento corporativo das classes trabalhadoras em luta permanente contra o seu inimigo natural, o capitalismo.

Sindicalismo é a denominação com que se conhecem as lutas da classe operária na defesa de seus interesses contra o capital. É o resultado fatal da concentração de jornaleiros nas grandes fábricas dos centros de população industrial. A passagem do artesanato à manufatura e a transmissão desta aos estabelecimentos de dispositivos mecânicos facultaram as condições de dissociação entre produtores legítimos e produtores nominais: a máquina quebrou os velhos vínculos morais que caracterizavam a vida da oficina; o binômio *patrão e assalariado* expressa a característica da moderna face econômica da sociedade.”

A pugna biológica, de defesa instintiva dos interesses encontrados de cada setor inimigo, entenderamos sindicalistas neutros, que era a única manifestação atendível da guerra social contemporânea.

A beligerância das ideias, das opiniões, do pensamento, que cada cérebro pode conceber e expor, relacionados com os fins e com a atividade consequente das coletividades gremiais, em nada poderia perturbar o rígido curso do sindicalismo cem por cento.

O ponto ideal em que devia situar-se o “sindicato” era, pois, o da equidistância entre o socialismo e o anarquismo. Dilucidar questões de doutrina, propagar os princípios de socialização da terra e da riqueza em geral, aconselhar a luta impostergável contra a burguesia e o Estado sob qualquer de suas formas, manifestar-se contra a autoridade do sacerdote, do legislador e do patrão no templo sindical, era — Pestaña¹¹, de cabeça já encanecida, assegura-nos doutoralmente que é, apesar de tudo, — fazer política, desviar com sugestões do intelecto, a realidade econômica, do seu leito natural.

Falar aos trabalhadores da necessidade de traçar-se o propósito decisivo de evadir-se deste imenso cárcere — destruindo-o — tem equivalido, para os sindicalistas imaculados, a uma fantasmagoria filosófica que distrai aos trabalhadores sem que a possam compreender.

XI¹²

Convenhamos ante o exposto em que o sindicalismo — o movimento operário considerado como tal — é algo muito semelhante ao que foi o corpo de Adão antes de infundir-lhe o padre eterno o sopro vital: um montão de barro dúctil e maleável, suscetível de submeter-se a qualquer aplicação e forma.

Examinemos o problema.

Em anteriores capítulos temos constatado que a humanidade não vive com os regimes atualmente imperantes no melhor dos mundos.

Por esta causa os escravos modernos procuram atenuar o seu mal-estar somando e elevando a potência coletiva às vontades individuais para a defesa comum.

Dito de outra maneira: uma organização social sustentada pela violência e pelo engano para a exploração e a servidão teria de provocar fatalmente a desconformidade explícita dos explorados e servos com as causas que os submetem à condição de tais.

Tal descontentamento constitui o primeiro motivo gestor das associações proletárias.

Pois bem: dita atitude de rebeldia incipiente poderá projetar-se numa reta sem limites, ou poderá ser desviada numa curva que volva ao ponto de partida. Neste caso, estão os sindicatos orientados por tendências autoritárias, bem como os submetidos à égide do capitalismo (Federação Americana do Trabalho) ou sob a influência do Marxismo (*Trade-Unions* inglesas, Sindicatos vermelhos da Rússia); ou patrocinados por qualquer religião ou qualquer Estado (Corporações gremiais católicas, fascistas etc.).

Distintamente, na primeira de tais situações, as organizações inspiradas pelo anarquismo e propulsionada a sua atividade por vontades anarquistas (Confederação N. do Trabalho de Espanha, F.O.R. Argentina, Federação Operária de S. Paulo, Brasil etc.)

Já o temos insinuado: cada proletário que se agrupa aos demais nas sociedades gremiais, faze-o, na maioria dos casos, alentado por um propósito defensivo. Não se propõe destruir a cadeia da exploração, libertar o pescoço da gargalheira do salário; crê religiosamente que aquela será eterna e aspira simplesmente a conseguir maiores forças para que lhe resulte menos pesada; deseja unicamente não ser estrangulado por este. Conforma-se em permanecer ungido ao carro da miséria, desejando apenas não suportar o jugo da fome.

É esta a que poderíamos qualificar de *matéria prima*, com que em suas bases estão formados os sindicatos.

A cada sindicato profissional concorrem os operários considerados como elementos de um ofício determinado:

alfaiates, sapateiros, pintores, padeiros, tecelões, etc. Mas haveriam de ser subjugados na oficina e na fábrica, pela profissão, e escravos fora dela por uma sempiterna mania profissional?

Lopes Arango¹³ disse com grande acerto: o indivíduo vale pelo que pensa e não pelo que produz. Quer dizer, seu valor distintivo está no que o homem supõe como unidade consciente e determinante do progresso e não como fator cego e forçado da produção.

Não terão os operários padeiros, por exemplo, um valor nem individual nem coletivo para a marcha ascendente de um povo, pelo fato de prepararem as massas do pão, de trabalhar até ao esgotamento, atendendo com seu esforço uma necessidade iniludível da população. Mesmo sentindo o orgulho de elaborar o manjar mais indispensável à vida, não passaria, quem tal necessidade sofrera — se não tivesse outra virtude — de instrumento de trabalho, de motor de sangue, de animal de tiro no carro da produção.

Hoje, na época do maquinismo galopante, o trabalho, para quem aspira a uma sociedade sem parasitas, é um timbre de dignidade; mas para o autômato de cérebro e de coração, é envilecedor.

O fato de rebelar-se como explorado e de pensar numa sociedade mais humana, de lutar por um princípio de equidade, constituirá, sem dúvida, um verdadeiro mérito social; não de igual modo a ação mais ou menos mecânica de produzir.

Por ventura a maioria dos trabalhadores não se submete à situação de tais porque as circunstâncias não lhes são

propícias para mudar o seu papel pelo do mais vulgar e desumano explorador?

São incontáveis as tolices que se têm tentado fazer passar por princípios filosóficos.

Calino pretendeu, às vezes, valorizar as de menos sentido e de menos bom gosto, ilustrando-as, para maior compreensão, com alguma estupidez.

Algo disto ocorreu com respeito ao assunto de que nos estamos ocupando.

Tem-se dito: o sindicalismo é a doutrina da ação como o anarquismo o é do pensamento.

O sindicalismo é o braço, enquanto que o anarquismo é o cérebro da revolução.

O sindicalismo libertário será, é já de fato, o veículo em que devemos embarcar-nos; a anarquia é o longínquo e luminoso ponto do horizonte ao qual nos devemos dirigir.

Unguento de retórica, incenso literário, verborragia!

Por acaso a doutrina da verdadeira ação revolucionária não é o pensamento anarquista, e este não se traduz em sentimentos e em fatos como já temos dito e provado mais de uma vez?

O anarquismo não é um fluído etéreo que se corrompe em contato com as coisas dos mortais e se converte em pó e lodo quando desce das alturas.

O descontentamento momentâneo e circunstancial dos explorados deve ser convertido em raciocínio crítico, em sentimento criador, e projetado em aspirações de

liberdade: deve traduzir-se no desejo constante de chegar a uma fundamental transformação das relações econômicas e morais. Eis aí o dever dos anarquistas.

Onde deverão cumprir esse dever senão em todos os lugares em que prestem o concurso de sua atividade pessoal?

Apresenta-se na vida, tanto aos indivíduos como às coletividades, um dilema de cujos termos não é muito fácil escapar: ou se está com a reação ou pela revolução. (Claro que isto não quer dizer que estejam contra nós quantos não nos acompanhem na ação. Não se deve esquecer que são muitos os paralíticos da vontade).

E se há sindicatos, organizações proletárias que estão pela revolução, que mantêm uma beligerância revolucionária, e cujos militantes são anarquistas, por que não hão de serem anarquistas em maior ou menor grau tais agrupações gremiais?

Que tais instituições têm defeitos equivalentes cada um a uma negação das ideias? Mas, por acaso, não os há igualmente no grupo em mais ou menos quantidade? Não é também defeituoso cada indivíduo ainda que se chame e de fato seja anarquista?

Nós não coincidimos com os que em nome do realismo levantam altares a Sancho Pança, nem compartilhamos o pensamento dos que, fazendo da anarquia uma deidade, substituem velhos absurdos com dogmas novos.

Parece-nos que as persistentes invocações da ideia pura, não representam senão uma litania libertária que converte o anarquismo em doutrina religiosa.

E de igual modo as especulações antifilosóficas de alguns aspirantes a filósofos, soam-nos como as últimas salmodias do marxismo decadente postas em solfa sindicalista, tal o ensino negativo que nos oferecem em Espanha os teóricos do possibilismo, os devotos do praticismo, os “trinta” semideuses destronados.

Quer-se um materialismo grosseiro e rastejante, senhores sindicalistas catalães?

Em resposta a tão mesquinha pretensão, aconselhamos — permita-se nos este atrevimento — a leitura do folheto de R. Rocker “A maldição do praticismo”¹⁴. Entretanto, aplaudimos aos anarquistas espanhóis que, depois de repelir o marxismo pela porta, não permitiram que penetrasse no movimento operário pela janela.

Pelo contrário vós, anarquistas, quereis a ideia sem mancha?

A posse desta só pode ser privilégio de raras individualidades: de um Reclus, de Louise Michel, Fermino Salvochea, E. Malatesta. Poderá encontrar-se íntegra em um Max Nettlau, mas nunca em agrupamentos humanos.

Não estejamos iludidos.

XII e último¹⁵

No movimento revolucionário de língua portuguesa encontra-se, como nos demais países uma considerável diversidade de opiniões sobre a atitude dos anarquistas

ante os sindicatos operários. Poderemos polarizar em dois extremos as diversas e distintas opiniões:

Neno Vasco de um lado e a União Anarquista Portuguesa (U.A.P.) de outro.

O primeiro disse que “o anarquismo é sindicalista desde o berço” e que “quanto mais anarquista, mais sindicalista”.

Para o camarada desaparecido, o sindicalismo era o Centro coligador de todas as vontades revolucionárias, de todos os elementos de produção, enquanto desempenham somente esta função. Mas até aqui, é todavia mínima a sua importância.

Traduzindo o pensamento de Eugène Varlin, um dos elementos assassinados pelos versalheses da Comuna de Paris, e identificando-se com ele, diz:

“... pois são elas que formam os elementos naturais da edificação social do futuro; são elas que poderão facilmente transformar-se em associações de produtores; são elas que hão de poder utilizar a ferramenta social e organizar a produção.”

Refere-se às sociedades corporativas e de resistência, como naquele tempo se dizia.

Posteriormente, os anarquistas portugueses fizeram afirmações contrárias.

Vejamos o que dizia, há dez anos a U.A.P., com respeito à sua atitude em face do sindicalismo:

“O anarquista, homem livre e inteligente, culto e idealista, não suporta naturalmente o meio criado nas organizações sindicais; e se lá dentro pretende exercer a sua ação, ou é absorvido ou é deslocado...”

Depois de algumas considerações deste teor, chega a conclusões como estas:

“O sindicalismo revolucionário, que apenas possui objetivos materiais e exclusivos, desenvolve o egoísmo natural das massas; o sindicalismo revolucionário, pela sua estrutura orgânica e processos de luta, está imbuído de autoridade!”

Como acabamos de comprovar, as corporações gremiais, mesmo sendo de caráter abertamente revolucionário, tem tido as mais diversas apreciações, quanto ao seu valor.

Para alguns anarquistas, constituem os atuais sindicatos as células embrionárias da Sociedade futura...

O IV Congresso da A.I.T., realizado em Basileia em 1869, deu impulso e expansão à ideia de que as “sociedades de resistência”, criadas desde já por uma necessidade da luta contra o atual mundo de monopólio e exploração, seriam os órgãos de uma nova estrutura social no porvir.

As distintas tendências sobre o assunto têm sido atenuadas e também exageradas. Alguns viram no sindicato atual o Alfa e Ômega da revolução social, a panaceia do presente e do porvir, como os sindicalistas franceses Pierre Besnard e Huart; outros, ao contrário, como alguns dos elementos conhecidos em nosso meio social — repetem constantemente, até a saciedade, que cada núcleo de organização gremial deve significar qualquer coisa assim como asilo de inválidos, como um refúgio de mendigos, como se fossem monturos de ex-homens.

Não coincidimos nem com os segundos e muito menos com os primeiros. Ainda que incorramos no perigo de ser exagerados, insistiremos em que não temos fé em alguma palingenesia social; não acreditamos que possa haver ou que chegam a descobrir-se caminhos únicos ou fórmulas salvadoras.

Parece-nos que não deixa de ser uma ilusão desconcertante o pensar que determinada corrente, grupo ou opinião individual se creia estar no mesmo plano daquela ideia com que um louco estampava na capa de um livro seu: — “A fórmula justa do Bem-estar Social”. Não seria mais viável entender que a verdade é sempre relativa, e que, sobretudo, não devemos ter a pretensão de querer monopolizá-la?

Em vez de oficiarmos no papel de *dominós* e afirmarmos com ênfase que os outros estão errados, melhor seria que, com modéstia e tolerância exaltássemos as outras vontades para que, na multiplicidade das manifestações, lutassem sem cessar e cada dia mais intensa e amplamente, pela liberdade e pelo bem-estar de todos os progressos sociais, contra o autoritarismo e contra o mal.

Neno Vasco, muito mais os sindicalistas franceses e espanhóis contemporâneos que se esforçam por fazer do sindicalismo uma nova igreja, afirmam que a missão das organizações é mais *pós* que *pré-revolucionária*. Nós opinamos o contrário.

Assim como a vida econômica e social presente ultrapassa os limites das leis convencionais e dos códigos absurdos, do mesmo modo e com maiores proporções nos parece que a convivência futura dos homens não poderá ser encaixada nos moldes acanhados que os engenheiros

do sindicalismo preparam na atualidade para as gerações vindouras.

Por isso mesmo é que o livro de Besnard, *Os sindicatos e a Revolução Social*, nos parece algumas vezes um “catecismo sindicalista”— expressão feliz de um mestre das ideias — e outras uma infantilidade, própria de uma criança próxima aos 50 anos, enérgico defensor das suas opiniões.

Insistamos pela última vez: o sindicato — ou como se queira chamar — enquanto está no seu papel de agrupação de homens que estão vinculados estreitamente à vida social, como elementos indispensáveis à sociedade capitalista, julgamo-lo um dos meios mais eficazes de atividade revolucionária.

Naturalmente quando homens de pensamento e de temperamento revolucionário e dinâmico influam na sua orientação.

Vejamos: se os assalariados agrupados nas associações proletárias; se os escravos do capitalismo, ligados pelo interesse comum e estimulados pela solidariedade na luta, se declaram em rebeldia contra o capital, não será afetado o seu equilíbrio de uma forma mais real dentro das atuais condições de vida?

Se o Estado quer impor aos trabalhadores uma lei mais ignominiosa que as demais, com as mesmas forças de ação anticapitalista poderá ser travada a luta antiestatal.

Assim que seja à força, estamos ligados, como trabalhadores que somos, ao regime que pretendemos destruir.

O vínculo que nos une (o Trabalho) — quem o ignora? — pode ser convertido numa ferramenta utilíssima de luta defensiva e ofensiva, sabendo-a esgrimir.

O que nos une e confunde com o mundo atual na qualidade de anarquistas?

No primeiro caso, ainda que tentássemos por de lado uma das partes, ou mesmo que tentássemos por simultaneamente as duas, não haveria possibilidade de solução de continuidade entre nós e o nosso inimigo.

Que atitude negativa equivalente à greve, por exemplo, poderíamos assumir no caso de uma luta defensiva num movimento anarquista especificado contra o capitalismo ou contra o Estado?

Contam os anarquistas e simpatizantes nalguma parte do mundo em algum país com forças para declarar a guerra ao mundo burguês e incitar depois a todos os que o não são à luta pela Revolução Social?

Mesmo que os anarquistas pudessem sozinhos fazer a revolução e por temor ao fracasso ou por negligência não se decidissem a começá-la, que outra coisa poderão fazer hoje — enquanto não se descubram novos métodos e procedimentos mais profícuos de propaganda e combatividade — do que aquilo que já fizeram ontem?

Se nos vimos repelidos pelos que vivem satisfeitos com a sua escravidão, aonde iremos senão onde se encontram os descontentes e predomina mais ou menos o estado de revolta, ainda que os rebeldes não saibam explicar-nos O PORQUÊ da sua rebeldia?

Camaradas que acusais aos sindicatos de não ser cada um deles mais que uma fábrica de lágrimas: esperamos

que algum dia nos tire deste atoleiro onde nos colocam as interrogações que acabamos de formular.

Creemos que se haverá compreendido, pelo que acabamos de expor, que a nossa intenção é somente expressar o nosso descontentamento por tudo que signifique unilateralidade.

Ao contrário, entendemos que é preciso seguir todos os caminhos, recusando-nos, claro está, a seguir aqueles que por experiência ou por razões de consciência temos a certeza de que nos irão extraviar.

Não poderemos resistir a este respeito, à tentação de dar a palavra ao nosso mestre e sábio Max Nettlau.

Ouçamos o que ele diz com mais profundidade de conceitos e com maior beleza de expressão:

“Uma ideia viva não pode ser nunca acabada, aperfeiçoada, sublimada em quintessência, numa fórmula, num programa ou numa plataforma, encarnada num homem.

Isto significa precisamente encerrá-la numa prisão onde languescesse em vez de florescer, abrir-se e estender-se. A ideia libertária tem necessidade a cada instante de ser alimentada em terrenos novos e amplos, pela experiência de aplicações novas; imaginar-se que partindo de alguns grupos e periódicos ela irá um belo dia, em linha reta, a regenerar a humanidade, é de um simplismo apergaminhado. Não; a sua missão e trabalho a defrontam no grande mundo, onde ainda há, apesar dos maus tempos, uma grande quantidade de homens cheios de vitalidade, que saberão ser-lhe tão úteis fiéis guardiões, mas que não

devem converter-se em seus sequestradores, pretendendo monopolizar as ideias.

Levemo-la ao grande mundo dos progressos humanos que é o seu ambiente fraternal e favorável.

Não devemos recear que se desnaturalize ao contato do ar livre; teria mui pouco valor se qualquer contato pudesse prejudicá-la.”

Identificamos o anelo comum de estabelecer um mundo novo?

É nosso fim a Liberdade e são libertários os nossos meios? Isso basta.

Sem nos perdermos em doutrinarismos artificiosos, sem contradizer o nosso pensamento com atitudes de criticômanos e de dogmáticos, empenhemo-nos em somar cada dia maior número de vontades para a causa do progresso.¹⁶

É mais urgente a multiplicação das consciências livres e a formação de caracteres fortes que a superprodução de aparatos sindicais, ou de utopias anárquicas.

Anarquismo? Sindicalismo? Prescindi, se assim o quereis, de vos definirdes por qualquer destes termos.

Lutai para que o homem seja mais humano, mais tolerante e mais digno.

Trabalhando todos neste sentido, a Anarquia não será amanhã um belo sonho e uma esperança vã.

Notas

¹ Em *verve* 38 publicamos a primeira parte desta coletânea de 12 artigos de Florentino de Carvalho, pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, encontrados originalmente no jornal *A plebe*, em 1933. Os textos foram reunidos e organizados por Rogério Zeferino Nascimento, a partir de longa pesquisa. Em *A Plebe*, Florentino de Carvalho assinou os textos como L.M. ou I.M. O título “Anarquismo e sindicalismo” se refere ao título da coluna — Temas de sempre: Anarquismo e sindicalismo — em que os textos eram publicados. (N.E.)

² L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 32 (Nova fase), p. 02, 01 de julho de 1933. (N.O.)

³ Campo de prisioneiros e presídio situado na Ilha Solovetsky. Em 1921 recebeu centenas de marinheiros revoltosos de Kronstadt. Fechado em 1939, no início da II Guerra, devido à proximidade com a fronteira da Finlândia. (N.E.)

⁴ Pistolas e espingardas da fábrica alemã de armas Mauser. (N.E.)

⁵ Tamerlan, comandante nascido no atual Uzbequistão que, no final do século XVI (circa 1370) conquistou territórios e fundou um império na região do rio Volga, Cáucaso e parte da Rússia. (N.E.)

⁶ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 32 (Nova fase), p. 02, 08 de julho de 1933. (N.O.)

⁷ Apesar da importância de Reclus no pensamento social, os cursos de humanidades, sobretudo Ciências Sociais e Geografia, nada vêem sobre sua contribuição particular. Ainda mais pelo fato dele ter sido também um homem de ação, tendo participado, de armas na mão, na Comuna de Paris em 1871. Os cursos de Ciências Sociais, por exemplo, quando apresentam os pensadores evolucionistas, limitam-se aos “evolucionistas vitorianos” deixando de lado os “evolucionistas revolucionários”, como Reclus e Kropotkin se definiam. Estes evolucionistas discordavam das concepções de evolução linear, da ideia de progresso necessariamente lentas, recusando revoluções e retrocessos, como estabelecido pelos vitorianos. Para Reclus a evolução não exclui a revolução, constituindo apenas no mesmo dinamismo transformador dado em ritmos diferentes. Eles não concebem a estagnação na vida social humana. Assim a evolução e a revolução traduzem mudanças que podem ser lentas e podem ser rápidas. A evolução não é unilinear e comporta possibilidades de retrocesso. Ainda mais, a evolução pode ser violenta ou pacífica, do mesmo modo que a revolução. Suas monumentais obras intituladas *Geografia Universal* e *O Homem e a Terra* não foram publicadas integralmente no Brasil (N.O.)

⁸ Os jacobinos compunham um grupo de conspiradores que, durante a Revolução Francesa de 1789, defendiam uma reforma da sociedade a partir de concepções centralizadoras e autoritárias. (N.O.)

⁹ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 33 (Nova fase), p. 02, 15 de julho de 1933. (N.O.)

¹⁰ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 36 (Nova fase), p. 02, 05 de agosto de 1933. (N.O.)

¹¹ Angel Pestaña (1886-1937) anarco-sindicalista espanhol. (N.E.)

¹² L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 37 (Nova fase), p. 02, 12 de agosto de 1933. (N.O.)

¹³ Emílio Lopes Arango (1894-1929), anarquista espanhol radicado na Argentina. (N.E.)

¹⁴ Rudolf Rocker (1873-1958) teve uma produção significativa em torno da questão do sindicalismo, além de alertar contra o socialismo autoritário na URSS e na Espanha. Não foi possível, no entanto, localizar o folheto mencionado. (N.E.)

¹⁵ L.M./I.M.(Florentino de Carvalho). *A Plebe*. São Paulo, n. 39 (Nova fase), p. 03, 09 de setembro de 1933. (N.O.). Era nosso propósito comentar e opinar sobre outros aspectos em torno deste tema, que, de maneira improvisada, temos vindo analisando. Mas a limitação das possibilidades para a saída regular de “A Plebe” nos obriga a desistir. Não devemos ocupar com um escrito pesado, por extenso, um espaço que se torna indispensável, agora mais do que nunca, para tratar de assuntos de maior atualidade. Em todo o caso voltaremos a dar nossa opinião, quando as circunstâncias o requerirem, sobre estes problemas que oferecem – quanto se criticam ao menos opiniões desatinadas – algum interesse.

¹⁶ No texto original este parágrafo repetia-se após o parágrafo seguinte. Decidimos cortar a repetição por entender que se tratava de um erro tipográfico e não uma ênfase dada pelo autor, já que o recurso da ênfase não é utilizado em qualquer outro destes artigos. (N.E.)

Resumo

Apresentamos aqui uma coletânea de textos de Florentino de Carvalho em torno do anarquismo e sindicalismo publicados no jornal anarquista A Plebe. Nesta segunda parte, Florentino de Carvalho analisa a proposta do sindicalismo como único meio revolucionário, alertando contra as práticas e discursos autoritários que surgem no próprio meio sindical, bem como seus aspectos conformistas. Afirma a importância da diversidade no anarquismo e os perigos da unilateralidade.

Palavras-chave: Florentino de Carvalho, sindicalismo, anarquismo, revolta.

Abstract

Here is a collection of writings by Florentino de Carvalho on anarchism and syndicalism published in the anarchist newspaper A Plebe. In this second part, Florentino de Carvalho analyzes the proposal of syndicalism as the only revolutionary way, warning against the authoritarian practices and discourses that emerge in the union environment itself, as well as its conformist aspects. He affirms the importance of diversity in anarchism and the dangers of unilateralism.

Keywords: Florentino de Carvalho, syndicalism, anarchism, revolt.

Anarchism and Syndicalism — 2nd Part, Florentino de Carvalho.

Indicado para publicação em 24 de agosto de 2020.

sobre o militantismo e
antimilitarismo anarquista
(ou guerra à guerra)

1. Emma Goldman foi presa inúmeras vezes nos Estados Unidos, em especial, pelo antimilitarismo estampado nas páginas do *Mother Earth*, periódico que editou ao lado de Alexander Berkman.

Foi assim que, em 1918, durante a I Guerra Mundial, prenderam-na sob a acusação de infringir o "Selective Service Act". A lei foi promulgada anos antes para impedir a ação direta de grupos dispostos a auxiliar jovens a não servirem às forças armadas do país.

Uma década antes, em 1908, Emma Goldman, "a mulher mais perigosa da América", tornou-se amiga de William Buwalda. Após ouvir uma conferência de Goldman sobre antimilitarismo, Buwalda enviou uma carta à cúpula militar estadunidense, dentro da qual, devolveu a medalha de honra recebida por suas atividades ao longo de décadas usando farda. Em seguida, mudou-se para uma pequena fazenda na costa oeste de onde contribuiu assiduamente com diversos jornais anarquistas até o final da vida.

As ações de Goldman empolgaram muitas outras atitudes antimilitares nas décadas seguintes.

Em meados dos anos 1950, as primeiras "Greves Gerais Pela Paz", movimentações ocorridas no auge da chamada Guerra Fria e do macarthismo, foram afetadas pelas afirmações da libertária.

Compostas, sobretudo, por anarquistas e artistas radicais, muitas destas greves que anteciparam as imensas manifestações hippies antiguerra da década seguinte, culminaram em prisões de libertários como Julian Beck, Judith Malina e Dorothy Day.

John Cage, anarquista considerado um dos artistas mais revolucionários da segunda metade do século XX, também incorporou alguns dos escritos de Goldman. Associando-a às considerações *desobedientes* de Henry David Thoreau, parte considerável dos seus escritos nos anos 1970, visou o que ele chamou de "desmilitarização da linguagem".

2. O episódio que culminou na prisão de Goldman e Berkman, em 1918, é mais um entre tantos levados adiante por mulheres e homens anarquistas na abolição cotidiana das forças armadas e das violências do Estado.

Em dois dos mais vitais acontecimentos anarquistas, a Comuna de Paris (1871) e a Revolução Espanhola (1936-1939), a afirmação antimilitar dos libertários foi mais do que evidente, foi explícita.

Na primeira, Gustave Courbet, pintor e amigo próximo de Pierre-Joseph Proudhon, à frente da Federação dos Artistas, derrubou a Coluna Vendôme e outros monumentos de exaltação militar napoleônicas.

Na segunda, Durrutti e seu bando guerrilheiro romperam incisivamente com os uniformes e as disciplinas características dos quartéis. Em 1936, pouco antes de morrer, com quase setenta anos de idade, Emma Goldman visitou Durrutti e a sua Coluna. Retornou vibrante ao norte da América com a possibilidade de uma revolução anarquista.

Contemporâneos de Emma Goldman, dadaístas como Hugo Ball (além de artista, foi tradutor de Mikhail Bakunin) fugiram da convocação à I Guerra Mundial, refugiando-se em Zurique, na Suíça. No Cabaret Voltaire escandalizaram a arte, mas, também os costumes, escapando das fileiras da morte com deboche e avacalhão.

Paul Signac, pintor neoimpressionista, na mesma época, rompeu sua amizade com Piotr Kropotkin quando soube que o autor de *A conquista do pão e Apoio Mútuo: um fator de evolução*, defendeu estrategicamente a guerra mundial eclodida em 1914.

3. Para além dos Estados Unidos e da Europa, em variados cantos da Terra, onde anarquistas

se associaram, o antimilitarismo se expandiu vigorosamente. No Brasil, o antimilitarismo esteve com as mulheres que, durante a I Guerra Mundial, escreviam, muitas vezes anonimamente, em periódicos defendendo uma educação das crianças liberada da formação de soldados e patriotas. O antimilitarismo adentrou pelos escritos de Edgar Leuenroth, José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Roberto das Neves, Jaime Cubero. Combater a guerra foi sempre uma questão da maior importância.

Por aqui, o nome de jornais como *Guerra Sociale* explicita que para ácratas a palavra guerra somente é utilizada se for contra a sociedade, isto é, uma guerra contra a própria guerra.

4. Em 1984, em seu último curso proferido no Collège De France, *A Coragem da Verdade*, Michel Foucault aproximou as escandalosas rupturas éticas e estéticas anarquistas ocorridas nos séculos XIX e XX, com a filosofia radical praticada por Diógenes e Antístenes na antiga Grécia.

Como maneira de situar esse encontro entre duas filosofias da ação - os chamados cínicos deixaram muito mais exemplos vividos do que escritos -, apresentou a noção de *militantismo*, prática radical distante e distinta da então noção corrente de militância.

Em outras palavras, feito as afirmações cínicas, nos militantismos contemporâneos, segundo ele, não se discerne experimentação da vida e transformação radical da sociedade.

De fato, a partir do que sublinha Foucault, podemos pensar o antimilitarismo como mais um componente desse escândalo militante.

Diferente das demais correntes socialistas e militantes, muitas vezes repletas de adorações a generais e comandantes, o anarquismo é único ao combater diretamente todas as formas de autoritarismo, de poder centralizado e hierarquizado, disciplinar e normativo, de controle e de pastorado.

Se por um lado, Foucault propõe um cinismo trans-histórico do qual o anarquismo faz parte, de outro lado, Florentino de Carvalho, um dos maiores propagadores do antimilitarismo nas primeiras décadas do século XX, já incluía o cínico Diógenes em sua genealogia do anarquismo (ver revista *verve* 38).

Diógenes, conhecido por ações diretas como sujar os pés de lama antes de entrar em residências opulentas; sair às ruas, durante o dia, com uma lanterna na mão anunciando procurar um homem de verdade, possui também algumas anedotas explicitamente antimilitares.

A mais conhecida entre as histórias do filósofo, relegado sempre às margens pela

História da Filosofia, é quando, diante do imperador Alexandre, conhecido por suas campanhas militares pela Ásia e nordeste da África, Diógenes pediu para que este se retirasse imediatamente da sua frente. Somente assim, sem o homem mais poderoso da Grécia postado ali, ele, filósofo que decidiu viver e morar na rua, podia aproveitar livremente a luz do sol.

Uma segunda história, menos conhecida, narra sua ação às vésperas da chegada de Felipe e dos macedônios à cidade de Corinto. Enquanto toda a população se armava, transportava pedras, remendava as fortificações, reforçava muralhas, o filósofo começou a rolar, ininterruptamente, o barril onde costumava dormir para cima e para baixo de uma encosta. Quando lhe perguntaram a razão de seu esforço respondeu: "só para fazer-me tão atarefado quanto o resto de vocês".

5. Nos últimos anos no Brasil, mas não somente aqui, a sintaxe militarizada como definia John Cage voltou a crescer rapidamente.

Esse crescimento, em muitos países, ocorre, precisamente, por meio de rituais eleitorais democráticos. É que a política, mesmo aquela identificada como progressista ou à esquerda, jamais abandona a sintaxe militar, visto que, também depende dela para se sustentar.

O Estado, a democracia e a chamada liberdade de imprensa dependem do monopólio das armas pelo Estado em forças armadas e polícias, em regulamentação de armas para a legítima defesa do cidadão, do tráfico ilegal de armas que sustenta milícias e o Estado.

Direita e esquerda dependem das armas do Estado para governar os súditos e manter a segurança.

Os súditos dependem de armas legais e ilegais no mercado livre para defender suas propriedades, seus negócios, colaborar com a polícia, matar ou intimidar o vizinho, a parceira ou parceiro, defender seu lar, executar os chamados bandidos, degenerados, monstros.

As armas são produzidas para defesa da sociedade dos que ela isola e aparta, dos Estados de outros Estados e, hoje em dia, estão governadas pelas tecnologias computo-informacionais e controles por satélites.

Tudo é visto pelo olhar bélico revestido de diplomacia e cultura de paz. Afinal o prêmio Nobel da Paz foi instituído pelo inventor da bomba, da dinamite.

Governos e súditos participam da organização geral da violência.

6. "Você pode persuadir dez, vinte, trinta homens de que essa guerra não era e não é fatal, que se pode encontrar meios de detê-la que ainda não foram utilizados, que é preciso dizê-lo, escrevê-lo quando for possível, gritá-lo quando necessário. Esses dez ou trinta homens, por sua vez, o dirão a dez outros que o repetirão. Se a preguiça os interromper, azar, recomece com outros. E quando tiver feito o que deve fazer na sua zona, no seu território, pare e se desespere como quiser. Compreenda que nós podemos nos desesperar com o sentido da vida em geral, mas não com suas formas particulares; com a existência, já que não temos poder sobre ela, mas com a história na qual o indivíduo pode tudo. São os indivíduos que nos fazem morrer, hoje. Por que os indivíduos não conseguem dar paz ao mundo? É preciso apenas começar, sem sonhar com objetivos tão grandiosos. Compreenda que a guerra se faz tanto com o entusiasmo daqueles que a desejam quanto com o desespero daqueles que a renegam com toda sua alma. (...)

Não é preciso temer a morte, isso seria honrá-la demais. (...)

Nada é mais desprezível do que o respeito fundado sobre o medo. E, nesse sentido, a morte é tão digna de respeito quanto o Imperador Nero ou o delegado do meu bairro. (...)

Não se deve fazer a Revolução para dar poder a uma classe, mas para dar uma chance à vida". (Albert Camus, *Cadernos de Camus*, 1939-1942, "A guerra começou, onde está a guerra?").

7. Se quisermos combater o militarismo, é urgente pensarmos com anarquistas e cínicos. A guerra não é nossa!

A *pequena guerra* que levamos adiante, segundo Proudhon, não se reduz à militarização ou à revolução armada e violenta, mas a como inventamos vida livre no meio desta sociedade fundada na propriedade como roubo, em suas leis, normas, direitos de superiores com obsessão em prender ou matar os que consideram inferiores.

Emma Goldman, em 1918, levou para o cárcere uma escova de dentes e um pequeno livro de James Joyce, conhecido escritor inventor de um léxico desconhecido da gramática da sua época.

Goldman, presa por seu antimilitarismo, sabia que para escapar da guerra era preciso inclusive desafiar a língua, inventando com liberdade, outras palavras, outros combates.

Entre as muitas pequenas guerras anarquistas, Itô Nôe, no Japão, foi presa porque traduzia Emma Goldman para o periódico que ela organizava. Acabou executada.

Na década de 1930, quando o Império japonês já tinha invadido boa parte da Ásia e massacrado os anarquistas na Manchúria, Jiyû Rengo fez uma publicação antimilitarista. O texto explicitava a recusa ao serviço militar, à produção de armas e a desobedecer a qualquer soldado e oficial... Rompia com a subserviência japonesa. Quase todos do jornal foram executados. Os que sobraram fugiram, sumiram por aí e alguns voltaram para o Japão depois do final da II Guerra Mundial.

[Publicado como hypomnemata 243. Boletim eletrônico mensal do Nu-Sol, março de 2021.]

CANÇÃO CIRCENSE CORRIDA DE MUERTE

Os nobres barões adornados com ouro,
As duquesas com falsos brilhantes,
As libertinas totalmente alucinadas,
Os mortos com rostos pálidos,
Vão se regozijar. Ah, sim, verdadeiramente,
Jacques Bonhomme é um bom homem.

O que eles vão ver é o sangue escarlata.
Como, antigamente, se via num abatedouro infame
Para eles, Paris não foi nada mais que uma tragédia;
E essa lembrança os inflama.
Eles têm sede de sangue. Ah sim, verdadeiramente,
Jacques Bonhomme é um bom homem.

Talvez o que eles visem seja algo mais que isso.
Depois do circo, o cadafalso.
A morgue complicará a festa,
Hoje apenas o animal,
E amanhã o homem. Ah sim, verdadeiramente,
Jacques Bonhomme é um bom homem.

Os privilegiados têm sangue nos olhos,
E isso faz com que os miseráveis pensem,
Os miseráveis exalam miséria.
Tanto melhor! A guerra foi feita para os indolentes;
Mas, pelo menos, não continuarão mais a dizer
Jacques Bonhomme é um bom homem.

¹ Jacques Bonhomme é o nome atribuído a Guillaume Caillet, ou Guillaume Cale, por Jean Froissart. No século XIV, o nomearam como capitão soberano, considerado por todos como um bom homem, bem-intencionado, até sua morte ocorrida em 1358, em Clermont. Fontes historiográficas consideram que a expressão Jacques Bonhomme designa todos os camponeses revoltados da época, que integravam as chamadas jacqueries. No tempo, na França, revoltas modernas foram designadas pelo mesmo nome. (N. T.)

... e o mundo acabou, mais uma vez

edson passetti

1.

Não faltam narrativas sobre o fim do mundo. Deus criou o mundo e vai acabar com ele quando achar conveniente. E assim será. Está nos escritos religiosos. Soberano em sua vontade de verdade, ele criou o mundo e o homem à sua imagem. E do homem criou a mulher. E de ambos, o pecado: o desafio às interdições conhecidas para bem viver no paraíso.

Ciente que a razão do humano compreendia o proibido, ele descansou até que o seu exemplar-imagem, instigado pela curiosidade feminina provou o “fruto proibido”. Foram expulsos do paraíso. Passaram a ser um casal caminhando pelas paisagens e reproduziram a espécie. E desta reprodução, veio o fratricídio. E a Caim restou pagar punições pelo seu pecado. Construiu-se, a partir daí a família, a proibição do incesto, a reprodução humana...

Edson Passetti é professor Livre Docente no Depto. de Ciências Sociais e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais PUC-SP onde coordena o Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária). Contato: edson.passetti@uol.com.br

Até que em um belo dia o mesmo Deus apareceu a Noé, depois de submeter Jó às mais terríveis provações de fé e a abjurar Sodoma e Gomorra, avisando que o mundo ia acabar. Noé fez a grande arca, juntou sua família e casais de animais e aguardou pelo grande temporal. Tudo alagou. A família humana e as dos animais em espécies vagaram pelas águas na arca até encontrarem um cais. E tudo recomeçou. O Deus soberano deu uma segunda chance.

Fez do seu povo judeu escravo dos egípcios, e este aguardou sua libertação pelo enviado Moisés a quem Deus destinou as tábuas sagradas dos mandamentos, guardadas em uma arca, a ser perdida tempos depois. Por desafiar a Deus, o povo foi condenado a vagar pela Terra sem jamais encontrar um lugar para se estabelecer. Até a fundação do Estado de Israel, depois da II Guerra Mundial.

Um dia, diante da escravidão romana, Ele fecundou uma mulher virgem casada com um marceneiro e dela nasceu seu Filho-Deus feito homem para passar pelas mais variadas provações de suplícios na carne e morrer por todos os homens em uma tarde ensolarada que se fez noite repentina. Conta-se que esse Filho torturado tinha poderes especiais: fez o primo leproso morto ressuscitar; em bodas de Canaã, na falta de vinho fez a bebida brotar da água e proporcionou um festão a estes pobres sem recursos; que certa vez andou sobre as águas, provocando admiração e alegria; que enfrentou corporalmente os comerciantes que fizeram do templo do Pai um mercado; que agitou com suas atitudes a emergência de grupos subversivos a Roma. O Filho trazia alegria à vida cotidiana e insubordinações aos que desrespeitavam as ordens do Pai. Roma, rapidamente, constatou que ali estava um sujeito perigoso. Julgou, atendeu aos pedidos do povo

... e o mundo acabou, mais uma vez

para libertar Barrabás e crucificou o Filho. Confronto de deuses. Dizem que Ele ressuscitou. Vieram os cristãos de catacumba afrontando Roma...

Bem, mas aí o mundo não acabou. Nasceu o cristianismo. Em três séculos, com o Edito de Milão em 313, veio a pacificação com o reconhecimento que a César cabia o que lhe era de direito e a Deus o que lhe era de direito. Cristãos e romanos formaram uma sólida aliança entre Estado e religião. E como o Filho pediu ao Pai perdão aos homens que erram, celebra-se desde então o perdão como o regime da dívida infinita dos perdoados.

2.

Não faltam narrativas sobre o fim do mundo. Conta a ciência que após o Big Bang apareceu a Terra no universo¹. No início estava envolta em neblina; aos poucos a vida biológica animal marinha aconteceu e a fez evoluir.

Atribui-se a um evento sideral uma catástrofe que acabou com quase toda (ou toda?) a vida biológica na Terra que congelou. Passaram-se milênios (milhões de; um cálculo impreciso, mas imprescindível) até que a vida biológica reaparecesse. Eis os enigmas das ciências.

O planeta foi tomado pelos animais em espécies que cooperaram entre si, interagiram com outras e disputaram espaços e ambientes. Muito tempo depois, no sítio, ocorreram as metamorfoses que deram no humano de hoje. E estes humanos, como nômades, começaram a vagar pela Terra, atravessando continentes em formação e mutações.

A ciência demarcou, ao seu modo, a aparição do homem em diversos espaços do planeta, com seus registros de pinturas em rochas que os arqueólogos trataram de articular dentro das evidências capazes de comprovar suas teorias sobre a espécie: sua organização, a família, a arte, a religião. O humano mostrava assim que pensava sobre a sua existência: uma vida projetada no passado que expunha o que ele era hoje sob o pensamento da ciência.

As reconstruções da ciência levaram o homem a ser o centro da vida competitiva na Terra. Ele é diferente e, ao mesmo tempo, irremediavelmente, a imagem do Criador. A causa inicial da existência do homem permaneceu vinculada à criação do universo pelo Senhor. E a vida na Terra, como era e é sua flora, fauna, animais e humanos, as sensações de calor e frio, cultura, passou a ser apropriação e sobrevivência, como vida nômade e a sedentarizada, a construção de povos e impérios, criação humana diante das intempéries da natureza, dos confrontos entre bandos e tribos sedentarizadas, entre estas na formação, defesa e expansão de seus territórios, e assim se explicou a vida naturalizada de guerras, escravos, de domínio de povos sobre povos, do que é de César. É a história das grandes conquistas de territórios, povos e *suas* culturas.

A ciência valeu-se do pensamento filosófico que lhe antecedeu e o complementou na explicação sobre os olhares e a recepção das imagens no cérebro, das linguagens, da justificativa acerca da natural proeminência do forte, dos registros meticulosos de seus cuidados aristocráticos cotidianos, dos modos de administrar escravidões, dos saberes sobre a navegação e dos mapeamentos do céu estrelado, dos ventos, marés e sonhos de atingir pontos inatingíveis ainda. Constitui uma objetivação do sujeito em gramática,

... e o mundo acabou, mais uma vez

filosofia e linguística; em economia das riquezas do sujeito produtivo; e de estar em vida pela biologia e a história natural. Depois dividiu o sujeito no seu interior ou dos outros (o louco e o são de espírito, o doente e em boa saúde; o perigoso e o normal) e compôs a vida do sujeito².

Construiu-se um saber desinteressado em função do humano como sujeito, um pensamento crítico a respeito da vida natural e social organizado pela filosofia para explicar também o sobrenatural, as relações até mesmo sexuais com deuses antes do monoteísmo, e os imperativos punitivos nas leis humanas e dos deuses. Na cultura ocidental as leis dos homens se consolidaram com os *gregos*, assim como os grandes registros das tragédias estamparam o que sempre rondou os homens de poder e seus descendentes.

A arte e a religião encontraram na arquitetura, nas esculturas monumentais a busca da perfeição matemática que projetou, simultaneamente, o ideal de perfeição humano corporal, de sua cidade e do Estado. Conquistadores, eles encontraram na filosofia a justificativa para diminuir seus inimigos derrotados à condição de animal. Fundaram a história das grandes guerras, do teatro trágico, do ideal de vida harmônica entre os que governam.

Mas com muita *propriedade* também foram capazes de sinalizar para os desmandos dos governantes e de seus assessores, redundando em degenerações de regimes políticos, capazes de fazer com que o ideal monárquico fosse adulterado em tirania ou mesmo em democracia. A filosofia também soube como mostrar a decomposição da aristocracia em oligarquia, da democracia em anarquia. A filosofia grega deu os parâmetros ao posterior pensamento científico mo-

verno, assim como muito antes norteou o cristianismo pelo neoplatonismo. E o mundo não acabou mais.

3.

As narrativas sobre o fim do mundo são narrativas sobre a criação do mundo. Sobre deuses e Deus, mandamentos e leis, costumes e culturas, dominações e vencidos, arte, ciência e religião, a proibição do incesto, a conquista de territórios inacessíveis, a vida do biológico, a vida dos homens superiores e suas culturas superiores e inferiores, as mulheres estranhas, a educação de crianças pelo castigo. E são as crianças e jovens que implodem os castigos à revelia³. Entretanto, o castigo aparece como o elemento capaz de ordem e pacificação na família, no social, na política, no reconhecimento científico de procedimentos corretos, no pensamento contra o que ele determina como impossível, do que sempre deve ser nominado, da existência do direito como o direito do vencedor a ser aplicado a todos. Do direito a punir. O homem diante do símio ficou ereto, mas não é a perfeição perpendicular; a Terra tem seu eixo central deslocado no século XX em velocidade de 0,9 cm ao ano (NASA, Laboratório de Propulsão a Jato), e a reta só é a menor distância entre dois pontos. Entretanto, o reto é o ideal de normal e todos devem se ajustar ao normal. E assim... em busca do ideal, a filosofia, a ciência e a religião demarcaram o território da utopia, coincidentemente em paraíso (perdido, restaurado, a ser alcançado) pelos sujeitos retos que serão finalmente retas matemáticas. Tudo em continuidade, evolução e competição em seu trajeto natural: o homem existe para melhorar sua existência, revisando seus erros, equívocos

... e o mundo acabou, mais uma vez

e excessos, aperfeiçoar-se. O homem é o soberano da razão e isso é o que o diferencia dos animais e o projeta aos extremos dos continentes e o impulsiona para ocupar o espaço sideral. O homem está destinado a ocupar os espaços da melhor maneira possível, aperfeiçoando arte, filosofia e ciência e sempre respeitando as imutáveis leis das religiões e as mutáveis leis dos próprios homens. O Homem passa a ser o humano universal em qualquer cultura do ponto de vista ocidental.

4.

O mundo acabou passa a ser a expressão do ideal de mundo e do mundo ideal. Morrer para ressuscitar. Viver para aperfeiçoar. Esperar pelo juízo final quando todos os cadáveres reaparecerão para o julgamento de Deus. A ilha dos bem-aventurados do sinistro Platão vira o território transcendental dos humanos que creem nesta religião ou em qualquer outra. Afinal, o juízo é final. A espécie morre e reaparece noutra espaço livre de pecados e sob as escoltas dos anjos. É só esperar o mundo acabar. Serão agora conhecidos os critérios de Deus? Eles coincidirão com os das religiões, das filosofias e das ciências com seus ideais. Ou o ideal nada mais é que a ilusão necessária e suficiente para que o soberano e as hierarquias permaneçam? Dizem que os cientistas são ateus, alguns agnósticos, outros declaradamente religiosos. Isso pouco importa no governo das condutas. Cientistas, filósofos e sacerdotes formam castas similares elitistas, superiores, privilegiadas. Dizem-se produtores de verdades desinteressadas, mas são encarnações e espíritos interessados.

“Alvaro Damián foi embora, e vinte dias depois minha filha veio me visitar e disse papai, eu não devia lhe dizer isso mas acho que é melhor que você saiba. E eu lhe disse: conte, conte, sou todo ouvidos. E ela disse: Álvaro Damián deu um tiro na cabeça. E eu disse: mas como Alvarito pôde fazer semelhante barbaridade? E ela disse: os negócios dele iam de mal a pior, estava arruinado, já tinha perdido quase tudo. E eu disse: mas podia ter vindo para o hospício também. Minha filha riu e disse que as coisas não eram tão fáceis assim. Quando ela foi embora, eu fiquei pensando em Álvaro Damián, e no prêmio Laura Damián que tinha acabado, e em todos os loucos de El Reposo, aqui, ninguém tem onde descansar a cabeça, e no mês de abril, mais do que cruel, desastroso, e então soube sem sombra de dúvida que tudo iria de mal a pior”⁴.

5.

Mundo é uma designação universal de Terra, resultante das imaginações criadas pelos homens, paisagens perdidas ou a serem encontradas; mundo é uma vastidão de valores a serem defendidos e criados para o ideal ou como constatação e conservação do real.

Este é o mundo, o universo; esse é o mundo da criança, do jovem, do adulto, do velho. Mundos que acabam na continuidade de cada ser vivo e que remete ao *novo* mundo a ser vivido e que aí está para ser seguido e aperfeiçoado. Mundo universo com o sistema solar na Via Láctea, mundo dos *buracos negros* constatados e pouco conhecidos; mundo dos planetas que terão ou não vida; mundo dos exoplanetas a ser mapeado; mundos todos eles conec-

... e o mundo acabou, mais uma vez

tados à Terra, ao humano, reto e ereto em sua viagem à estratosfera. Mundo do estar aí.

Mundo do selvagem a ser civilizado ou talvez preservado; mundo dos escravos que não eram escravos e que gerou um mundo confuso a cada um que foi escravo e sobreviveu; mundo dos humanos que passaram a ser vistos como animais; mundo dos bárbaros a serem também civilizados; mundo dos civilizados em direção ao ideal, ponto final evolutivo.

Mundo das culturas que dominam e se refazem constantemente; não há cultura sem trocas (mundo de cultura sem troca é o mundo racista). Mundo do indivíduo ensimesmado (“se meu mundo caiu/eu que aprenda a levantar”⁵), mundo do cuidado de si (“se meu mundo cair/eu que aprenda a levitar”⁶). Mundo de trocas desiguais para um mundo de trocas igualitárias sem ser o sonho da utopia? Mas aí não é mais mundo. E vieram tantos mundos: da medicina, da engenharia, dos gestores, da psicanálise, da sociologia, da história, da filosofia, da física, da bioquímica, da matemática, dos governantes, mundos, enfim, a serem aperfeiçoados. Mundo dos pervertidos, dos pedófilos, das putas, dos gigolôs, dos marginais, dos governados, dos insubmissos, dos revoltados. Mundo demais. Esse mundo acabou?

...

Construções de subjetividades mundo: vou fazer o mundo; sair para o mundo; mundo louco, muito louco; fora do mundo; mundo fashion; mundo, mundão, mundinho. Mundo designando o universo, agrupamentos,

comunidade, a sociedade, o que lhe escapa e pretende colocar para fora: mundos de dentro, mundos para fora, mundos de seres desaparecidos a serem achados ou jamais encontrados (corpos executados pela polícia política de tempos em tempos, pela polícia a qualquer momento).

As subjetividades compõem um imenso arquivo a respeito do indivíduo moderno, de suas práticas voltadas à suposta imensidão de seu mundo decifrável e algumas vezes, propositalmente, indecifrável e que propicia novas subjetivações capazes de ruir com as subjetividades individualizantes ou dividualizantes.

Mundo de conexão de mundos ativado pela propagação de direitos inacabados pelos seus portadores contemporâneos. Mundo dos ativistas, voltados para o melhor a ser alcançado por meio de uma conduta resiliente. Mundo resiliente que compõe o planeta resiliente, os povos resilientes, o indivíduo resiliente, por vezes, protagonista e outras vezes, um coadjuvante no grande teatro dos atores sociais convocados à participação contínua, pela comunicação constante. Mundo-internet.

Diz-se que a noção de mundo se esgotou; que o universal mundo deixou de existir como construção de uma alternativa. Isso quer dizer que a dicotomia velho-novo mundo; mundo desigual-igualitário; mundo livre-escravizado; mundo dos homens, patriarcal e fático-mundo feminino, e muitas outras dicotomias às quais os humanos se acostumaram desde a modernidade entrou em derrocada. Da mesma maneira, pensar uma síntese redentora já não seduz o pensamento filosófico e o político-revolucionário.

O mundo democrático contemporâneo fundado no pluralismo político e no multiculturalismo parece ter se

... e o mundo acabou, mais uma vez

firmado a tal ponto que cada vez mais fica pouco nítida a distinção entre direita e esquerda no parlamento. Estarão todos caminhando ao centro? Política como negócios de ocasião: econômica, cultural, compensatória. Tudo voltado para melhorar as condições de vida no planeta, as relações sustentáveis com a natureza, o meio ambiente, a segurança, os monitoramentos, as práticas de resiliência (a tal ponto que resistências já são analisadas como resiliência, o adaptar-se diante de uma adversidade e restaurar a condição anterior).

A racionalidade neoliberal atravessa todas as relações: na casa, nas ruas, no trabalho, no lazer, de modo interconectado. Ela exige cooperação entre capital e capital humano, democratização em geral das relações e nas empresas, aperfeiçoamentos genéticos constatáveis, investimentos em saúde e educação para um bom futuro capital humano, obediências, hierarquias e simultaneamente relações horizontais de poder, combinando o chamado *homo oeconomicus* e o sujeito de direitos (ou melhor, sujeito portador de direitos sempre inacabados) nas suas interfaces sociais, culturais e políticas.

Uma subjetividade democrática reveste todas as demais por meio da produção de portadores de direitos inacabados, monitoramentos entre si, filantropias como cuidado com os outros para que estes não permaneçam fontes, receptáculos ou propagadores de contaminações biológicas e sociais. Incentiva a auto-ajuda porque todo capital-humano visa ampliar seus rendimentos e acesso aos equipamentos sociais. Produz o protagonista a partir de seu ativismo em negócios sociais e culturais. É, de vez em quando, nos investimentos econômicos. É o empreendedor pleno.

O mundo deve ser um só para todos, como está, no seu atual estágio de evolução. Acabou de ser redefinido decorrente do evento globalização, mas, também, para honrar dicotomias foi redimensionado em altermundialismo (algo melhor, alternativo ao domínio financista globalizador). Se o desenvolvimento sustentável é a meta capitalista avançada na racionalidade neoliberal, há de haver, também, o desenvolvimento sustentável alternativo. E assim, ainda que a noção de mundo pareça ter sucumbido aos pluralismos de mundos dentro do mesmo mundo, mais uma vez a noção de mundo se fortifica. Há, agora, porque tolerar o mundo dos indígenas, o mundo dos diferentes (desde que pacíficos), e toda e qualquer forma de mundo pacificadora e pacificada. Até o mundo de indígenas não contatados deve ser respeitado. Porque a priori é um mundo pacificado porque resguardado. É um mundo dos que sobreviveram ao contato porque eram e são pacíficos. Ou, simplesmente, foram espertos em esgueirarem-se pelas florestas?

É preciso pacificar o mundo; acabar com a violência abusiva, reformar as polícias, reformar o direito penal, reformar e sempre reformar. Como a velha toada “é preciso reformar a prisão, mesmo sabendo que ela não serve aos seus propósitos, porque ela é fundamental para confirmar o medo entre todos e ser a expressão da necessidade de repressão”. Todos os esforços produzidos neste mundo contemporâneo são para pacificar, equacionar traumas, inibir perversões, acabar com corrupções. E não há nada mais pacificador do que relações democráticas estendidas da política para vida ordinária. É a democracia eleitoral com base no sufrágio universal combinada com a participativa por meio de movimentos sociais, organizações, institutos, fundações, organizações não-governamentais acionando,

... e o mundo acabou, mais uma vez

de forma presencial ou on-line, suas reivindicações para exame dos seus representantes no Parlamento e tribunais superiores. Vida em tribunal: um mundo que não mudou.

Mundo da democracia, da pacificação, dos ativistas, mundo resiliente, da nova política. O mundo do passado não acabou, apenas se metamorfoseia...

6.

Desde a descoberta do novo mundo, com a chegada dos europeus nas Américas, com o novo escravagismo, doenças, violências, usurpações, saques, sequestros, formou-se uma barreira humana civilizada que começou nas praias do Atlântico e, com o tempo, foi se deslocando para o oeste em busca de mais riquezas. O mesmo se deu na América do Sul quando os descobridores se instalaram pela costa do Pacífico. E a América Central viveu a compressão pelos dois lados pelo afinilamento territorial.

A exuberância encontrada nas paisagens repercutiu na cultura do exotismo, incluindo telas pintadas a óleo (insinuando ou explicitando o canibalismo), a pintura corporal, as vestimentas e os adornos plumários, as cerâmicas extraordinárias de diversos tamanhos, inclusive para acolher restos mortais, o uso do tabaco, do chocolate, e até mesmo as *peças* humanas levadas aos gabinetes dos reis, o *acolhimento* de crianças indígenas para educação nos seminários. Confiscar em todos os planos da existência para lhes dar fé, lei e rei. Provocar o redimensionamento mitológico destes povos, ou simplesmente, se inofensivos, deixarem-nos à contaminação mítica. Tratar estes mundos como mundos a serem governados. Estraçalhar!

Os povos destas terras, geralmente sem fé, sem lei e sem rei viram-se confrontados com fé, lei e rei. Com os soberanos superiores capazes de impor sua força aos superiores de aqui como incas, maias e astecas, impérios imediatamente subjugados pelos desbravadores do novo mundo. Fizeram escravos estes povos. Escravos e novas formas de escravagismo. Escravizar! E extorquir riquezas naturais, em ouro e prata, em especiarias e vivazes pássaros. Redefinir a dieta destes povos, invadir as relações de parentesco e sexuais, desmontar e rearranjar o pensamento mítico e a organização produtiva de caça e coleta, trazer doenças e mortes. Tudo e todos a serviço dos descobridores e de seus capatazes. Pacificação para não haver guerra e entendimento das populações locais sobre o que é fé, lei e rei.

Seria isso aqui o paraíso intocado que foi devastado? Para certos missionários sim. Até mesmo a Missão jesuíta no Paraguai, que tentou combinar dois mundos, acabou exterminada. Não, aqui não era o paraíso. Era somente mais um espaço a ser ocupado para o governo de Deus, dos Homens e dos Reis. E esta forma de governo se tornou efetiva quando os súditos passaram a se governar segundo os seus senhores. É o governo dos súditos pelos súditos que fortalece autoridades superiores, expropriações, submissões e punições e recompensas. Tudo revestido pela *natural* capacidade social de perdoar. Diante do imediato, diante do Tribunal da Santa Inquisição.

A dominação permanece intocável. Ou melhor, reformada e democrática. Os expropriadores reconhecem seus *pequenos* malefícios introduzidos no passado, agora traduzidos em medidas compensatórias. O mal ainda permanece sendo estes *outros*; está neles e precisa ser

... e o mundo acabou, mais uma vez

extirpado pelos fluxos compensatórios que facilitam seu acesso aos bens e instituições universais sob o regime da racionalidade neoliberal. Ela produz portadores de direitos inacabados distribuídos entre minorias numéricas (que muitas vezes são majorias) e amplia seu acesso aos produtos (econômicos, culturais, sociais, políticos, urbanos, farmacológicos, de saúde e escolarização...).

7.

Escravos sempre estarão na caverna e dela sairão para ver a luz que iluminará o que deverão ver, mesmo que seja a moral do escravo, como sublinhou Friedrich Nietzsche.

Escravos indígenas, pretos, dos gregos ou dos romanos, dos brancos, dos estadunidenses e dos portugueses/brasileiros com a proliferação do sarampo e da varíola... Ou são simplesmente indígenas, quase totalmente dizimados na “Conquista do deserto”, campanha do Gal. Julio Argentino Rocca entre 1878-1879, na Argentina. Ou vão lutar na Guerra do Paraguai como defensores da pátria brasileira dos herdeiros do descobrimento e da corte do Príncipe-Regente D. João, no país feito independente, reconhecido pelos estadunidenses democratas e escravagistas. Todos escravagistas. Tudo repercute nas palavras ácidas do abolicionista Henry David Thoreau, em *Slavery in Massachusetts* de 1854, quando questiona o dever de Estado de devolver ao proprietário alguém escravo mesmo que estivesse livre em um estado do país não escravagista. Anthony Burns fora declarado escravo fugitivo, segundo a Lei dos Escravos Fugitivos (*Fugitive Slave Act* de 18 de setembro de 1850⁷), resultante de acordo político entre latifundiários do sul e o *Free Soil Party* que durou de 1848 a

1852. Concluiu Thoreau: “A escravidão e a servilidade não produzem anualmente flores perfumadas, para encantar os sentidos dos homens, pois elas não têm vida real: são apenas uma decadência e uma morte, ofensivas a todas as narinas saudáveis. Não reclamamos que eles vivem, mas que não são enterrados. Que os vivos os enterrem: até eles são bons para adubo”⁸. Walt Whitman o completa, comentando os efeitos na carne da Guerra de Secessão⁹. Girava na América do Norte. Girava no Brasil, como na carta de Luiz Gama, abolicionista negro, para Lúcio de Mendonça, biógrafo, em 25 de julho de 1880.

“Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa do Marfim (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida, vingativa. Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do Dr. Sabino, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856, em 1861, na corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube por uns pretos-minas [casta de negros sudaneses de Minas Gerais] que a conheciam e deram sinais certos, que ela, acompanhada de alguns malungos desordeiros, em uma “casa de fortuna”, em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como seus companheiros desapareceram. Era opinião de meus informantes que esses ‘amotinados’ fossem mandados para fora do governo, que, nesse tempo,

... e o mundo acabou, mais uma vez

tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores”¹⁰

...

“Fábio Lopes dos Santos Luz nasceu no dia 31 de julho de 1864 em Valença, pequena cidade situada às margens do rio Una, próxima à ilha de Boipeba, Bahia, conhecida como ‘a cidade industrial’, por conta de duas fábricas de tecidos, chamadas de ‘Fábrica de Cima’ e ‘Fábrica de Baixo’. Luz era negro, filho da professora Adelaide Josefina Lopes Luz e do escrivão Manuel dos Santos Luz, mais tarde funcionário da Receita da Fazenda de Valença. Na repartição em que seu pai trabalhava, Fábio Luz presenciou comércio de escravos ‘mediante a cobrança do imposto de transmissão do direito e propriedade’. O anarquismo, segundo ele mesmo, foi instintivo, diante de tanta injustiça e rebelar-se contra o Estado era a única alternativa. Engajou-se na luta abolicionista e na propaganda republicana, porém, desse último arrependera-se amargamente, pois presenciou apenas uma alternância de poder.

No ano de 1883, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia e obteve distinção com a tese *Hipnotismo e Livre Arbítrio*. Mudou para o Rio de Janeiro, no ano de 1888, onde foi delegado de higiene na Freguesia de Santa Rita. Prestava auxílio à população suburbana, principalmente durante uma epidemia de febre amarela, e por seu empenho e dedicação, os moradores do bairro exigiram que a prefeitura desse o nome dele a uma das ruas. Foi na capital federal que conheceu Rita Tourinho Furtado, com quem se casou e teve cinco filhos e quatorze

netos. Ao lado de seu filho, Fábio Luz Filho, criou um estabelecimento de ensino chamado de ‘Ateneu’ e, posteriormente, o ‘Liceu Popular de Inhaúma’.

Além de médico, exerceu as atividades de escritor, jornalista e professor. Segundo Edgar Rodrigues, ensinava em sua casa, português e francês para os operários que pretendiam ler os jornais anarquistas europeus, em sua maioria vindos da Itália, França e Espanha, e também lecionava em colégios particulares. (...)

Publicou inúmeros livros, entre romances e crítica literária (...). Contribuiu com vários periódicos, em sua maioria anarquistas (...).

Fábio Luz considerava-se livre de qualquer dominação espiritual. Era um homem revoltado, contrário a toda forma de opressão. Em seu pequeno texto, ‘Dedicatória aos Baianos’, datado de junho de 1923, publicado posteriormente em *Estudos de Literatura*, criticava seus conterrâneos que se achavam livres pela emancipação da colônia portuguesa, mas que, no entanto, sucedeu um novo domínio por “mãos mais hábeis”. Sinalizava para a independência nacional como uma falsa libertação”¹¹.

Enfim, dirigindo-se a Astrogildo Pereira, chefe do Partido Comunista, dispara:

“Se o Sr. Astrogildo não me conheceu nas lutas libertárias, queixe-se de sua ignorância ou de sua má fé, pois bem sabe que o primeiro romance publicado no Brasil com francas tendências anarquistas, em 1903, foi *O Ideólogo* de minha autoria, numa época em que se fundava a ‘Univer-

... e o mundo acabou, mais uma vez

sidade Popular Livre' e anarquista. Em que se editavam, *O Amigo do Povo*, *Kultur*, etc., já com a minha colaboração”¹².

8.

Mundo dos paliativos da escravidão, já suficiente para ser descartado contíguo às migalhas recebidas ao longo do século XX e nestas duas primeiras décadas do século XXI.

Canto feliz do livre. De amigos, das saudáveis más companhias:

“Meus amigos são uns vagabundos
Exibem-se sem pudor, bebem aos montes
Não dão bolas para instruções
E zombam de questões importantes.

Meus amigos são uns sem vergonhas
Que apalpam o traseiro das senhoras
Que espiam pelas fechaduras dos banheiros
E são postos a pontapés fora das festas.

Meus amigos são uns folgados
Que mijam no meio dos caminhos
Respondem sem que lhes perguntem
E apostam sem ter dinheiros [à brinca].
Minha santa mãe
Dizia:
“Cuidado, Juanito,
com as más companhias”

Por isso é que meus amigos
Os meço com uma vara lisa
E os tenho muito queridos,
São o melhor de cada casa.

Meus amigos são uns malfeitores,
Convictos de apanhar sonhos no ar
Que aplaudem quando o sol nasce
E me abrem seus corações como as flores.

Meus amigos são sonhos imprevistos
Que buscam suas pedras filosofais,
Vagando por sórdidas periferias
Onde descem os deuses sem serem vistos.

Meus amigos são pessoas atenciosas
Que acodem quando sabem que eu espero
Se lhes roça a morte, disfarçam.
Pois para eles a amizade vem primeiro”¹³.

...

2020. Um silêncio. (pelos fluxos da internet e das mídias televisivas começa a aparecer o “respire, mas não pire!” e o “respire, inspire, não pire!”). O ato de respirar com sua sonorização própria é um silêncio perante a mecânica da respiração despercebida numa comunicação excessiva de palavras, na comunicação por imagens que gera entendimentos ou ato contínuo de pensar com o discurso. Mas não o é no sexo.

Exagero de comunicação contínua, contaminando também o enunciado que recomenda respirar e não pirar.

... e o mundo acabou, mais uma vez

Respirar para alcançar um estado de desligamento, sossego, apaziguamento das coisas vindas de fora. Por conseguinte, respire, silencie, não pire! Silenciar como ausência de ruídos, ou simplesmente concentração na respiração para encontrar um estado de desligamento temporário do ser. O outro enunciado acopla “inspire” e estabelece um trajeto que vai do aspirar o ar para o pulmão, reforçando o respirar em silêncio, à concentração pessoal no ato de inspirar o ar para depois expirar, compor um ritmo pessoal na respiração que contorne, evite e ultrapasse o “não pire”. Uma respiração equilibrada para se obter um estado que impeça o de “pirar”. Mas, na língua portuguesa, inspirar também é causar inspiração a; sugerir. É disseminação de uma prática de paz de espírito recomendada para se encontrar um lugar a ser pacificado por si mesmo diante das adversidades. É uma prática de resiliência, nos termos de auto-ajuda. O sentido teológico de inspirar, também lhe está conectado. É o de iluminar o espírito, voltado à restauração de um estado anterior alcançado pela desventura e que proporciona o bom repouso, a superação do temporário estado de transtorno: inspire-se. Encontrar no estado de tranquilidade obtido, a força interior renovada para inspirar-se, guiar-se. A meta do respire, inspire, não pire! é a de ajustar o equilíbrio são entre corpo e mente. É dar e receber inspiração. Constata-se que “inspire” também está relacionado a programas de fisioterapia¹⁴. As causalidades produzidas pelo *fora* serão facilmente equacionadas, pela vontade de estabilidade de cada um pelo equilíbrio reencontrado *dentro de cada um*. Uma prescrição para se adaptar às adversidades, a formação de um eu psicológico estável e participativo, uma subjetividade moderada.

Não se trata, enfim, do silêncio levando a uma pausa concentrada na respiração para produzir um vacúolo de não-comunicação, como situara Gilles Deleuze¹⁵, algo produzido pelos efeitos exteriores acionando uma ética *de* e que abale a conduta individual esperada pela moral. Um instante para se compreender o início da política, de uma nova política ou de práticas antipolíticas¹⁶. Um abalo nas subjetividades consolidadas e em conformações reviradas por práticas de subjetivações que provocam uma relação outra entre fora e dentro. Deslocamento da causalidade para os múltiplos efeitos, que em lugar da pacificação agita potências de revoltas. Portanto, respire e pire! Resposta imediata ao não pire. Mas isso seria pretender encontrar uma solução com base na inversão da dicotomia pire-não pire? O jargão “pire” situa o momento de reconhecimento de perturbações ao exterior. Atiça contrapositionamentos ou mesmo antipositionamentos; é expressão resistente ao normal, ao *suposto* novo normal, às normalizações incessantes esperadas. Respire, agora, é uma atitude de basta à velocidade e ao ofegante estado das coisas. O silêncio não é mais sinônimo de ausência de ruídos, mas rompimento com a convenção do silêncio e, por conseguinte, o de silenciá-lo o outro que não segue as prescrições¹⁷. Diante das imposições da boa conduta, o intempestivo da atitude de revolta¹⁸. É a revolta que nos fez diferente dos animais¹⁹. É a conformidade, que nos põe no mesmo lugar dos animais domesticados.

Silêncio. Respire. O objeto mais distante do sistema solar, além de Netuno, recebeu em o nome provisório de 2018 VG18 e foi apelidado de “Farout”²⁰, em 17 de dezembro de 2018, pela equipe do Minor Planet Center da Universidade de Harvard²¹ e confirmada pelo

... e o mundo acabou, mais uma vez

Observatorio Las Campanas de Carnegie, no Chile. O universo não tem fim, está em expansão. O mundo dos ajustados, conformados e moderados tem. Mundo finito como ideal e real, mundo finito como produção de verdade que repousa no eventual infinito ditado pelo apocalipse, o juízo final e o Criador no Paraíso.

9.

O Criador vingou-se do sexo e expulsou Sua imagem e a companheira do Paraíso. Vieram o fratricídio e o incesto. Insatisfeito, tempos depois, Ele inundou a Terra e deu a Noé a tarefa de salvar os animais e sua família. Novamente, um filho se desgarra para peregrinar como Caim; inevitavelmente, adveio o incesto para repovoar a Terra. Depois, segundo os antropólogos, os homens criaram a interdição do incesto para que houvesse cultura. Incesto, no *mundo moderno*, passou a ser crime, atentado à moral. Penitência: pena imposta à expiação do erro. Penitência e prisão modernas, estreitamente relacionadas no interior do funcionamento seletivo do sistema penal, fundado no direito penal. A vida comprimida em penalidades, punições, vigilâncias, normalizações, monitoramentos sob o olhar do pastor. Dentro e fora das prisões e pelo direito penal.

...

O mundo da moral entrou em questionamento e não é de hoje. Não se trata de conceber outro mundo com outra moral. Esse é o círculo vicioso, ou a espiral que não finda em sua transcendentalidade; está em jogo a perpetuação da

Ideia, do Espírito, ou da suposta materialidade do espírito. Corpo-alma indissociáveis. Evidentemente construções hierarquizadas de submissão do corpo à alma.

Não se trata de opor esse mundo a outro mundo. Não há mais mundo, a não ser como vida restrita, dicotômica, saudosa ou esperançosa, ambas supostamente deslocadas do real, mas fortificadoras deste real-ideal. São produções de verdades reiteradas de uma coisa ou outra, ou na pior das hipóteses o conformismo com a situação atual. Espera-se que cada um seja democrático, moderado, tolere os extremos do leque pluralista e livre-se do que estiver fora deste abano.

Em tempo: o fascismo é parte inclusiva do leque pluralista pela sua capacidade de tolerar suas práticas, e por outras vezes, recomendar as devidas punições por exacerbar contra a legalidade do Estado de Direito. O fascismo é tolerado, como o foi no passado pelas democracias liberais, a ponto de ser apoiado contra a efetividade radical da Revolução Espanhola, ou mesmo como regime político convivendo com as democracias liberais no pós II Guerra Mundial, na Espanha, em Portugal... No Brasil do pré-Estado Novo a Ação Integralista Brasileira foi incentivada para depois ser proibida; durante a ditadura civil-militar esteve presente como conservadorismo católico antes do golpe de Estado e durante a programática de desenvolvimento e de redimensionamento institucional para uma passagem pacífica para a democracia. As práticas fascistas cotidianas foram toleradas nas ditaduras latino-americanas entre os anos 1960-1990. E até hoje, são protegidas e toleradas pelas polícias com as quais mantêm sólida conexão. Eventualmente são intimadas pelos tribunais com o intuito de restringir seus excessos,

... e o mundo acabou, mais uma vez

em nome de uma possível nova pacificação política em favor da democracia.

Desde a segunda metade do século passado não foram poucos os movimentos fascistas na sociedade civil que ganharam estatuto de partido político nas democracias liberais, sob a racionalidade neoliberal, como na Europa. O fascismo é uma prática inclusiva nas democracias; é parte constitutiva das suas exceções. O desfazer-se de práticas fascistas não se efetiva com práticas democráticas ou socialistas²².

Segurança do Estado não se resume aos dispositivos diplomático-militares, aos policiais, às instituições repressivas e de reclusão e à aplicação de leis e exercícios do tribunal. Ela depende de políticas compensatórias, das normas, das práticas do pastorado cristão e laico, do modo como os súditos se governam. A segurança depende do modo como se educam crianças e jovens para obedecer e para transgredir em função do aperfeiçoamento de normas e leis. “Como sempre, também dessa vez ele não sonha, mas seu sono é bem tranqüilo”²³.

10. Não haverá por que não havendo o zero, nada de dez, de absolutos.

11.

“Wednesday morning at five o'clock
 As the day begins
 Silently closing her bedroom door
 Leaving the note that she hoped would say more
 She goes downstairs to the kitchen

Clutching her handkerchief
Quietly turning the backdoor key
Stepping outside, she is free

...

Friday morning, at nine o'clock
She is far away
Waiting to keep the appointment she made
Meeting a man from the Motortrade
She (what did we do that was wrong)
Is having (we didn't know it was wrong)
Fun (fun is the one thing that money can't buy)
Something inside, that was always denied, for so many
years
She's leaving home, bye, bye"²⁴

...

Para onde ela irá? Sabe-se lá, apenas foi. Saiu. Não se trata de saber se ela saiu da casa dos pais em busca da felicidade, mas da saída. Para a maioria? Seria estultice. Sair, escapar, ir possivelmente como andarilha. A canção não nos dá a chave previsível que abre a porta para a saída certa ou para a melhor. Aquele mundo acabou para ela às 5 horas da manhã e estará muito longe às 9 horas. Nunca se saberá se houve um eterno retorno ao mesmo ou se ela ainda está por aqui, ou se já esteve espargindo suas perturbações e atitudes.

... e o mundo acabou, mais uma vez

12. Uma dúzia, doze horas (meio-dia ou até midnight)

Para as novas canções populares do século XXI contra os mundos que caíram, renasceram, foram deixados para trás; mundos ideais, as concepções e abortos de mundo, mundo novo admirável ou novo mundo conquistado.

Para poesias outras, artes da existência, experimentações libertárias, livres do mofo, das igrejas, do certo e de moral, incertas, com um sonoro não aos perdigotos do momento, da moda, da modulação.

Para dar um fim aos protagonismos, autorias, lideranças, ativistas, condutores; às hierarquias como um Antonin Artaud revisitando a comunicação contínua da Internet e dos aplicativos, para dar um fim ao juízo de Deus e Homem. “No se puede ser creativo seguindo un programa”²⁵. “Cópias também podem agradar, mas apenas da singularidade brota o que tem grande valor”²⁶.

Nada de securitizações alimentares, ambientais, repressoras, monitoráveis governando as condutas resilientes. Nem representação, nem convocação à participação, democracia dos diferentes no leque pluralista da restauração e renovação das democracias liberais. Nada mais de racionalidade neoliberal e capital humano inovador, democrático, moderado, empreendedor e seus *cares*. Nada de ONGs e derivados. Nada de niilismo, isso é sossego de humanitaristas melancólicos.

“E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
Surpreenderá a todos não por ser exótico
Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
Quando terá sido o óbvio”²⁷

Uma dúzia de silêncios que provoquem pensamentos com seus ruídos próprios. Um militantismo à solta, cínico, escandaloso, inominável, libertário.

Notas

¹ Ondas gravitacionais: ainda há muito para ouvir. In Observatório Ecopolítica, na o 1, n. 5 fevereiro de 2016. Disponível em www.pucsp/ecopolitica/observatorio-ecopolitica/n5.html

² Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

³ Salete Oliveira. “Aprisionamento de jovens, revoltas, fugas e o indomesticável” in Margareth Rago e Silvio Gallo (orgs). *Michel Foucault e as insurreições. É inútil revoltar-se?* São Paulo, Intermeios, 2016.

⁴ Roberto Bolaño. *Os detetives selvagens*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 309-310.

⁵ Maysa Matarazzo. “Meu mundo caiu”, 1958.

⁶ José Miguel Wisnik. “Se meu mundo cair”, 1993.

⁷ American Battlefield Trust. “Fugitive Slave Act”. Disponível em: <https://www.battlefields.org/learn/primary-sources/fugitive-slave-act> (acesso em: 12/03/2020).

⁸ Henry David Thoreau. “Slavery in MassachusettsB. 1854. Disponível em http://www.africa.upenn.edu/Articles_Gen/Slavery_Massachusetts.html (acesso em: 12/03/2020).

⁹ Walt Whitman. *Dias exemplares*. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo, Carambaia, 2019.

¹⁰ Sergio Rodrigues (org). *Cartas brasileiras*. São Paulo, Cia das Letras, 2017. p. 28.

¹¹ Gustavo Ramus. *Anarquismos, cristianismo e literatura social no Brasil (1890-1938)*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2011, pp. 137-139; 143.

¹² Idem

... e o mundo acabou, mais uma vez

¹³ Joan Manuel Serrat. *Las malas compañías*. Tradução de Edson Passetti. verve, São Paulo, nu-sol, n. 19, 2011, pp. 113-114. Disponível em: http://www.nu-sol.org/wp-content/uploads/2018/01/verve19.compressed_compressed.pdf

¹⁴ Faculdades Inspirar. “Ser mais é nossa inspiração”. Disponível em: www.inspirar.com.br (acesso em: 18/06/2020). Incluindo: MBA e Pós-Graduação, Formação e Extensão; Graduação Presencial; Graduação EAD; Eventos Inspirar e Inspirar Gourmet, com seus variados cursos on-line anunciado no cabeçalho “Cozinhando para o Mozão. Escolha um dos nossos 2 menus, receba todos os ingredientes frescos, cortados e na porção correta + aula de preparo”.

¹⁵ Gilles Deleuze. “Post-Scriptum sobre as sociedades de controle” in *Conversações (1972-1990)*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 1992.

¹⁶ Acácio Augusto. *Política e antipolítica: anarquia contemporânea, revolta e cultura libertária*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2013.

¹⁷ Gustavo Simões. *O desconcerto anarquista de John Cage*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 2017.

¹⁸ Michel Foucault. “É inútil revoltar-se?” in Manoel B. Da Motta (org). *Ditos e escritos V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro, Forense, 2004, pp. 77-81.

¹⁹ Mikhail Bakunin. *Deus e o Estado*. São Paulo, nu-sol/Imaginário, 1999.

²⁰ “Harvard Astronomers Discover Planet Farout”. Disponível em: <https://www.americaninno.com/boston/in-the-know-newsletters/harvard-astronomers-discover-planet-farout-woman-sues-trader-joes-newsletter/> (acesso em: 10/11/2019).

²¹ IAU Minor Planet Center. Disponível em: <https://minorplanetcenter.net/iau/mpc.html> (acesso em: 10/11/2019).

²² Michel Foucault. “Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista” in Peter Pál Pelbart; Suely Rolnik (orgs.). *Cadernos de Subjetividade. Gilles Deleuze*. Tradução de Fernando José Fagundes Ribeiro. São Paulo, Núcleo de Pesquisa de Subjetividade. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUCSP, v. 1, 1993, pp. 197-200.

²³ Franz Kafka. *Blumfeld, um solteirão de mais idade e outras histórias*. Tradução de Marcelo Backes, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018, p. 16.

²⁴ John Lennon e Paul McCartney. “She’s leaving home”, 1967.

²⁵ Witold Gombrowicz. *Peregrinaciones argentinas*. Ciudad Autonoma de Buenos Aires, El cuenco de plata, 2016, p. 54.

²⁶ Robert Walser. *Absolutamente nada*. Tradução de Sérgio Telarolli. São Paulo, Editora 34 Ltda., 2014, p. 104.

²⁷ Caetano Veloso. “Um índio”, 1977.

... e o mundo acabou, mais uma vez

Resumo

O cristianismo, a ciência, todos se apoiam sobre seus mitos de origem. No mundo democrático contemporâneo, a racionalidade neoliberal atravessa o pluralismo dos mundos. O ativismo resiliente e democrático comporta representantes à direita, à esquerda e os fascismos. Afirmando outras existências libertárias um militantismo escapa.

Palavras-chave: neoliberalismo, democracia, militantismo.

Abstract

Christianity, Science, all of them rely on their origin myth. In the contemporary democratic world, neoliberal rationality runs across worlds' pluralism. The resilient and democratic activism comprises representatives through the right, through the left, and fascism. Against it, there is a militantism that escapes.

Keywords: neoliberalism, democracy, militantism.

... And the world has ended, one more time, Edson Passetti

Recebido em 1 de março de 2021. Confirmado para publicação em 5 de abril de 2021.

CANÇÃO DAS PRISÕES

Quando a massa hoje muda,
Rugir como o oceano,
Uma vez que ela está pronta para morrer,
A Comuna se levantará.

Retornaremos como uma imensa multidão
Viremos por todos os caminhos,
Espectros vingadores sairão da sombra,
Estaremos todos de mãos dadas.

A morte usará o estandarte;
A bandeira negra recoberta de sangue;
E, livre, sob o céu exuberante,
A flor da púrpura desabrochará na face da terra.

louise michel
maio de 1871

os limites do controle¹

william s. burroughs

Há um crescente interesse pelas novas tecnologias de controle mental. Tem-se sugerido que Sirhan Sirhan² fora objeto de uma indução pós-hipnótica, visto ter se sentado tremendo violentamente no balcão da cozinha do *Ambassador Hotel*, em Los Angeles, enquanto uma mulher ainda não identificada o continha e sussurrava em seu ouvido. Tem-se mencionado que técnicas de modificação do comportamento são usadas em prisioneiros e detentos indesejáveis, frequentemente sem o seu consentimento. O Dr. Delgado³, que uma vez parou o ataque de um touro pelo controle remoto de eletrodos no cérebro do animal, deixou os Estados Unidos recentemente para empreender suas pesquisas em cobaias humanas na Espanha. Lavagem cerebral, drogas psicotrópicas, lobotomia e outras formas mais sutis de psicocirurgia; o aparato de controle tecnocrático dos Estados Unidos tem na ponta dos dedos novas técnicas que, se totalmente exploradas, poderiam fazer *1984* de Orwell parecer uma adorável utopia. Mas as palavras são ainda os principais instrumentos de controle. Sugestões são palavras. Persuasões são palavras. Ordens

são palavras. Nenhuma máquina de controle desenvolvida até hoje pode operar sem palavras, e qualquer máquina de controle que pretenda tal feito, contando exclusivamente com a força externa ou com o controle físico da mente, encontrará em breve os limites do controle.

Um impasse básico de todas as máquinas de controle é este: o Controle precisa de tempo para exercer controle. Porque o controle também precisa de oposição ou concordância; do contrário, ele deixa de ser controle. Eu *controlo* um sujeito hipnotizado (ao menos parcialmente); eu *controlo* um escravo, um cachorro, um trabalhador; mas se de algum modo eu estabeleço um controle *total*, como ao implantar eletrodos no cérebro, então meu objeto é pouco mais do que um gravador, uma câmera, um robô. Você não *controla* um gravador — você o *usa*. Considere a distinção e o impasse aqui implícitos. Todos os sistemas de controle tentam fazer do controle o mais firme possível, mas, ao mesmo tempo, se eles realizassem isso completamente, não restaria nada mais para controlar. Suponha, por exemplo, que um sistema de controle tenha instalado eletrodos nos cérebros de todos os potenciais trabalhadores ao nascerem. O controle está agora completo. Mesmo o pensamento sobre uma rebelião é agora neurologicamente impossível. Nenhuma força policial é necessária. Nenhum controle psicológico é necessário além de apertar botões para obter certas ativações e operações. Os controladores poderiam ligar a máquina, e os trabalhadores executariam suas tarefas, ao menos é assim que aqueles poderiam pensar. No entanto, eles deixaram de controlar os trabalhadores no momento em que estes se tornaram máquinas, como gravadores.

Quando não há mais oposição, o controle se torna uma proposição sem sentido. É altamente questionável se um organismo humano poderia sobreviver ao controle total. Não haveria nada ali. Nenhuma pessoa ali. *A vida é desejo*⁴, motivação, e os trabalhadores não mais estariam vivos, talvez literalmente. O conceito de indução⁵ como uma técnica de controle pressupõe que o controle seja parcial, e não total. Você não tem de induzir o seu gravador, nem sujeitá-lo à dor, à coerção ou à persuasão.

No sistema de controle Maia, no qual os sacerdotes detinham o mais importante Livro das estações e dos deuses, o Calendário foi estabelecido a partir do analfabetismo dos trabalhadores. Os sistemas de controle modernos são estabelecidos a partir da alfabetização universal, na medida em que operam através da mídia de massa — um instrumento de controle bastante ambivalente, como *Watergate*⁶ mostrou. Os sistemas de controle são vulneráveis e os veículos de informação são por natureza incontroláveis, ao menos na sociedade ocidental. A imprensa alternativa é notícia, a sociedade alternativa é notícia, e como tais, ambas são capturadas pela mídia de massa. O monopólio que Hearst e Luce⁷ uma vez exerceram está ruindo. Na realidade, quanto mais completamente hermético e aparentemente bem-sucedido um sistema de controle é, mais vulnerável ele se torna. Uma fraqueza inerente ao sistema Maia foi que eles não precisaram de um exército para controlar seus trabalhadores e, portanto, não tinham exército quando precisaram de um para repelir invasores. É uma regra das estruturas sociais que qualquer coisa que não seja necessária irá atrofiar e se tornar inoperante ao longo de um período de tempo. Aliados do jogo da guerra — e, lembrem-se, os Maias não tinham vizinhos com

os quais disputar —, eles perderam a habilidade de lutar. Em *Mayan Caper (Artimanha Maia)*⁸, sugeri que um tal sistema de controle hermético poderia ser completamente desorientado e destruído até mesmo por uma só pessoa que manipulasse o calendário de controle, do qual o sistema de controle dependia mais e mais profundamente conforme os meios concretos de força minguavam.

Considere uma situação de controle: dez pessoas em um bote salva-vidas. Dois líderes armados e autoproclamados forçam os outros oito a remar enquanto eles dispõem da comida e da água, pegando boa parte para eles próprios e distribuindo somente o suficiente para manter os outros oito remando. Os dois líderes agora *precisam* exercitar o controle para manter uma posição vantajosa que eles não poderiam preservar sem ele. Aqui, o método de controle é a força — a posse de armas. O des-controle aconteceria ao se subjugar os líderes e tomar suas armas. Isso feito, seria bom matá-los de uma vez. Assim, uma vez inseridos em uma política de controle, os líderes têm de dar continuidade à política por uma questão de autopreservação. Quem, então, precisa controlar os outros? Aqueles que protegem, através de tal controle, uma posição de relativa vantagem. Por que eles precisam exercer o controle? Porque logo perderiam esta posição vantajosa e, em muitos casos, também as suas vidas caso renunciassem ao controle.

Agora examine os meios pelos quais o controle é exercido no cenário do bote salva-vidas: os dois líderes estão armados, digamos, com revólveres 38 — doze tiros e oito potenciais oponentes. Eles podem revezar o sono. Contudo, devem ainda tomar cuidado para não deixar que os oito remadores saibam que eles pretendem matá-los quando a terra for avistada. Mesmo nesta situação

primitiva, a força é suplantada pelo logro e pela persuasão. Os líderes irão desembarcar no ponto A, deixando aos outros comida suficiente para alcançar o ponto B, explicam eles. Eles têm a bússola e estão contribuindo com suas habilidades de navegação. Em breve vão se esforçar para convencer os outros que este é um empreendimento cooperativo no qual todos estão trabalhando pelo mesmo objetivo. Eles também podem fazer concessões: aumentar as porções de comida e água. Uma concessão, é claro, implica a detenção do controle — ou seja, a disposição dos suprimentos de comida e água. Através da persuasão e da concessão, eles esperam prevenir um ataque coordenado dos oito remadores.

Na verdade, eles pretendem envenenar a água potável assim que deixarem o bote. Se todos os remadores soubessem disso, eles atacariam, independente das consequências. Vemos agora que outro fator essencial do controle consiste em ocultar dos controlados as reais intenções dos controladores. Estendendo a analogia do bote salva-vidas ao “Navio do Estado”,⁹ poucos governos poderiam hoje suportar um súbito e generalizado ataque por parte de todos os seus cidadãos desprivilegiados, e um tal ataque pode muito bem acontecer se as intenções de certos governos atuais estivessem inequivocamente manifestas. Suponha que os líderes do bote salva-vidas tivessem construído uma barricada e pudessem suportar um ataque coordenado e matar, se necessário, todos os oito remadores. Teriam então eles mesmos de remar e nenhum estaria a salvo do outro. De modo semelhante, um governo moderno munido com armas pesadas e preparado para o ataque poderia erradicar 95% dos seus cidadãos. Mas quem faria o trabalho, e quem iria protegê-

los dos soldados e técnicos necessários para fazer e equipar as armas? O controle bem-sucedido significa alcançar um equilíbrio e evitar um embate no qual toda a força seria necessária. Isso é obtido através de diversas técnicas de controle psicológico, também elas equilibradas. As técnicas de ambos, controle coercitivo e psicológico, são constantemente aprimoradas e refinadas, e, ainda assim, a dissidência global nunca fora antes tão difusa ou tão perigosa para os atuais controladores.

Todos os sistemas de controle modernos estão repletos de contradições. Olhem para a Inglaterra. “Nunca vá muito longe em nenhuma direção” é a regra básica sobre a qual a Inglaterra está edificada, e há certa sabedoria nisso. No entanto, evitando um impasse, eles caem em outro. Qualquer coisa que não esteja progredindo está fora. Bem, nada dura para sempre. Tempo é aquilo que acaba, e o controle precisa de tempo. A Inglaterra está simplesmente ganhando tempo enquanto afunda lentamente. Olhem para a América. Quem realmente controla este país? É muito difícil dizer. Certamente os muito ricos são um dos mais poderosos grupos de controle. Eles possuem jornais, estações de rádio e assim por diante. Estão também em posição de controlar e manipular a economia inteira. Contudo, não seria vantajoso para eles instalar ou tentar instalar um governo abertamente fascista. A força, uma vez trazida à tona, subverte o poder do dinheiro. Este é outro impasse do controle: a proteção dos protetores. Hitler formou a S.S. para protegê-lo da S.A. Se ele tivesse vivido o suficiente, a questão da proteção teria se colocado para a S.S. Os imperadores romanos estavam à mercê da guarda pretoriana, que em um ano matou vinte imperadores. Além disso, nenhum país moderno industrializado

jamais se tornou fascista sem um programa de expansão militar. Já não há mais nenhum lugar para onde expandir — após centenas de anos, colonialismo é uma coisa do passado.

Não pode haver dúvida de que uma revolução cultural de dimensões inéditas tem tomado lugar na América ao longo dos últimos trinta anos, e, dado que a América é agora o modelo para o resto do mundo ocidental, essa revolução é mundial. Outro fator é a mídia de massa, que espalha quaisquer movimentos culturais em todas as direções. O fato de que essa revolução mundial tenha ocorrido indica que os controladores têm sido forçados a fazer concessões. É claro, uma concessão ainda consiste na detenção do controle. Tome uns centavos, eu fico com um dólar. Atenuamos a censura, mas lembre-se que poderíamos pegar tudo de volta. Bom, a esta altura, isso é questionável.

A concessão é outro vínculo de controle. A história mostra que, uma vez que o governo começa a fazer concessões, torna-se uma via de mão única. Ele certamente pode tomar as concessões de volta, mas isso o exporia ao duplo risco da revolução e ao perigo ainda maior do fascismo manifesto, ambos altamente ameaçadores para os controladores atuais. Alguma política específica brota dessa monstruosa confusão? A resposta provavelmente é não. A mídia de massa se provou um muito duvidoso e mesmo traiçoeiro instrumento de controle. Ela é incontrolável, devido a sua necessidade básica por NOTÍCIAS¹⁰. Se um jornal ou mesmo um conjunto de jornais pertencente à mesma pessoa tenta suprimir uma estória, isso só faz com que a estória se torne ainda mais quente enquanto NOTÍCIA. Alguns jornais irão pegá-la.

Impor uma censura governamental à mídia é um passo na direção do controle estatal, um passo que o *big money* é mais relutante em dar.

Não pretendo sugerir que o controle automaticamente derrota a si mesmo, nem que o protesto seria, portanto, desnecessário. Um governo nunca é tão perigoso quanto quando entra em rota de autodestruição ou de franco suicídio. É encorajador que alguns projetos de modificação do comportamento estejam sendo expostos e interrompidos, e certamente essa exposição e publicidade deveriam continuar. Na realidade, defendo que temos o *direito* de insistir que toda pesquisa científica esteja sujeita ao escrutínio público e que não deveria haver algo como pesquisa “ultrasecreta”.

Tradução do inglês por Lucas C. L. Teixeira.

Notas

¹ O texto original do ensaio encontra-se publicado na revista *Semiotext(e)*, Vol. III, No. 2 (p. 38-42), 1978, em edição intitulada *Schizo-Culture*. Trata-se de uma reedição e, em grande parte, uma atualização dos trabalhos apresentados durante o evento homônimo ocorrido de 13 a 16 de novembro de 1975 na Columbia University (Cf. Figura 1), onde o trabalho de Burroughs foi inicialmente apresentado sob o título *Os Impasses do Controle* (*The Impasses of Control*). A conferência de 1975 foi responsável por reunir alguns dos mais eminentes representantes da assim chamada contra-cultura do pós-1968, incluindo a participação de artistas como The Ramones, The Rolling Stones, Patti Smith, John Cage e Kathryn Bigelow até a mais vocal intelectualidade francesa da época, contando com Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jean-François Lyotard, dentre muitos outros. Em grande medida, o evento foi responsável por apresentar pela primeira vez à cena artístico-intelectual estadunidense o que havia de mais atual na produção intelectual francesa, sobretudo na Filosofia. (N.T.)

² Trata-se da pessoa que atirou contra o então senador estadunidense Robert F. Kennedy nas circunscções do *Ambassador Hotel*, em Los Angeles, no dia 5 de junho de 1968, levando-o à morte no dia 6 de junho de 1968. (N.T.)

³ José Manuel Rodríguez Delgado foi pesquisador e professor de neurofisiologia na Yale University. (N.T.)

⁴ A frase original diz: *Life is will*. A palavra *will* tem, na língua inglesa, uma extensa malha semântica: poderia ser traduzida como vontade, impulso, inclinação, intenção, objetivo, querer, decisão etc. Em todos os casos expressa a ideia do movimento autônomo, do movimentar-se que tem seu impulso na imanência daquele que se movimenta, e não em estímulos externos sobre um objeto inerte. Traduzimos o termo por desejo a fim de driblar qualquer conotação autárquica, como se se tratasse de uma vontade ponderada e elaborada pela racionalidade do sujeito pensante. Nada na obra de Burroughs aponta para isso; ao contrário: sua literatura é uma experiência radical de subversão de todos os modelos de controle e contenção, especialmente aqueles que habitam a linguagem: “Corte as linhas das palavras — Corte as linhas musicais — Esmague as imagens de controle — Esmague a máquina de controle — Queime os livros — Mate os padres — Mate! Mate! Mate! —” (*Cut word lines — Cut music lines — Smash the control images — Smash the control machine — Burn the books — Kill the priests — Kill! Kill! Kill!*). In: *The Soft Machine* (1966). (N.T.)

⁵ O termo no original é *suggestion*, *The concept of suggestion*. Optamos traduzi-lo por indução, no lugar do mais imediato “sugestão”, a fim de transmitir com mais naturalidade ao ouvido brasileiro o sentido buscado por Burroughs, a saber, a capacidade de orientar um sujeito para determinada direção, para determinado sentido, material ou simbólico, unicamente através dos dispositivos da palavra, sem o artifício da coerção física. Traduzir o original simplesmente por “O conceito de sugestão” poderia não alcançar esse objetivo, embora seja precisamente toda a malha de “artimanhas” da palavra que esteja em jogo para o autor: indução, sugestão, insinuação, conselho, persuasão, logro, intenção etc. (N.T.)

⁶ Trata-se do notório escândalo político, trazido à tona pelo *Washington Post*, conhecido nos Estados Unidos simplesmente como *Watergate*, que culminou com a renúncia do então presidente Richard Nixon, em 1974. A ambivalência à qual Burroughs se refere, trazendo *Watergate* como exemplo, diz respeito precisamente ao poder que a mídia de massa detém a despeito

de outros focos de controle, capaz de implodir inclusive o poder de controle do *establishment*, a depender das circunstâncias. (N.T.)

⁷ William Hearst e Henry Luce, respectivamente, ambos conhecidos magnatas da mídia de massa nos Estados Unidos, outrora detentores de inúmeros veículos de informação de alta difusão. (N.T.)

⁸ Mayan Caper (Artimanha Maia), texto de Burroughs incluído em *The Soft Machine* (1966), disponível em <https://realitystudio.org/texts/soft-machine/mayan-caper/> (acesso em: 19/05/2021) (N. E.)

⁹ A expressão presente no texto original é precisamente *Ship of State*. Contudo, inserimos as aspas alienígenas a fim de enfatizar o aspecto analógico dessa colocação e evitar quaisquer estranhamentos, já que obviamente não se trata de nenhum navio propriamente dito no texto. Burroughs muito provavelmente está jogando aqui com a famosa analogia presente na *República* de Platão, mas também na *Política* de Aristóteles, que aproxima a perfeição formal e os atributos de decadência de uma organização política institucional — o Estado, o Governo, a *politéia* (constituição) — daqueles verificados na reta ou na má condução de um navio, onde temos basicamente como personagens os marinheiros, responsáveis pelo trabalho braçal e pela manutenção material, o timoneiro, responsável pelo conhecimento náutico e pelo esforço intelectual, e o próprio navio, a estrutura de base que mantém todos vivos graças à adequada disposição das funções anteriores. Cf. Platão, *República*, 488b ss.; Aristóteles, *Política*, 1326a ss. *Ship of State* refere-se, assim, ao próprio Estado moderno e seu funcionamento peculiar. Por outro lado, a aproximação com Platão e Aristóteles pode ser apenas uma feliz coincidência, já que a expressão “navio”, no texto, pode simplesmente cumprir a função de maximizar a metáfora do “bote”, alcançando, assim, para além de casos localizados, as estruturas gerais do Estado-nação ele mesmo. (N.T.)

¹⁰ Aqui e doravante, a caixa alta é de Burroughs. (N.T.)

¹¹ *Big money* é uma expressão bastante típica da língua inglesa, razão pela qual optamos por preservar o original. Refere-se à classe dos grandes e influentes investidores capitalistas, sejam eles indivíduos ou corporações. (N.T.)

os limites do controle

Semiotext(e)
sponsors a colloquium on

schizo culture

13-16 november 1975
columbia university



"One does not desire revolution, desire is revolutionary"
 —G. DELEUZE and F. GUATTARI

"The power to punish is not essentially different from the power to cure or to educate"
 —M. FOUCAULT

Thursday, November 13

2:30 p.m. (Harkness): **Sylvère Lotringer, John Rajchman**
Introduction

7:30 p.m. (Harkness): **Arthur Danto**
Frenetic Explanations

James Fessenzen
Transversality and Style

Jean-François Lyotard
La Force des Faibles

Friday, November 14

9:30 a.m. **Workshops: Psychiatry and Social Control. — Radical Therapy. — Schizo-City [Harlem]; Cinema: Representation and Energetics. — Ontologico-hysterical theatre.**

2:30 p.m. (Harkness): **Robert Fine**
Psychoery and Materialism

Joel Kovel
Therapy in Late Capitalism

François Péraldi
A Schizo and the Institution

Panel with Félix Guattari

8:00 p.m. (S.I.A.): **William Burroughs**
The Imposses of Control

Michel Foucault
Nous ne sommes pas égarés

Saturday, November 15

10 a.m. (A-B Law) **Panel on Prisons/Asylums**

Judy Clark, Michel Foucault, Robert Michels, David Rothman

2:30 p.m. (A-B Law) **John Cage**
Empire Wards

Gilles Deleuze
Le Régime des Signes

8:00 p.m. (A-B Law) **Ti Grace Atkinson**
The Psyche of Social Atomism

Félix Guattari
Publique et Signifié

Sunday, November 16

9:30 a.m. **Meetings will be held at the Maison Française of the French Department, 560 W. 111 St.**

2:30 p.m. **Workshops: Feminism and Therapy. — Psychoanalysis and Politics. — Gay Liberation — Mental Patients' Liberation**

9:00 p.m. (John Jay): **Workshops: Prison Politics — Lincoln Detox. — Mass Culture. — Psychoanalysis and Schizoanalysis**

Schizo-Party

Information: Write to Semiotext(e), 522 Philosophy Hall, Columbia University, N.Y.C. 10027
Contribution: Six dollars (students), twelve dollars (others). Checks or money orders payable to Semiotext(e), Inc.
 Register early if you wish to receive abstracts in advance. Fee includes a copy of the proceedings of the Schizo-Culture colloquium in Semiotext(e). Subscriptions to Semiotext(e): \$7.00 (individual), \$12.00 (institution).

Figura 1. Pôster da conferência *Schizo-Culture*, realizada em 1975 na Columbia University. Fonte: <https://www.facebook.com/Semiotexte/photos/a.144772588898442/184310118278022/?type=3&theater> [Rede social oficial da *Semiotext(e)*]. Acesso: 28/09/2020

Resumo

O controle total não existe. O controle sobrevive de oposições e anuências. Aqueles que controlam dependem de persuasões e concessões. Aquele que concede o faz porque tem o controle e para mantê-lo.

Palavras-chave: controle, controle mental, mídia.

Abstract

Total control does not exist. Control survives from opposition and acquiescence. The ones that have control depend on persuasions and concessions. The one that concedes does so because he can and because that's how he keeps it.

Keywords: control, mind control, media.

The Limits of control, William S. Burroughs.

Indicado para publicação em 10 de março de 2021.

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

gustavo simões

“...*Sonhei/que todos os meus dentes tinham caído/mas minha língua vivia ainda/para contar a história*”,¹ escreveu o poeta, editor e pintor Lawrence Ferlinghetti em “autobiografia”, poema publicado em 1958, em *um parque de diversões da cabeça*. O livro, o segundo de poemas próprios, encerrou uma década de inúmeras transformações em sua jovem existência, incluindo a afirmação de uma perspectiva anarquista ainda hoje pouco comentada e estudada.

Apesar de ocultado nas mais recentes notas acerca de sua morte com 101 anos, ocorrida em fevereiro de 2021, o anarquismo de Ferlinghetti está presente explicitamente em sua existência e nas páginas de *um parque de diversões da cabeça*. Para notar a sua verve contestadora basta ler com atenção versos como “*estou esperando pela falência final/ de todos os governos (...) estou esperando/ que as florestas e os animais/ reclamem a terra como sua/ e estou esperando/ que apareça um jeito/ de destruir todos os nacionalismos/ sem*

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais. Contato: gusfsimoes@gmail.com

matar ninguém (...)”,² ou ainda na referência a “*salada de batatas e grânios/ em piqueniques anarquistas*”.³

Ferlinghetti nasceu em 1919, em Nova York. Criado por uma tia, teve passagens por orfanatos e graduou-se em jornalismo nos anos 1930. Com pouco mais de vinte anos, participou da Segunda Guerra a bordo de um submarino. Com o fim do confronto, experiência que marcou o início de um pacifismo e de uma militância antimilitarista radical, concluiu o seu mestrado sobre literatura inglesa na Columbia University, seguido do doutoramento em literatura comparada na Sorbonne, em Paris. Depois do curso na França retornou ao norte da América, desta vez à Califórnia, na costa oeste, momento em que, segundo George Woodcock, o anarquismo se fortalecia fora da Europa ainda devastada pelos conflitos encerrados em 1945.⁴

Em diversas entrevistas, Ferlinghetti conta que se aproximou do pensamento de Kenneth Rexroth e Herbert Read, ambos poetas anarquistas, antes de se dedicar às tarefas de editor e livreiro. Sob efeito de tais leituras, interessou-se em fazer algo parecido com George Whitman, isto é, abrir “um sebo de livros onde eu podia ficar sentado o dia inteiro e rosnar para os clientes”.⁵ Não demorou para que, ainda no início dos anos 1950, com trinta anos de idade e instalado em São Francisco, começasse a frequentar os encontros abertos propostos por Rexroth visando a leituras de poemas e conversas sobre política.

Contudo, foi a amizade com outro escritor, dois anos depois do desembarque em São Francisco, que propiciou a invenção de um espaço vital e transformador da cultura

literária dos anos 1950 e 1960. Pete Martin era o responsável pela edição da *City Lights*, periódico de sociologia, artes e, sobretudo, cinema (o título da publicação é uma referência à película homônima de Charles Chaplin). Do encontro entre ele e Ferlinghetti irrompeu a ideia de uma livraria dedicada a livros de brochura, edições mais baratas e acessíveis, mas raras na época. Assim começou a livraria *City Lights*.

Entretanto, logo no ano seguinte à inauguração, — “Pete tinha tantas ideias que ele pulava para a próxima antes de finalizar a anterior”⁶ — Martin mudou-se para Nova York. “Então comecei a publicar livros”, recordou Ferlinghetti. “Mas foi ideia do Peter — uma ideia brilhante porque não havia livrarias dedicadas a livros de brochuras neste país. O único lugar em que era possível comprar livros de capa mole eram farmácias ou bancas de jornal”.⁷ A relação de amizade entre Martin e Ferlinghetti, a proximidade de ambos com o anarquismo no momento da ampla perseguição macarthista promovida pelo governo estadunidense (entre as guerras da Coreia e do Vietnã), foi uma das características da livraria/editora que mais tarde se tornaria a mais conhecida da costa oeste norte-americana.

Pete Martin era filho de Carlos Tresca, anarquista nascido na Itália. Refugiado nos Estados Unidos desde o início do século XX, Tresca criou periódicos operários, apoiou diretamente as manifestações pró Sacco e Vanzetti nos anos 1920, organizou apoios aos revolucionários espanhóis libertários em meados da década de 1930. Em decorrência da agitação, era considerado, mesmo à distância, um dos maiores inimigos de Mussolini. Foi executado em Nova York com um tiro na cabeça,

em 1943. Ao recordar da importância de Tresca para a construção da City, Ferlinghetti declarou: “nossa loja teve uma base anarquista desde o início. Nós vendíamos jornais anarquistas italianos e eu lembro que uma das pessoas que o comprava era o lixeiro. Ele saltava do caminhão de lixo, entrava, comprava o jornal anarquista italiano e depois saltava de volta. Os anos 1950 eram assim”.⁸

Somado ao formato pouco usual, livros de bolso e com capa mole, em vez de apostar em autores conhecidos na cena literária, Ferlinghetti buscou poetas distantes do cânone conservador da primeira metade dos anos 1950. Os quatro primeiros títulos pela editora, *Retratos do Mundo Passado* (seu primeiro livro de poesia), *poems of love and exile* (Kenneth Rexroth), *poems of humor and protest* (Kenneth Patchen) e *Uivo* de Allen Ginsberg sublinham a linha editorial disruptiva para a época. E foi precisamente este último, o livro de estreia de Ginsberg, que espalhou o nome da editora pelo país, do Pacífico ao Atlântico. Não obstante a publicação de *Uivo* e da aproximação feita por críticos literários de Ferlinghetti aos *beats*, o poeta/editor, com frequência, se afastou de tal filiação. “Enquanto os beats estavam fazendo suas loucuras, enquanto eles estavam com o ‘pé na estrada’, eu estava em Paris, fazendo doutorado (...) Minhas influências foram muito mais francesas que americanas”,⁹ considerou. Dizia preferir ser chamado de “o último boêmio” a ser classificado como um dos “primeiros *beat*”.

Ginsberg, no início dos anos 1950, já era uma figura com certo reconhecimento no lado leste dos Estados Unidos, sobretudo, pelos escândalos da década anterior na Universidade de Columbia, época em que conheceu Jack Kerouac e William Burroughs. Após esse período, no qual

experimentou não somente novas amizades como substâncias consideradas drogas psicoativas e uma intensa paixão por Neil Cassady, o poeta decidiu perambular. Na volta de viagens ao México e à Cuba fixou-se temporariamente em São Francisco. Na cidade conheceu seu companheiro Peter Orlovski e inúmeros poetas da chamada “San Francisco Renaissance”. Ao lado de Gary Snyder, Phillip Lamantia, Philip Walen, Michael McClure, participou em outubro de 1955, da histórica leitura de poemas na Six Gallery. Na ocasião apresentou seu “uivo” pela primeira vez.

Conhecido posteriormente pelos inesquecíveis versos iniciais, “Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus/ arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca/ de uma dose violenta de qualquer coisa”¹⁰, a difusão do *Uivo* provocou a prisão de Ferlinghetti e do livreiro da City Lights, Shig Murao, acusados de “obscenidade”. Em uma época na qual “o governo — em particular o FBI — sabia que eles podiam fazer várias organizações contraculturais desaparecer apenas por indiciá-las”,¹¹ a City Lights contou com apoio de artistas em todo o país.

Defendidos pelo Sindicato Americano de Liberdades Civis (ACLU), Ferlinghetti e Murao foram inocentados ao fim de um longo processo. Ecoando a desobediência civil de Henry David Thoreau, mais tarde, sobre a possibilidade da prisão, o autor de *o parque de diversões* afirmou: “Eu estava preparado para passar alguns meses na cadeia; eu podia ler muita coisa — e não me incomodaria tanto”.¹² Para além da resistência ao conservadorismo dos costumes, a publicação de Ginsberg enfrentou também o estado comportado em que sobrevivia a dita poesia “progressista” no país. Naquele momento, segundo Claudio

Willer, o modelo a ser seguido era T.S. Eliot. William Blake e Walt Whitman sequer eram mencionados como procedências pelas universidades e o poeta William Carlos Williams, mesmo morando a vinte quilômetros da Columbia University, jamais havia sido convidado a dar uma conferência em seu campus.¹³

No rescaldo do livro de Ginsberg e de outras publicações, a coragem anarquista do poeta/editor seguiu com força mesmo em meio às perseguições morais e fascistas da sociedade estadunidense, ampliadas durante a década de 1960. “A mentalidade fascista persiste através do mundo; ela fica voltando por isso você tem que continuar batendo (...). Nos anos 1960 nós fomos presos por vender o *Love Book* de Lenore Kandel e os quadrinhos *Zap*”,¹⁴ argumentou. Logo no início da década, marcada pelas inúmeras revoltas incluindo a afirmação pelo amor livre, em um poema de 1961, observou: “*As roupas íntimas estão por trás de tudo/ Tome por exemplo a origem das vestes/ Elas são realmente formas fascistas/ de governo subterrâneo*”.¹⁵

Ferlinghetti iniciou a década transformadora com *Partindo de São Francisco* (1961), livro que contém o poema citado acima. No mesmo ano se aproximou de Diane Di Prima. A neta de Domenico Malozzi, ácrata próximo de Tresca e Emma Goldman, Di Prima também é pouco conhecida por seu anarquismo, vivido e apresentado em suas *Revolutionary Letters*, editadas pelo próprio Ferlinghetti em 1971. Sobre o primeiro encontro, em “City Lights 1961”, a poeta elenca a generosidade do editor, isto é, os livros recebidos por ele de presente, o espaço da livraria/editora abrigo de conversas com a participação simultânea de militantes e crianças e ainda, o *happy hour* nos bares e cafés ao lado, marcado pelas “noites

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

com drag queens & revolucionários para curtir algumas canções/ e olha só, a City Lights ainda brilhava como um velho farol/ embora tudo em volta já estivesse apagado”.¹⁶

O poema de Di Prima escancara uma das alegrias de Ferlinghetti: a editora/ livraria aberta sete dias por semana (diariamente até a meia-noite). Somado a isto, o texto situa a City Lights como um dos espaços mais radicais de São Francisco ao longo da década. Intensificando uma perspectiva liberada de Estado, um ano depois de publicar *O significado secreto das coisas* (1968), em uma breve entrevista concedida a David Meltzer, Ferlinghetti concluiu: “fico emputecido com as pequenas editoras aceitando dinheiro do governo (...). A primeira coisa para um poeta, e também para uma editora independente, é levar um tipo de vida que não o comprometa com o sistema”.¹⁷ E sobre a City, quinze anos depois da inauguração, completou: “nunca existe nenhum dinheiro desde que a porra do governo é pago! De qualquer forma, existem muitas pessoas que vivem da livraria. Seis ou oito pessoas trabalham lá, o que é uma forma interessante de viver, para dizer o mínimo”.¹⁸

Com quatro livros publicados, os anos 1970 foram prolíficos para a poesia de Lawrence Ferlinghetti. Diante da captura de parte dos questionamentos eclodidos em 1968, bradou: *“Poetas, saiam de suas tocas,/ Abram suas janelas, abram suas portas,/ Chega de viver socados/ em seus mundos estanques (...) Não esperem chegar a Revolução,/ senão ela chega sem vocês/ (...) Poesia o coletivo geral/ para o transporte público/ para lugares mais altos/ que quaisquer outros veículos/ (...) Ainda não construíram as barricadas,/ as ruas ainda estão cheias de caras,/ belos homens & mulheres ainda andam nelas,/ belas criaturas ainda em toda parte,/ nos*

olhos de todos os segredos de todos/ ainda enterrado lá,/ os filhos selvagens de Whitman ainda dormem lá,/ E caminham ao ar livre ao despertar".¹⁹

Todavia, em meio aos quatro livros lançados ao longo da década, os anos 1970 marcaram também o início de despedidas dolorosas como a do amigo Kenneth Patchen e a de Harvey Milk. Em "os velhos italianos morrem", publicado sugestivamente no livro *As Paisagens de Vida e Morte* (1979), escreveu: "*os velhos anarquistas lendo 'L' Umanita Nova'/ os que amaram Sacco e Vanzetti/ Quase todos eles já se foram*".²⁰ Confirmando a própria consideração feita em 1977, "supostamente pessoas envelhecem e se tornam conservadoras. Parece que eu estou em direção contrária"²¹. Na ultrapassagem da década se aproximou dos ecologistas radicais estadunidenses. Declarou apoio às ações diretas e práticas de sabotagens como as inspiradas por Edward Abbey, e que faziam, segundo ele, grupos como Sierra Club e Greenpeace parecerem conservadores.²²

No Brasil, Lawrence Ferlinghetti, isto é, os seus poemas, começaram a circular pela editora Brasiliense no início dos anos 1980 e um pouco depois pela L&PM. Na época, início da chamada abertura política, depois de quase vinte anos de ditadura civil-militar, somado aos interesses pelos beat por médias e grandes editoras, o editor Robson Achiamé espalhava libertariamente livros anarquistas para todo o país. Nesta década, simultaneamente a seu desembarque no sul do continente, Ferlinghetti se aproximou das primeiras movimentações escandalosas de punks, incentivando, ao lado de Allen Ginsberg, zines como o *Search & Destroy*. Atento às novas movimentações políticas dos anos 1980 e começo dos 1990, salientou a incompatibilidade da convivência do que entendia como

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

ecologia com a política. “No Congresso Americano não existe oposição. Os dois partidos, Republicano e Democrata, são devotos da perpetuação e extensão pelo mundo do capitalismo industrial e corporativista. Quando num país existem dois partidos que são adeptos dessa prática, a ecologia não tem nenhuma chance”,²³ arrematou.

Nas duas últimas décadas de existência, no final do século XX e início do XXI, Ferlinghetti seguiu escrevendo, editando, pintando e agitando São Francisco. Aveso aos chamados “poetas de linguagem”, evitava convites para falar do seu “processo” de escrita. “Se eu recitar poesia em uma universidade, atualmente evito o trecho de perguntas e respostas após a leitura, porque as perguntas são sempre sobre o processo (...). Por isso eu nunca tenho sessões de perguntas, porque a ideia da poesia é deixar as pessoas inebriadas e se você tem uma sessão de perguntas e respostas é uma queda completa — traz tudo ao nível da prosa”,²⁴ alertou em conversa com V. Vale no início dos anos 2000. E foi desta maneira, vivendo com poesia, que ele chegou a centenário, em 2019. Nos últimos anos, mesmo sem conseguir ler, produziu poemas de resistência às violências do governo de Donald Trump, mensagens que circularam de jornais às mais variadas redes sociais.

Lawrence Ferlinghetti morreu em 22 de fevereiro de 2021, poucos meses depois de Diane Di Prima (25 de outubro de 2020). Apesar de pouco mencionado nas notas acerca de sua vida, o anarquismo experimentado por ele desde o final da Segunda Guerra o tornou constantemente aberto às transformações éticas e estéticas da existência. Foi como um anarquista que ele possibilitou a circulação de livros contundentes de brochura, tamanho de bolso, mais baratos; foi como anarquista que inventou um outro

espaço, uma livraria aberta diariamente até a madrugada, frequentada por revolucionários, crianças, drag queens e que segue agora em funcionamento como uma das mais duradouras Zonas Autônomas Temporárias²⁵ que se tem notícia; foi como um anarquista que ele enfrentou o tribunal diversas vezes pela liberdade de poetas e escritores.

“Antena da praça”, como alguém o definiu, Lawrence Ferlinghetti, assim como outros artistas pouco estudados pela própria história das revoltas libertárias, empolgou muitas das escandalosas insurgências ocorridas desde a segunda metade do século XX, dos beats, passando por hippies, punks, ecologistas radicais, queers. Registrar aqui neste texto alguns de seus episódios serve para que, no presente, a língua dos anarquistas viva, muito viva e invente novas e outras histórias de batalha e prazer.

Notas

¹ “Autobiografia” de Lawrence Ferlinghetti. “Um parque de diversão da cabeça” in *Vida sem fim*. Tradução de Nelson Ascher, Paulo Leminski, Marcos A. P. Ribeiro, Paulo Henriques Britto. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 70.

² “Estou Esperando”, Idem pp. 77-78.

³ “Autobiografia”, Ibidem, p. 63.

⁴ Segundo Woodcock nesta ultrapassagem dos anos 1940, os anarquistas nos Estados Unidos eram empolgados não somente por refugiados espanhóis e italianos, mas, em especial, por escritores que conheceram o anarquismo por meio de leituras de Oscar Wilde e William Godwin.

⁵ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in Fabio Massari (org). *Alguém come centopéias gigantes?* Tradução de Alexandre Matias. São Paulo, Ideal, 2015, pp. 237.

lawrence ferlinghetti: uma língua que resiste

⁶ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti para David Meltzer” in Sérgio Cohn (org). *Geração Beat*. Rio de Janeiro, Azougue, 2010.

⁷ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in Massari, op. cit, p. 237.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista concedida a Rodrigo Garcia Lopes in *Vozes e Visões. Panorama da Arte e da Cultura Norte-Americanas Hoje*. São Paulo, Iluminuras, 1996.

¹⁰ Allen Ginsberg. *Uivo (Kaddish e outros poemas)*. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, L&PM, 1984, p. 41.

¹¹ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V.Vale” in Massari, op. cit, pp. 237-238.

¹² Idem.

¹³ Cláudio Willer. “Allen Ginsberg, poeta contemporâneo” in Ginsberg, op. cit., p. 16.

¹⁴ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V. Vale” in op. cit, p. 234.

¹⁵ “Roupas Íntimas” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Partindo de São Francisco” in Ferlinghetti, op. cit., p. 89. Tradução de Gustavo Simões.

¹⁶ Poema publicado na revista *C H E I A*. São Paulo, É selo de língua, outubro, 2020.

¹⁷ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti para David Meltzer” in Cohn, op. cit.

¹⁸ Idem.

¹⁹ “Manifesto Populista” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Quem somos nós agora” in Ferlinghetti, op. cit., pp. 188-192. Tradução de Gustavo Simões.

²⁰ “Os velhos italianos morrem” poema de Lawrence Ferlinghetti publicado em “Paisagens de vida e morte” in Idem, p. 211. Tradução de Gustavo Simões.

²¹ Ver no obituário publicado pelo New York Times. Disponível em <https://www.nytimes.com/2021/02/23/obituaries/lawrence-ferlinghetti-dead.html>
Acesso em: 09/04/2021.

²² Entrevista concedida a Rodrigo Garcia Lopes in *Vozes e Visões. Panorama da Arte e da Cultura Norte-Americanas Hoje*. São Paulo, Iluminuras, 1996, pp. 128.

²³ Idem, p. 127.

²⁴ “Entrevista de Lawrence Ferlinghetti com V.Vale” in Massari, op. cit., p. 239.

²⁵ Aqui faço uma referência ao conceito de Hakim Bey de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ). Bey define as TAZ como experiências ocorridas realmente como levantes e insurreições. A partir destes acontecimentos mostra como o anarquismo, mesmo que durante uma breve temporada, ou por décadas como a City Lights, não é um fracasso. Pelo contrário, segundo ele, o anarquismo, diferente de outras perspectivas socialistas acontece e desaparece a todo instante.

Resumo

O texto apresenta o anarquismo do poeta e editor Lawrence Ferlinghetti (1919-2021), inventor da City Lights, editora que existe há quase seis décadas em São Francisco, na Califórnia.

Palavras-chave: Ferlinghetti, anarquismos, poesia.

Abstract

The text presents the anarchism of the poet and editor Lawrence Ferlinghetti (1919-2021), inventor of City Lights, a publisher that has existed for almost six decades in San Francisco, California.

Keywords: Ferlinghetti, anarchism, poetry.

Lawrence Ferlinghetti: a tongue that resist, Gustavo Simões.

Recebido em 29 de março de 2021. Confirmado para publicação em 29 de abril de 2021.

A MEUS IRMÃOS

Que as horas e os dias passem,
Que o capim cresça sobre os mortos!
Tão logo nascem, todas as coisas perecem;
Navios, afastem-se dos portos;
Que as noites impenetráveis acabem logo,
Que as velhas montanhas se desintegrem;
Proscritos ou mortos nós retornaremos.

Retornaremos como uma imensa multidão;
Retornaremos por todos os caminhos,
Como espectros vingadores que saem das sombras.
Viremos de mãos dadas,
Uns envoltos em frágeis mortalhas,
Outros ainda ensanguentados,
Pálidos, sob as bandeiras vermelhas,
Com buracos das balas em seu flanco.

Tudo acabou! Os fortes, os bravos,
Que eram meus amigos morreram todos,
Os escravos, os traidores, os corruptos
Já começam a se infiltrar.
Ainda ontem, eu me deparava com meus irmãos,
Filhos do povo vitorioso.
Orgulhosos e valentes como nossos pais,
Sigam em frente, a Marselhesa os conduz.

Irmãos, nessa gigantesca luta,
Eu amei sua ardente coragem,
Diante da metralhadora vermelha e ensurdecidora,
As bandeiras flutuavam ao vento.
Mesmo diante dos fluxos produzidos pelas ondas,
É bom tentar a sorte;
Salvar a multidão é o objetivo,
A recompensa é a morte.

Velhos sinistros e ridículos,
Que precisam de todo nosso sangue,
Derramem-no nas imensas ondas,
Bebam juntos no oceano vermelho;
E nós, envoltos em nossas bandeiras vermelhas,
Estamos prontos para morrer;
Juntos, seria bom demais,
Dormir nessas belas mortalhas.

louise michel

Prisão de Versailles, 1871.

o falecimento de nelson méndez

josé maria carvalho ferreira

O nosso companheiro Nelson Méndez, por razões biológicas inerentes às contingências da pandemia gerada pela Covid-19, acabou o seu ciclo de vida histórico, no dia 5 de Maio de 2021, em Caracas, na Venezuela. Nelson Méndez faleceu com a idade de 68 anos. Nasceu no ano de 1952. Como base profissional de sobrevivência, Nelson Méndez iniciou a sua formação e completou a graduação em Sociologia na Universidade Central da Venezuela (UCV) na década de 1990, tendo, posteriormente, exercido a função de professor titular nesta universidade.

No conhecimento que foi possível extrair de sua biografia é perceptível que a visibilidade social da sua ação individual e coletiva em prol do anarquismo tenha se desenvolvido, com maior proeminência, a partir desse período histórico. No que me diz respeito, o conhecimento efetivo do seu comportamento militante de anarquista é passível de ser visualizado em três momentos cruciais: 1) o primeiro reporta à criação da rede libertária Anarqlat; 2) o segundo, à sua participação no 53º Congresso Internacional

José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no SOCIUS/ISEG, na Universidade de Lisboa, Portugal. Contato: jmcfl@iseg.utl.pt.

de Americanistas, Universidad Iberoamericana, Cidade do México, de 19 a 24 de Julho de 2009; 3) e o terceiro, à publicação de artigos publicados no jornal *El Libertário* e na revista *Utopia*.

Em qualquer uma das dimensões em que se queira situar os aspectos ideológicos, éticos e morais de Nelson Méndez como libertário, é sintomático enaltecer a criação da rede libertária Anarqlat. Devo me referir ao trabalho militante extraordinário que ele teve de realizar, na medida em que essa rede foi criada no seio da UCV. Para os devidos efeitos, a rede deveria ter a sua origem numa base institucional e técnica para poder funcionar com credibilidade efetiva. Foi desse modo que, desde 1996, Nelson Méndez entrou em contato comigo, por via da internet, para tentar conseguir um acordo institucional entre 12 universidades sediadas na América Latina, Espanha e Portugal, sendo que eu estava inserido na Universidade Técnica de Lisboa. O papel crucial de Nelson Méndez nesse processo resultou na criação da rede Anarqlat com a participação das 12 universidades e, segundo consta, com a presença de uma série de países, como a Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Colombia, Costa Rica, Rep. Dominicana, Equador, El Salvador, Espanha, Estados Unidos, França, Grécia, Israel, Itália, México, Paraguai, Perú, Portugal, Porto Rico, Reino Unido, Uruguai e Venezuela.

Quanto ao segundo ponto: na cidade do México, apercebi-me *in loco* que Nelson Méndez era um apaixonado pelas ideias libertárias tanto nos seus aspectos teóricos e práticos, mas também com uma incidência problemática e reflexiva sobre a situação histórica da América Latina.

nelson méndez

No que se refere à terceira dimensão, relacionada aos aspetos teóricos propriamente ditos, para além dos artigos que publicou em vários jornais e revistas da América Latina e de países da Europa, há que destacar o trabalho imenso de propaganda e pesquisa que realizou no seio do jornal *El Libertário*. Com este jornal e com a revista *Utopía* foi possível estabelecer laços de solidariedade efetiva entre mim e Nelson Méndez. Por último, há que sublinhar as reflexões teóricas que Nelson Méndez realizou em co-autoria com Alfredo Vallota: *Bitácora de la utopía. Anarquismo para el siglo XXI* (2004); *Un país en su artificio. Itinerario histórico de la ingeniería y la tecnología en Venezuela* (2011); *Gastronomía y anarquismo. La utopía intensa de unir fogones, barricadas, placer y libertad* (2021).

***The death of Nelson Méndez*, José Maria Carvalho Ferreira.**

Indicado para publicação em 17 de maio de 2021.



venezuela: faleceu o companheiro nelson méndez por covid-19¹

el libertario

Na madrugada deste 5 de maio chuvoso em Caracas, faleceu, aos 68 anos, Nelson Méndez. Incansável propagandista anarquista, editor das publicações *Correo (A)* e *El Libertario*, autor de vários livros e dezenas de artigos de opinião e investigação. Nelson morreu em consequência de complicações associadas à Covid-19.

Nelson Méndez (Caracas, 1952) era licenciado em Sociologia e professor titular da Universidad Central de Venezuela (UCV). Vinculado desde a juventude ao ativismo social e ao anarquismo a partir de 1980, desde o final dos anos 90 fez parte da equipe de redação do periódico *El Libertario*. Também fez parte do *Centro de Estudios Sociales Libertarios* (CESL), que funcionou em Sarría durante vários anos. Seu livro mais recente é *Gastronomía y anarquismo: la utopía intensa de unir fogones, barricadas, placer y libertad* (2021). Anteriormente publicou “Un país en su artificio: itinerario histórico de la ingeniería y la tecnología en Venezuela” (2011); e, em coautoria com Alfredo Vallota, *Bitácora de la utopía. Anarquismo para el siglo XXI*.

Nelson foi uma referência para várias gerações de ativistas anarquistas venezuelanos. Sua sala na faculdade de engenharia da UCV era um epicentro de publicações libertárias que chegavam de várias partes do mundo e de reuniões de planejamento em torno de atividades de organização e propaganda. Foi um antiautoritário coerente, de modo que rejeitava as iniquidades dos governos venezuelanos anteriores e posteriores ao ano de 1998, assim como os golpes de Estado de diferentes caracteres ideológicos que ocorreram em 1992 e 2002.

Nós, seus companheiros e companheiras de *El Libertario*, queremos, por meio destas linhas, render-lhe a devida homenagem. Seu exemplo segue sendo uma inspiração para nós e sempre levaremos sua alegria e bondade em nossos corações. Nossas sinceras palavras de carinho e consolo para sua companheira Mina e seu filho Salvador.

Integrantes do periódico *El Libertario*.

Tradução do espanhol por Diego Lucato Bello.

Notas

¹ Publicado originalmente no site do *El Libertario*. Disponível em: <https://periodicoellibertario.blogspot.com/2021/05/venezuela-ha-fallecido-el-companero.html>.

Venezuela: Comrade Nelson Méndez has died of Covid-19, El Libertario.

Indicado para publicação em 17 de maio de 2021.

nelson méndez



nelson méndez: um anarquista. um amigo¹

pascual

No dia 5 de maio, no período da manhã, Nelson Méndez faleceu em sua cidade natal, Caracas. Esteve, durante alguns dias, internado no hospital e nos avisou que havia testado positivo para a Covid-19, no dia 1º de maio, por meio da Anarqlat, uma de suas inúmeras criações libertárias em mais de duas décadas; uma rede de informação e debate anarquista para a América Latina que começou, assim como outras coisas importantes, com um pequeno grupo de entusiastas e que hoje é composta por pessoas de mais de 20 países, não somente latino-americanos. Uma nota concisa e preocupante, discorrendo sobre a periculosidade e a situação da pandemia (eu mesmo estive internado, há pouco mais de um ano, na UTI) com as suas últimas palavras escritas para explicar a sua ausência, sempre pensando com a confiança de um lutador: “Escrevo esta nota para informá-los que tanto o PCR quanto o exame médico ao qual fui submetido confirmaram que tenho a doença, cujos sintomas já vinham se manifestando. No momento estou em casa, iniciando o tratamento e em regime de isolamento e repouso absoluto. Isso significa que, nas próximas semanas, não poderei cumprir as minhas funções de coordenador da publicação. Desejem-me sorte e veremos como as coisas se desenrolarão. Nelson”.

nelson méndez

Rodolfo Monte de Oca nos informou, em tão curto espaço de tempo, sobre a evolução e o falecimento por meio da Anarq̄lat. Em seguida publicou, com seus companheiros do periódico *El Libertario*, um documento que faz uma breve revisão de sua biografia. Rodolfo colaborou firmemente com Nelson em diferentes tarefas e em muitos textos militantes. Também em *El Libertario*, mais um projeto no qual Nelson teve uma participação essencial ao torná-lo uma publicação de grande referência no mundo anarquista latino-americano e de outros países. Essa pequena biografia também foi publicada na FAL, onde concordamos em conferir um caráter mais pessoal a essa dedicatória.

Conheci Nelson há 30 anos em Caracas. Juntamente conheci sua companheira Mina, também professora, e seu filho Salvador, ainda criança, que muitos anos depois encontrei no Congresso da IFA em Carrara, e, há pouco mais de um ano, em minha casa de Madri, a caminho de Sevilha, local onde vive e onde, de tão longe, foi notificado da morte de seu pai. Na realidade, eu ia para Caracas me reunir com o que restava da sessão venezuelana da AIT, a FORVE. Uma sessão prejudicada pela idade, onde havia companheiros/as de destaque da CNT e do restante do movimento libertário espanhol, mas que, assim como em muitos outros casos, não souberam ou não quiseram — tendo como prioridade a luta e o retorno para a Espanha — se integrar nas lutas do país de acolhida e, portanto, desenvolver-se e crescer. Essa era uma das críticas que Nelson fazia aos membros da FORVE e uma das razões pelas quais a colaboração, salvo algumas exceções (como Emílio Tesoro, por exemplo), não teve a intensidade desejada. A FORVE, assim, desapareceu anos depois sem uma

renovação geracional e sem presença nas lutas sindicais e sociais venezuelanas.

Não ia a Caracas, como disse, para ver o Nelson. Foi um contato que Alexandre Samis me forneceu, no Rio de Janeiro, dias antes e na mesma viagem turística militante Nós nos conectamos de imediato e, desde então, a relação se manteve, tanto no âmbito pessoal como na militância. Em nossa casa em Madri ou na sua em Caracas, com nossas companheiras e filhos, misturando o ócio com a difusão de ideias. As visitas a Toledo ou a Segovia eram intercaladas com conversas sobre o anarquismo na Venezuela e visitas em diferentes espaços libertários. As escapadas para Chichiriviche ou Los Cayos, com visitas aos companheiros anarquistas em Valencia (Venezuela). Das Jornadas Anarquistas na Universidad de Bogotá ao X Congresso da CNT em Córdoba ou a Saint Imier (da IFA), além de suas jornadas e debates paralelos, incluindo reuniões improvisadas com outras delegações latino-americanas para melhorar a colaboração e a coordenação entre elas.

Até quando não havia possibilidades de nos vermos pessoalmente, por conta da distância e das circunstâncias, a relação foi intensa e diversa. A pessoal, claro, mas também a militante. Seus pacotes com exemplares do *El Libertario*, para distribuir na Espanha, correspondiam-se com os exemplares de *Tierra y Libertad* para fazer o mesmo na Venezuela. Quantos comentários sobre as possibilidades, sempre escassas, de se desenvolver uma organização de caráter anarco-sindicalista que pudesse incrementar as fileiras da AIT. Ou a mesma pretensão, muito mais próxima através da CRA, da qual era um apoiador, para incorporar mais uma federação na IFA, pela qual tinha muita

nelson méndez

simpatia e sempre colaborou. O último projeto, durante as últimas semanas, apenas havia dado seus primeiros passos. Buscar arquivos, na Venezuela, da importante imigração espanhola e construir um arquivo próprio com o movimento libertário venezuelano. Em ambos os casos, tínhamos o apoio da “Fundación de Estudios Libertarios Alselmo Lorenzo”, a nossa FAL, que agora acolhe e publica estas linhas de recordação e homenagem. Precisamente, há pouco mais de um mês, a FAL publicou o último livro de Nelson: *Gastronomía y anarquismo*. Com um subtítulo mais que sugestivo e definidor do que encontraremos em seu interior e uma magnífica declaração das intenções em sua vida militante: *La utopía intensa de unir fogones, barricadas, placer y libertad*. Algo que, felizmente, também podemos compartilhar com alegria. Comer, viajar, escutar e dançar salsa também fez parte de nossa relação pessoal e militante.

Por fim, amigo Nelson, você sabe que é um dos anarquistas imprescindíveis; que aprendemos e seguiremos aprendendo com suas intervenções sossegadas e embasadas, em múltiplos escritos; que lembraremos, com você, tantas coisas que ainda devem ser feitas e outras que foram realizadas e precisam ser atualizadas. Quantos contatos foram iniciados ou recuperados através de suas adaptações para a América Latina das “páginas anarquistas amarelas”. Que tentaremos seguir na luta e na difusão das ideias que compartilhamos e que seguem vigentes para melhorar a vida das pessoas.

Que a terra lhe seja leve, companheiro.

Tradução do espanhol por Diego Lucato Bello.

Notas

¹ Publicado originalmente no site da *Fundación Anselmo Lorenzo*. Disponível em: <https://fal.cnt.es/nelson-mendez-un-anarquista-un-amigo/>.

Nelson Méndez: An Anarchist. A friend., Pascual.

Indicado para publicação em 17 de maio de 2021.

nelson méndez



A FONTE

Sob a janela de grade negra,
Ouve-se a água correr incessantemente
Acreditáramos estar num vilarejo
No qual um córrego docemente corre,
Ou então nos bosques, sobre o musgo,
Ouvir a fonte clara e doce
Tão adorada pelo pasto e pelo rebanho.
Oh fonte, flua, flua,
Flua, flua sempre.
Assim a onda se move,
Assim os dias se sucedem.

Mãe fecunda, a natureza
Dá de beber ao tigre e ao cordeiro.
Eles aplacam inteiramente sua sede
Sem nunca secar o riacho.
O sol é para todos os seres;
Os homens solitários dão lições
Aos bosques, à grama das encostas.

Quando a neve cobre a terra,
Os lobos uivam no fundo do bosque.
Diante de sua miséria comum,
As vicissitudes são suas únicas leis.
Diante da indômita natureza, o homem
Representa para alguns tiranos a conquista,
Burlesca e ao mesmo tempo ingênua.

De todas as fontes do mundo,
A única que nada trai,
Que por sucessivos movimentos se precipita e ressoa,
É o sangue que jorra dia e noite,
Pelos montes e pelo vale.
Ensanguentada e privada de tudo,
Está implacavelmente a raça humana.

Ela sangra cada vez mais.
E a mórbida sociedade,
Incessantemente, da noite à aurora,
Devora-a com terrível ferocidade.
E mesmo assim,
Para libertar a terra,
Ninguém com um braço bastante forte,
Golpeou a megera.

No entanto, o formigueiro humano
Não tem abrigo nem pão.
Mesmo que se saiba que toda queixa é vã
Crianças morrem de fome.
Todas as revoltas são encadeadas.
A terra parece abandonada
Submetida ao privilégio dos governantes.

Ah, que finalmente venha a anarquia!
Ah, que venha a igualdade!
A ordem pela harmonia total,
A felicidade pela liberdade!
[...] no mundo,
[...] imenso e frutuoso,
Os dias de um verão secular.
Que a fonte ensanguentada,
Que flui por um longo tempo
Cesse de jorrar,
E que se transforme numa onda gigante.
Que as horas e os dias se sucedam!

louise michel
Prisão de Viena, maio de 1890

Resenhas

abundância na escassez: o prazer do sabor anarquista

ELIANE CARVALHO

Nelson Méndez. *Gastronomía y anarquismo. La utopía intensa de unir fogones, barricadas, placer y libertad*. Madrid, Fundación Anselmo Lorenzo, 2020, pp.79.

Abundância e generosidade são as primeiras coisas que me vem à mente na relação entre anarquia e gastronomia. A resenha deste livro começa com um gesto de generosidade anarquista. O livro que interessava e interessa a nós do nu-sol, tanto pela sua temática quanto pelo autor, por quem guardamos carinho e admiração, foi um presente dos anarquistas da Fundación Anselmo Lorenzo em Madrid. A venda do livro pelo site da fundação está disponível, até o momento, apenas para a Espanha. Ao perguntarmos sobre a possibilidade de compra do livro para a presente resenha, recebemos não somente o livro como também o belo Boletín BICEL (Boletín de la Fundación de Estudios Libertarios Anselmo Lorenzo). Antes do que esperávamos, tínhamos em mãos estas duas publicações, estes dois presentes.

Eliane Carvalho anda com e no nu-sol e é doutora em Ciências Sociais pela PUCSP. Contato: eliane@riseup.net

A Fundación Alseldo Lorenzo (FAL) foi fundada em 1987 pela CNT (Confederación Nacional del Trabajo), na Espanha, com o objetivo de preservar e difundir o material por ela produzido. Atualmente, a Fundação edita e divulga livros e outros conteúdos relacionados ao anarquismo, além de possuir um imenso arquivo das práticas e invenções anarquistas e do movimento operário. A FAL conta com um extenso acervo sobre a CNT e outros grupos anarquistas, uma hemeroteca, um arquivo de cartazes, de adesivos e de material fotográfico, uma biblioteca e um museu.

Nas páginas do livro *Gastronomia y anarquismo*, Nelson Méndez mostra, a partir de produções e experiências, que, neste campo, a possibilidade de se abolir a lógica de relação capitalista talvez seja mais imediata.

O livro *Gastronomia y anarquismo* foi publicado no final de 2020. Segundo Nelson Méndez, ele “é o resultado da conjunção entre duas vocações que cultivei tanto com a razão quanto com a paixão” (p. 7). Em seu prefácio, Méndez observa ainda que o interesse pela gastronomia, a partir da noção que expandirá mais adiante no livro, é mais recente do que sua longa jornada pelo anarquismo, ao qual se associou na década de 1970. A maior atenção à questão da gastronomia está relacionada a um curso na Escuela de Sociología de La Universidad Central de Venezuela, propiciado por Ocarina Castillo, realizado em 2017. Além de abrir sua perspectiva em torno da gastronomia, a partir de seus elementos históricos, culturais, sociais, econômicos, políticos, etc., o curso atizou suas inquietações sobre a relação entre anarquismo e gastronomia. A escassa publicação sobre essa relação em língua espanhola tornou mais urgente esse trabalho.

O processo de investigação produziu outras escritas que também serviram de base para a elaboração do livro. Em 2017, um artigo em português publicado em *verve* 32; e outro em espanhol em *El Libertario*; em 2018, duas apresentações, uma no I Congreso de Estudios Anarquistas “Manuel González Prada”, em Lima, e outra no 2º Congreso de Investigadorxs sobre Anarquismo(s), em Montevideú.

No início do livro, Nelson Méndez deixa claro o seu interesse nesta relação entre anarquismo e gastronomia. Trata-se de uma proposta de mudança radical a partir de três dimensões básicas: 1. a transformação individual nos modos de cozinhar, comer e obter os alimentos; 2. a mudança do entorno, na medida em que nos tornamos produtores, distribuidores, propagandistas, etc.; 3. o impulso de uma transformação estrutural. O que se anuncia a seguir é de que maneira “estas três possíveis dimensões de transformação gastronômica foram assumidas pelo anarquismo no passado e no presente com uma ampla gama de propostas e ações” (p. 15).

O primeiro capítulo, “Reflexiones conceptuales preliminares”, procura dar conta das definições de anarquismo e gastronomia empregadas pelo autor. Do segundo ao quarto capítulos — “Hitos históricos del nexo gastronomía-anarquismo em el siglo XIX e inicio del siglo XX”, “Anarcosindicalismo y gastronomía”, “Gastronomía, anarcosindicalismo y revolución social em España”, respectivamente — Méndez apresenta a produção e as experiências do chamado anarquismo clássico em relação à gastronomia. Na segunda metade do livro — composta pelos capítulos: “Final del siglo XX e inicio del XXI. Reaparición de propuestas y prácticas anarquistas em el área

abundância na escassez: o prazer do sabor anarquista

gastronómica”, “Tres hitos contemporáneos en la relación gastronomía-anarquismo”, “Una panorámica de outras propuestas, acciones e iniciativas actuales del anarquismo em el área gastronómica” — estão as ações e produções realizadas a partir de 1968. Além disso, há o “Epilogo y conclusiones” e uma extensa lista de materiais de referência, que mais uma vez mostra a generosidade e a abundância anarquista mesmo diante da escassez.

No quarto capítulo, ao retomar a experiência da Revolução Espanhola, Nelson Méndez apresenta uma citação da revista anarquista *Gastronomía*, que publicava receitas para alimentar a muitos, mesmo diante da falta de recursos: “em tempos de guerra nossa posição de cozinheiros nos obriga, mais do que nunca, a suprir a falta de alimentos com habilidade e bom gosto, devendo nos esforçar para que a comida agrade ao paladar e aos olhos” (p. 41).

A definição de gastronomia apresentada no primeiro capítulo vai, aos poucos, tomando forma. Comer, para os anarquistas, não é só se alimentar. Há de se considerar, entre outras coisas, as relações de produção e consumo, de trabalho, as políticas de Estado, os controles, as sociabilidades e o prazer.

Do final do século XIX até o início do século XX, Méndez observa principalmente as relações com a gastronomia, a partir do anarco-sindicalismo, das lutas das associações de trabalhadores envolvidos de alguma maneira com a indústria alimentícia, mas também retoma as primeiras experiências com o vegetarianismo, muitas vezes ligado ao naturismo, que se opunha à moral e à exploração industrial. Neste contexto, grande parte do

material se refere ao anarquismo na América Latina e na Península Ibérica, mas há também breves menções ao anarco-sindicalismo no oriente.

Uma das primeiras obras sobre a relação entre anarquismo e gastronomia aparece com Piotr Kropotkin, em seu livro *A conquista do pão*, de 1892. Ao afirmar a questão do pão como primordial para a sublevação do povo, Kropotkin não ignora os sabores, a fartura, a produção, a relação com a terra, as diferenças e predileções de cada um. E combate, veementemente, aqueles que creem que “o melhor para construir a felicidade socialista passa pela miserável alimentação de quartel, pelo ascetismo sofrido dos monges em jejum, ou a caderneta de racionamento” (p. 19).

Mas, apesar de reconhecer sua importância, Nelson Méndez não trata o livro de Kropotkin como uma bíblia, assim como não pretende que seu próprio livro seja uma receita do que fazer e como agir. O autor nos propicia uma série de práticas diferentes, e nem sempre em consonância, que se deram, e se dão, em dois amplos contextos históricos.

Se até o início do século XX, estas experiências estavam muitas vezes ligadas às atividades sindicais, Méndez reconhece no presente uma ultrapassagem em relação ao anarco-sindicalismo. Estão em pauta, agora, questões como gênero, autogestão, ecologia, transgênicos, entre outras. O vegetarianismo, em sua forma mais radical, com o veganismo, aparece entre os anarquistas a partir das discussões sobre os direitos dos animais e relacionado às práticas anteriores do naturismo, especialmente entre os anarco-punks, nas décadas de 1970 e 1980. No entanto,

o veganismo assimilado por alguns anarquistas emerge de práticas anglo-saxônicas da década de 1940, que não estavam necessariamente ligadas a nenhuma perspectiva (anti)política, e tampouco eram provenientes das práticas de naturismo.

Nelson Méndez ressalta que a atenção aos direitos dos animais, central na retomada do vegetarianismo hoje, e que emerge na década de 1990, é uma das principais diferenças em relação ao que eram as práticas naturistas. No naturismo do passado interessa uma concepção mais ampla sobre o corpo humano e a sociedade.

Méndez, no entanto, faz uma ponderação ao que hoje se nomeia como anarco-veganismo (ou veganoanarquismo). Para ele, há aí, muitas vezes, uma “intransigência quase religiosa” (p. 46) em que os termos “animal” e “natural” acabam tendo uma concepção absoluta, abstrata e metafísica.

A presença anglo-saxônica é maior na segunda parte do livro. Entre os principais marcos na contemporaneidade, Méndez cita o *Food Not Bombs*, de origem estadunidense, e atualmente presente em 53 países; o texto “Abolish restaurants: a worker’s critique of the food service industry” [Abaixo os restaurantes: uma crítica de trabalhadores da indústria de serviço alimentício], difundido inicialmente em inglês em um site estadunidense e traduzido para outras línguas; e algumas experiências italianas, entre elas a *Cucine del Popolo* e a *Cucina Sovversiva*.

Apesar da forte presença anglo-saxã entre o que considerou como principais marcos do presente, o penúltimo capítulo traz uma extensa lista de grupos, práticas, experiências em diversas partes do planeta. Estão agrupadas nos

seguintes temas: anarco-sindicalismo e gastronomia hoje; experiências agroalimentares; cooperativas e grupos de consumo; alimentar a quem padece de fome; restaurantes, bares e cafés; padarias, docerias, pizzarias e sorveterias; feiras, festivais e encontros de produção/cozinha/alimentação autogestionária; nutrição alternativa; e gastronomia para animar a afinidade anarquista.

Ainda que não tenha um destaque especial, o humor também aparece como parte da cozinha anarquista. Em nota de rodapé, Nelson Méndez conta um *causo* de 1875, quando o anarquista e cozinheiro Joseph Favre, ofereceu, em um jantar em homenagem e com a presença de Bakunin, uma sobremesa que chamou de “Pouding Salvator”, em referência ao especial convidado. Em outro momento, relembra o texto escrito por Christian Ferrer sobre os padeiros argentinos, que nomeavam seus doces como chacota aos agentes ecumênicos e militares (ver *verve* 3). Ou ainda, em sua conclusão, quando estabelece a *medida perfeita*, retomando uma citação de Gianandrea Ferrari: “A receita perfeita foi definida com as seguintes porcentagens: 80% de anarquia e 20% de gastronomia” (p. 72).

Mas este, como já foi dito, não é um livro de receitas e nem uma receita para a revolução. A única presente no livro todo é *spaghetti alla Bakunin*, criado pelo pintor siciliano Vella em homenagem ao revolucionário russo. Com essas duas homenagens, conclui-se que, como muitos anarquistas, Bakunin também era apreciador de uma boa comida.

Na abertura do livro há uma citação de Piotr Kropotkin de *A conquista do pão*, que já anuncia a abundância

abundância na escassez: o prazer do sabor anarquista

que se seguirá. Abaixo da citação de Kropotkin, uma dedicatória: “a todas as pessoas com quem, através dos anos, compartilhei mesas cheias de sabores, ensinamentos, sabedoria e rebeldia. Muito especialmente à Mina, com quem compartilhei, ademais, amor” (p. 4).

Não conheci de maneira próxima Nelson Méndez. Em 2013, fui apresentada brevemente a ele e à sua companheira Mina em um saboroso jantar na cidade de Santiago, no Chile, após um dia repleto de conversas e discussões em um encontro de anarquistas.

As vidas anarquistas são assim. Sobram conversas, risadas, companhia, sabores, encontros, amigos, amores. Abundam. É a liberdade que se estende com o outro, alheia ao cálculo da miséria capitalista. E onde há abundância libertária também há generosidade e prazer.

No decorrer da escrita desta resenha chegou a inesperada e triste notícia. Nelson Méndez faleceu no último dia 05 de maio em decorrência de complicações relacionadas à Covid-19. Na estupidez e penúria destes tempos, um anarquista se vai, mas a plenitude de sua existência é infindável.

captura decolonial

VITOR OSÓRIO

Javier Ruiz Garcia (org). *Repensar el Anarquismo en America Latina: Historias, epistemes, luchas y otras formas de organización*. Olympia, WA, EUA, 115 Legion, 2019, 168 pp.

No México, a relação entre indígenas e anarquistas remonta ao início do século XX, quando as forças organizadas pelo anarquista Ricardo Flores Magón lutaram ao lado dos Yaqui e dos zapatistas contra a ditadura de Porfírio Diaz, no acontecimento que ficou conhecido como Revolução Mexicana.

Agitado pelo grito libertário da Comuna de Paris, e diante do governo ditatorial, Magón lançou, em 1900, seus primeiros ataques à tirania porfirista com seus textos no periódico *El Democrata*. No mesmo ano, junto com seu irmão Enrique Flores Magón, publicou o periódico libertário *Regeneración*. Seguindo esse movimento de emancipação social, os irmãos Magón assumiram a editoria do periódico satírico *El Hijo del Ahuizete*. Em fevereiro de 1903, colocaram uma faixa negra na fachada do prédio do periódico com os dizeres: “a constituição está morta”. Em junho, o governo ditatorial aprovou uma lei que proibia os irmãos Magón de publicarem jornais. Em 1905, Ricardo Flores Magón e outros companheiros libertários fundaram a Junta Organizadora do Partido Liberal Mexicano.

A organização do Partido Liberal Mexicano possibilitou que Ricardo Flores Magón, exilado nos EUA, fizes-

Vitor Osório é pesquisador do nu-sol e doutorando em Ciências Sociais. Contato: vitor.free@gmail.com

se um chamado ao proletário anarquista estadunidense e internacional para um levante que visava tomar a região da Baixa Califórnia e ali fundar uma sociedade livre: um espaço autônomo de caráter libertário. A esse chamado responderam os sindicalistas da *Industrial Workes of the World* (IWW), que se dirigiram para a região, além de libertários de vários cantos do planeta, confirmando o caráter internacional e solidário do anarquismo. No Brasil, o anarquista Neno Vasco e posteriormente seu amigo libertário Edgard Leuenroth ficaram responsáveis pela coleta e envio dos recursos financeiros aos revolucionários mexicanos. Os noventa e cinco dólares coletados foram enviados para a anarquista Emma Goldman, em Nova York, que os remeteu aos rebeldes mexicanos. Em carta, Emma Goldman agradeceu o envio do recurso, salientando que mais do que o valor, a solidariedade anarquista vinda do Brasil teria um significado imenso para os camaradas mexicanos na luta que travavam.

Como em todo movimento revolucionário popular, há sempre políticos oportunistas que procuram se beneficiar dos abalos e transformações causados pela revolução. Com a derrubada da ditadura de Porfirio Diaz, formou-se um governo provisório sob o comando do diplomata mexicano Francisco León de la Barra y Quijano, sucedido por Francisco I. Madero, um rico proprietário de terra, defensor da justiça social e da democracia que venceu as eleições presidenciais de 1911.

Em resposta aos efeitos políticos institucionais das insurreições anarquistas, o jornal *Regeneración* reproduziu o manifesto de Ricardo Flores Magón, “Aos proletários”, no qual ele afirmou que o sangue derramado não visava derrubar Diaz para pôr em seu lugar “outro bandido governante”.

Nesse mesmo manifesto, o lema liberal da revolução, “*reforma, libertad y justicia*”, foi substituído por “*tierra y libertad*”, adotado tempos depois por Emiliano Zapata e pelo aguerrido povo Yaqui, que havia resistido à colonização espanhola e lutava por autonomia na região norte mexicana.

Para além dos efeitos institucionais e da aproximação entre indígenas e anarquistas, a insurreição mexicana abriu as portas da região para libertários de outros cantos do planeta, como os anarquistas espanhóis que por lá aportaram ao final da Revolução Espanhola. Trotsky, fugindo de Paris durante a II Guerra Mundial, também chegou ao México por meio do anarquista português Cristiano de Carvalho, que o ajudou com uma passagem de navio para o país, mesmo diante da ditadura salazarista. Para lá também foi o escritor polonês Herman Albert Otto Maksiman, de pseudônimo Bruno Travan, que em 1969, faleceu entre indígenas ao norte do estado de Veracruz. O México se tornou um lugar propício ao desdobramento de uma cultura libertária.

Já no século XXI, no ano de 2006, após a repressão violenta a professores em greve, a cidade de Oaxaca, capital do estado mexicano de mesmo nome, foi tomada por anarquistas, indígenas e libertários de variadas vertentes que expulsaram a polícia e estabeleceram a Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO). O livro *Repensar el Anarquismo en America Latina*, organizado pelo antropólogo Javier Ruiz Garcia, é um dos efeitos dessas experiências

Segundo Garcia, “a iniciativa que se apresenta agora é fruto de análises e discussões coletivas geradas entre distintxs companheirxs de tendência libertária em Oa-

xaca, México. São análises que surgem e se desenvolvem no calor das mobilizações e processos organizativos que, desde a insurreição do ano de 2006, continuam a encarar o Estado; partem da comunidade e do bairro como eixo organizacional e geram propostas e projetos de autonomia no caminho de luta e resistência nesta localização geográfica. Uma resposta, em forma de rachadura e ruptura à crise atual” (p. 15). O livro foi distribuído gratuitamente pela 115 Legion, uma editora sediada em Olympia, nos EUA, que é também uma gráfica e um espaço multiuso para eventos comunitários. “É um espaço que qualquer pessoa pode acessar, a despeito das barreiras financeiras, e cuja única diretriz é a proibição de eventos para partidos políticos, iniciativas de votação ou candidatos (...)” (116 Legion. <https://www.115legion.org/>).

Javier Ruiz Garcia é antropólogo de formação e doutorando em sociologia pela Benemérita Universidad Autónoma de Puebla no México. Os diversos textos do livro pretendem estabelecer conexões entre as formas de organização comunais de indígenas latino-americanos e práticas anarquistas. Com foco nas experiências de Oaxaca, no México, e de Cauca, na Colômbia, os artigos têm em comum a afirmação de uma “ética comunitária” entre os povos autóctones da América Latina, à qual recomenda-se que o anarquismo deve se associar. “Anarquismo comunal, comunalidades libertárias, pensamento libertário de raiz, andinização do anarquismo etc., são algumas das formas com que diferentes companheiras e companheiros têm direcionado seus esforços analíticos em diferentes latitudes do cone sul para repensar o ideal anarquista em seus locais de origem e, com isso, fortalecer a continuação da ofensiva antiautoritária” (p. 16).

Em “Comunalidad libertaria: una respuesta al escenario de la guerra actual”, escrito por García, aparece a proposição de uma “zona de tensão dialógica” em torno dos fundamentos da comunalidade, das práticas libertárias e da defesa do território enquanto característica do que ele chama de “guerra atual”. Ele conclama uma “discussão que nos leve a pensar o que estamos enfrentando e que transcenda os limites do pensamento anarquista convencional (...)” (p. 84), configurando uma especificidade do anarquismo latino-americano: “o anarquismo na América Latina se moldou às estruturas do pensamento comunitário indígena e camponês, não chegou como uma imposição para a mudança social, nem foi enquadrado no quadro da ideologia anarquista ocidental, mas sim adaptado ao contexto; e ali ganhou a força necessária para entrar na história nos processos autônomo, libertário, indígena, camponês e operário” (p. 90).

Em “descolonizar el anarquismo”, Daniel Montañez Pico propõe um pensamento acerca do anarquismo enquanto produto da dicotomia entre povos civilizados e incivilizados que constituiria a modernidade. Nesse sentido, Montañez diz que “o anarquismo é colonial. Colonial porque costumava compreender que existem uns povos mais avançados que outros (...). Se a modernidade é inerentemente patriarcal e colonial, o anarquismo, como produto moderno, não pode escapar facilmente desta tessitura” (p. 73-74). Ao mesmo tempo, estabelece que o anarquismo tem um potencial descolonizador e, portanto, é o produto moderno capaz de dialogar com as lutas dos povos indígenas.

Porém, para além da afirmação de Montañez em relação ao “potencial descolonizador”, o anarquismo tem

uma história de luta contra formas de governo colonial. Mais do que isso, pode se considerar a anarquista Louise Michel, a partir de sua experiência junto aos Kanak da Nova Caledônia, a precursora daquilo que ficou conhecido como luta anticolonial. Com esses indígenas que recusavam o colonialismo francês, Michel dividiu sua echarpe vermelha da Comuna de Paris. Mais do que isso, aprendeu seu idioma, recolheu seus contos e mitos, ensinou-lhes a escrita e valorizou a história oral dos Kanak. A história escrita ocidental produz a naturalização do Estado, contratos e leis enquanto as culturas baseadas na oralidade respondem a um vínculo imediato e solidário mais próximo dos anarquismos e de sua recusa à universalidade do Estado e da política.

Louise Michel lutou junto aos Kanak na revolta de 1878 contra os colonos franceses. Ensinou-os a cortar as linhas de comunicação telegráficas para assim impedir a comunicação entre os administradores colonos e estabeleceu um paralelo entre a luta Kanak e as lutas dos trabalhadores libertários que culminou no evento da Comuna de Paris.

A luta de Michel junto aos Kanak evidencia a preponderância anarquista na luta anticolonial em detrimento de outros movimentos no interior do socialismo. A singularidade anarquista está na recusa da universalidade das noções de política e de Estado, o que os aproxima dos povos considerados “selvagens” ou “incivilizados” tanto por liberais quanto por socialistas autoritários.

O texto “apuntes para el inicio/notas para la confrontacion”, de Sergio Reynaga, é composto por um agrupamento de notas sobre os conflitos ocorridos no departamen-

to de Cauca, região sudoeste da Colômbia, entre julho e agosto de 2016, opondo indígenas da comunidade Nasa e grandes produtores de cana-de-açúcar. Estes episódios fazem parte de um processo de coletivização da terra contra a monocultura de cana-de-açúcar de propriedade da agroindústria INCAUCA. Segundo o autor, a luta dessas comunidades, através da tomada e coletivização de terras, deve ser reconhecida e acompanhada de perto para assim, quem sabe, provocar uma “revolução epistemológica”.

O “horizonte libertário” teria um compromisso com a “memória dos vencidos” e, ao se somar com as comunidades, renunciaria “à glória de seus homens geniais e suas composições como baluartes ideológicos” (p. 52). O autor sugere a urgência de “estratégias de vinculação ética”, a partir do conhecimento das “dores dos outros e outras”, que produzam um “espaço comum entre os povos latino-americanos”, a partir das lutas contra a “desapropriação e o saque” característicos da história colonial e do funcionamento básico do capitalismo.

O livro pretende repercutir nos anarquismos e anarquistas da América Latina como região privilegiada para a produção de análises capazes de superar o eurocentrismo e etnocentrismo das ciências humanas, e propõe a aproximação do anarquismo com a teoria decolonial.

O que se entende como “estudos decoloniais” se refere a um conjunto de contribuições teóricas sobre a colonialidade que compreende tanto revisões historiográficas, quanto a recuperação de um pensamento crítico latino-americano. Alguns autores utilizam *descolonização* e outros *decolonialidade*. Ambas as formas têm o mesmo significado, mas alguns preferem suprimir o “s” no sentido de não se

tratar apenas de “desfazer” o colonial. Entre essas contribuições teóricas, destacam-se os estudos “pós-coloniais” oriundos de produções acadêmicas do chamado primeiro mundo, e que despertaram o interesse em análises periféricas. Portanto, pensar de maneira decolonial não significa abandonar o eurocentrismo da ciência. Além disso, esses estudos decoloniais dizem respeito a procedimentos conceituais que enfatizam a “estruturação do poder” por meio do colonialismo e na assimetria de poder entre Europa e suas colônias, desconsiderando assim as assimetrias que já se faziam presentes no interior das sociedades autóctones.

A teoria da decolonialidade pretende libertar a produção de conhecimento de uma episteme eurocêntrica. Contudo, seus efeitos também se expressam em práticas de governo *adequadas* à conformação epistemológica exigida contemporaneamente. Assim, a teoria embasa e beneficia a ampliação de direitos indígenas no âmbito da governamentalidade neoliberal, de acordo com as diretrizes internacionais em torno da valorização dos povos tradicionais e da preservação do meio ambiente, além de alicerçar a emergência de governos progressistas no início dos anos 2000 a partir de uma retórica antineoliberal. Dessa maneira, cabe colocar em questão se repensar o anarquismo a partir da perspectiva decolonial abre para novas possibilidades de liberdade, ou pacifica seu princípio antipolítico e antiautoritário.

NU-SOL

Publicações do Núcleo de Sociabilidade Libertária, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP.

hypomnemata, boletim eletrônico mensal, desde 1999;

flecheira libertária, semanal, desde 2007;

Aulas-teatro

Emma Goldman na Revolução Russa, maio e junho de 2007;

Eu, Émile Henry, outubro de 2007;

FOUCAULT, maio de 2008;

estamos todos presos, novembro de 2008 e fevereiro de 2009;

limiaries da liberdade, junho de 2009;

FOUCAULT: intempéries, outubro de 2009 e fevereiro de 2010;

drogas-nocauté, maio de 2010;

terr@, outubro de 2010 e fevereiro de 2011;

eu, émile henry. resistências., maio de 2011;

LOUCURA, outubro de 2011;

saúde!, maio e outubro de 2012;

limiaries da liberdade, maio e agosto de 2013;

anti-segurança, outubro/novembro de 2013 e fevereiro de 2014;

drogas-nocauté 2, maio de 2014;

a céu aberto. controles, direitos, seguranças, penalizações e liberdades, novembro de 2014;

terr@ 2, maio de 2015;

libertárias, novembro de 2015;

LOUCURA, maio de 2016,

A Revolução Espanhola, novembro de 2016.

a segurança e o ingovernável, maio de 2017;

greve geral em são paulo, 1917, 21 e 22 de novembro de 2017, 6 e 7 de dezembro (Teatro Agora-SP);

estamos todos presos. estamos?, 11 e 12 de junho de 2018;

68: invenções e resistências, 16 e 17 de setembro de 2018;

hécuba, de eurípedes, 6 e 7 de maio de 2019;

hécuba, de eurípedes 2, 7 e 8 de outubro de 2019.

DVDs e exibições no Canal Universitário/TVPUC

ágora, agora, edição de 8 programas da série *PUC ao vivo*; exibição de set a out/2007, jan a mar/2008 e fev a abr/2009.

os insurgentes, edição de 9 programas; exibição de abr a jun/2008, jun a ago/2008 e dez/2008 a fev/2009.

ágora, agora 2, edição de 12 programas; exibição de set a dez/2008, abr a jun/2009 e jun a out/2009.

ágora, agora 3, edição de 7 programas; exibição de out a nov de 2010.

carmem junqueira-kamaiurá — a antropologia MENOR, exibição de out a nov/2010, 2011 e 2012.

ecopolítica-ecologia, exibição em ago/2012.

ecopolítica-segurança, exibição em nov/2012.

ecopolítica-direitos, exibição em abr/2013.

ecopolítica-céu aberto, exibição em dez/2015.

Vídeos

Libertárias (1999); Foucault-Ficô (2000); Um incômodo (2003); Foucault, último (2004); Manu-Lorca (2005); A guerra devorou a revolução. A guerra civil espanhola (2006); Cage, poesia, anarquistas (2006); Bigode (2008); Vídeo-Fogó (2009).

CD-ROM

Um incômodo, 2003 (artigos e intervenções artísticas do Simpósio Um Incômodo).

Coleção Escritos Anarquistas, 1999-2004

29 títulos.

recomendações para publicar na verve

verve aceita artigos e resenhas originais para possível publicação. Cada texto, respeitando o anonimato do autor, será apresentado a dois revisores escolhidos entre os membros do Conselho Editorial ou do Conselho Consultivo, ou ainda, a pesquisadores convidados que poderão recomendá-lo para publicação, recomendá-lo mediante ajustes, ou mesmo negá-lo. Em caso de pareceres distintos, um terceiro parecerista será convidado à leitura.

verve é uma revista libertária e autogestionária. Ao apresentarem textos à Verve, os autores afirmam sua concordância com a leitura e divulgação ampla, pelos meios disponíveis, dos seus escritos.

Os textos enviados à revista Verve devem observar as seguintes orientações quanto à formatação:

Extensão, fonte e espaçamento:

a) Artigos: os artigos não devem exceder 17.000 caracteres contando espaço (aproximadamente 10 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

b) Resenhas: As resenhas devem ter no máximo 7.000 caracteres contando espaços (aproximadamente 4 laudas), em fonte Times New Roman, corpo 12, espaço duplo.

Identificação:

O autor deve enviar mini-currículo, de no máximo 03 linhas, contendo e-mail para contato, para identificá-lo em nota de rodapé.

Resumo, Título e Palavras-chave:

Os artigos devem conter (em português e inglês): título, resumo (em até 10 linhas) e três palavras-chave.

Notas explicativas:

As notas, concisas e de caráter informativo, devem vir em nota de fim de texto.

Resenhas não devem conter notas explicativas.

Citações:

As referências bibliográficas devem vir em nota de fim de texto observando o padrão a seguir:

I) Para livros:

Nome do autor. *Título do livro*. Cidade, Editora, Ano, página.

Ex: Rogério Nascimento. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2000, p. 69.

II) Para artigos ou capítulos de livros:

Nome do autor. “Título” in *Título da obra*. Cidade, Editora, ano, página.

Michel de Montaigne. “Da educação das crianças” in *Ensaio, vol. I*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo, Nova Cultural, Coleção Os pensadores, 1987, p. 76.

III) Para artigos publicados em periódicos:

Nome do autor. “Título” in *Nome do periódico*. Cidade, Editora, volume e/ou número, ano, páginas.

José Maria de Carvalho. “Elisée Reclus, vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia” in *Utopia*. Lisboa, Associação Cultural A Vida, n. 21, 2006, pp. 33-46.

IV) Para citações posteriores:

a) primeira repetição: Idem, p. número da página.

b) segunda e demais repetições: Ibidem, p. número da página.

c) para citação recorrente e não sequencial: Nome do autor, ano, op. cit., p. número da página.

V) Para obras traduzidas:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradução de [nome do tradutor]. Cidade, Editora, ano, número da página.

Ex: Michel Foucault. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma T. Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2000. p. 42.

VI) Para textos publicados na internet:

Nome do autor ou fonte. *Título*. Disponível em: [http://\[endereço da web\]](http://[endereço da web]) (acesso em: data da consulta).

Ex: Claude Lévi-Strauss. *Pelo 60º aniversário da Unesco*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n1/indexn1.htm> (acesso em: 24/09/2007).

VII) Para resenhas:

As resenhas devem identificar o livro resenhado, logo após o título, da seguinte maneira:

Nome do autor. *Título da Obra*. Tradutor (quando houver). Cidade, Editora, ano, número de páginas.

Ex: Roberto Freire. *Sem tesaõ não há solução*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987, 193 pp.

As colaborações devem ser encaminhadas por meio eletrônico para o endereço nu-sol@nu-sol.org salvos em extensão “.docx”. Na impossibilidade do envio eletrônico, pede-se que a colaboração em cd seja encaminhada pelo correio para:

Revista Verve

Núcleo de Sociabilidade Libertária (Nu-Sol), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Rua Ministro Godói, 969, 4º andar, sala 4E-20, Perdizes, CEP 05015-001, São Paulo/SP.

Informações e programação das atividades do Nu-Sol no endereço: www.nu-sol.org

covid-19:

afirmações da vida

documentos

visite:

<http://www.nu-sol.org/blog/covid-19-afirmacoes-da-vida>

Observatório **ecopolítica**

visite:

<http://www.pucsp.br/ecopolitica/>
<http://revistas.pucsp.br/ecopolitica/>

Rua Monte Alegre, 984, sala S-17

São Paulo-SP

Telefone: (11) 3670-8372

